



PRESTAÇÃO DE CONTAS Nº 257-02.2012.6.00.0000

TERMO DE ABERTURA

Aos doze dias do mês de janeiro do ano de dois mil e quinze, procedi à abertura do 2° volume, à fl. 2005. Sousa Eu, Aux. de Microinformatica Coordenadoria de Registros Partidários, Autuação

e Distribuição - CPADI, lavrei o presente termo.





TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL SECRETARIA JUDICIÁRIA

PRESTAÇÃO DE CONTAS Nº 257-02.2012.6.00.0000

TERMO DE JUNTADA

Aos 24 de dezembro de 2014, junto a estes autos documento protocolizado sob o nº 37.181/2014, que segue.

Eu, , Normandes de Oliveira Santos, da Seção de Gerenciamento de Dados Partidários (SEDAP), lavrei este termo.

.

PROTOCOLO JUDICIARIO
37.181/2014
18/12/2014-14:12
Partido Comunista Brasileiro — PCI

X

Comitê Central: SDS, Bloco "R", Sala 311, Ed. Venâncio V, Asa Sul, Brasília – DF

CEP.: 70.393 – 904

Tel/Fax.: (61) 3323-2226

COMITÊ CENTRAL

Home Page: www.pcb.org.br

e-mail:pcb@pcb.org.br

TRIBUNAL SUPERIOR CLETTORAL
Fls.: () () (3 () ()
CPADI / SJD

Ao

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL

Prestação de Contas - Exercício Financeiro de 2011 Nº 257-02.2012.6.00.0000 - TSE (Protocolo nº 7.972/2012)

Procedência: Brasília - DF

Partido Comunista Brasileiro - PCB

Relator: Exmo. Senhor Ministro Luiz Fux

Excelentíssimo Senhor Relator,

Referimo-nos a Informação número 357/2014 ASEPA, onde havíamos solicitado a dilação dom prazo para mais 20 dias, conforme o disposto no artigo 20, § 1°, da Resolução – TSE nº 21.841/2004 para que pudéssemos verificar as pendências com profundidade e em seguida poder atender as exigências da melhor forma possível. Tendo conseguido o despacho favorável de V.Excia. em 18 de novembro de 2014, apresentamos parte das informações solicitadas, conforme segue:



8.1 Em relação a este item (letra c do item 9) continuamos verificando o que ocorreu, para entregarmos o mais breve possível;

Quanto aos itens 8.2 a 8.2.2, providenciaremos a devolução ao Tesouro Nacional dos depósitos de R\$ 2.000,00 (dois mil reais) e R\$ 220,50 (duzentos e vinte reais e cinquenta centavos) referentes à conta corrente 03000066-1 da Caixa Econômica Federal.

Em relação aos depósitos relativos aos créditos na conta corrente 500.543-4 (R\$ 248,17 e R\$ 52,00) do Banco do Brasil, ainda não foram apresentados pela gerência. Assim que obtivermos a resposta, apresentaremos o mais depressa possível;





Comitê Central: SDS, Bloco "R", Sala 311, Ed. Venâncio V, Asa Sul, Brasília – 🗖

CEP.: 70.393 - 904 Tel/Fax.: (61) 3323-2226

Home Page: www.pcb.org.br

e-mail:pcb@pcb.org.br

COMITÉ CENTRAL

Em relação aos itens 9. a 9.1.1, será preciso ver a documentação contida no processo, pois em nossos documentos não constam essa informação. Assim que obtivermos o resultado apresentaremos o mais rápido possível;

a) Serviços prestados por pessoas físicas

Itens 9.2.1 a 9.2.3

Seguem os contratos de serviços prestados do senhor Otávio Marhofer Dutra (CPF nº 042.695.579-07) referente à traduções realizadas, bem como os documentos traduzidos. O contrato da senhora Maria das Neves dos Santos (CPF nº 926.052.737-68) referente a serviços de manutenção e limpeza da sub sede nacional, localizada na cidade do Rio de Janeiro (Rua da Lapa, 180, salas 801,802 e 803). Quanto aos demais, estão sendo providenciados para serem entregues o mais urgente possível;

b) Aluguel da sala em Brasília

Estaremos encaminhando a cópia do contrato de aluguel o mais rápido possivel;

c) Hospedagem





Comitê Central: SDS, Bloco "R", Sala 311, Ed. Venâncio V, Asa Sul, Brasília – DF

CEP.: 70.393 - 904 Tel/Fax.: (61) 3323-2226

Home Page: www.pcb.org.br

e-mail:pcb@pcb.org.br

COMITÉ CENTRAL

d) Auxílio transporte e alimentação

Estamos fazendo um levantamento com as empresas fornecedoras desses dois auxílios para que possamos informar com precisão os beneficiários em 2011. Enviaremos o mais depressa possível;

e) Despesas com serviços de terceiros recorrentes

Em relação a estes CPFs, trata-se de serviços prestados, conforme discriminação à seguir: CPF nº 926.052.737-68 (Maria das Neves dos Santos) serviços de limpeza e manutenção da sub sede nacional localizada na cidade do Rio de Janeiro (Rua da Lapa, 180, Grupo 801 – Centro), três vezes por semana;

CPF nº 111.107.877-74 (Rodrigo Peixoto Pires) serviços administrativos e atendimento aos filiados e direções estaduais na sub sede nacional localizada na cidade do Rio de Janeiro (Rua da Lapa, 180, Grupo 801 – Centro), cinco dias por semana;

CPF nº 019.242.517-01 (José Renato André Rodrigues) serviços de digitação de documentos à serem publicados, como teses, resoluções de conferências e congressos, realizados na sub sede nacional localizada na cidade do Rio de Janeiro (Rua da Lapa, 180, Grupo 801 – Centro), três vezes por semana;

CPF nº 970.129.550-15 (Dario Luiz da Silva) serviços postagens, manutenção da Página do PCB na Internet, realizados a partir da sua residência em Santa Catarina;



CPADI/S

Comitê Central: SDS, Bloco "R", Sala 311, Ed. Venâncio V, Asa Sul, Brasília - DF

CEP.: 70:393 – 904 Tel/Fax.: (61) 3323-2226

Home Page: www.pcb.org.br

e-mail:pcb@pcb.org.br

COMITÉ CENTRAL

f) Inconsistência entre a informação contábil e o documento

Estamos verificando para responder o mais rápido possível.

g) Registro de suprimento de fundos sem contrapartida financeira

- 9.2.15. Estamos verificando, pois o cheque citado (851295) é do ano de 2010 e apresenta outro valor . Apresentaremos o resultado o mais depressa possível;
- 9.2.16. Idem ao item anterior;
- 10. a 10.1 Nesse caso no mês de outubro, por exemplo, se deu por causa da greve dos bancários em setembro daquele ano, nos outros casos podem ter ocorrido desatenção na hora dos pagamentos. Contudo, procederemos a devolução desses valores ao Tesouro Nacional.

Procurando complementar o mais depressa possível as questões que não foram enviadas,

Nos Termos Em que P. Deferimento

Brasília, 12 de dezembro de 2014.

Edilson Newes Gomes

Secretario de Finanças



Comitê Central: SDS, Bloco "R" – Edifício Venâncio V, 3º Andar – Sala 311 – Asa Sul. 1 (1 3 0 4
Brasília – DF – CEP.: 70.393 – 904

Telefax (061) 3323-2226

Home Page: www.pcb.org.br

e-mail:pcb@pcb.org.br

TRIBUNAL

COMITÉ CENTRAL

CONTRATO DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

IDENTIFICAÇÃO DAS PARTES CONTRATANTES

CONTRATANTE: Partido Comunista Brasileiro - PCB, com sede à SDS, Bloco "R", Sala 311, Edifício Venâncio V, Asa Sul, Brasília – DF, CEP.: 70.393-904, inscrito no CNPJ sob o nº 01.585.552/0001-71, neste ato representado pelo seu diretor Edilson Neves Gomes (Secretário de Finanças), brasileiro, solteiro, Carteira de Identidade nº 04.370.794-2 – DETRAN-RJ, CPF nº 496.399.197-72, residente e domiciliado na Rua da Lapa, 180, Grupo 801, Centro, Rio de Janeiro – RJ, CEP.: 20.021-180.

CONTRATADO (A): Maria das Neves dos Santos, brasileira, solteira, Auxiliar de Serviços Gerais, portadora do documento de identidade nº 1.323.333 – SSP/BA e CPF nº 926.052.737-68, residente e domiciliada à Rua Estocolmo, 19, Quadra 4, Vila Central, Queimados – RJ - CEP.: 26.316-151

A CONTRATADA, declara ter experiência e habilitação no que diz respeito a serviços de limpeza e conservação de ambientes de escritório.

As partes acima identificadas têm, entre si, justo e acertado o presente Contrato que se regerá pelas cláusulas seguintes e pelas condições descritas no presente.

Por





Comitê Central: SDS, Bloco "R" – Edifício Venâncio V, 3º Andar – Sala 311 – Asa Sul Brasília – DF – CEP.: 70.393 – 904
Telefax (061) 3323-2226

Home Page: www.pcb.org.br

e-mail:pcb@pcb.org.br

COMITÉ CENTRAL

DO OJETO DO CONTRATO

Cláusula 1ª. O presente instrumento objetiva, por parte da CONTRATADA, a prestação de serviços referentes a limpeza e conservação da sub-sede nacional do PCB no Rio de Janeiro, (RJ), situada à Rua da Lapa, 180, grupo 801- Centro – RJ/RJ.

Cláusula 2ª. Esta avença terá, "prima facie", duração de 2 (dois) anos, renováveis pelo mesmo período. Poderá, entretanto, ser rescindida a qualquer tempo, por qualquer das partes, desde que a parte interessada na rescisão notifique a outra, com uma antecedência mínima de 1 (um) mês.

Cláusula 3ª. As particularidades de cada trabalho a ser desempenhado serão passadas à CONTRATADA em momento oportuno e razoável, de forma detalhada e objetiva.

for

Cláusula 4ª. A CONTRATADA, ademais, se compromete na realização dos trabalhos que lhe serão solicitados em decorrência deste contrato - sob pena de rescisão contratual, salvo em se tratando daqueles que exijam conhecimentos e/ou técnicas que extrapolem a capacidade profissional da CONTRATADA.





Comitê Central: SDS, Bloco "R" – Edifício Venâncio V, 3º Andar – Sala 311 – Asa Sul Brasília – DF – CEP.: 70.393 – 904
Telefax (061) 3323-2226

Home Page: www.pcb.org.br

e-mail:pcb@pcb.org.br

COMITÉ CENTRAL

DAS OBRIGAÇÕES DA CONTRATADA

Cláusula 5^a. A CONTRATADA se obriga a prestar serviços, ou qualquer outro já descrito, com fidelidade, qualidade e perícia, sob pena de, prestando-o de forma insuficiente, sem prejuízo das medidas judiciais porventura cabíveis.

Parágrafo Único: A CONTRATADA deverá comparecer 12 (doze) dias por mês (três dias por semana), de acordo com as necessidades da CONTRATANTE.

Cláusula 6ª. A CONTRATADA deverá emitir, em favor da CONTRATANTE, recibo de serviços prestados, constando o valor total da remuneração avençada a cada trabalho, em conformidade com as especificações que certamente estarão contidas na solicitação do trabalho.

/p

DAS OBRIGAÇÕES DA CONTRATANTE

Cláusula 7ª. A CONTRATANTE obriga-se a pagar, integralmente, à CONTRATADA, os valores estipulados no presente contrato, na cláusula 8ª, § Único.





Comitê Central: SDS, Bloco "R" – Edifício Venâncio V, 3º Andar – Sala 311 – Asa Sul Brasília – DF – CEP.: 70.393 – 904
Telefax (061) 3323-2226

Home Page: www.pcb.org.br

e-mail:pcb@pcb.org.br

COMITÉ CENTRAL

DAS FORMAS DE PAGAMENTO

Cláusula 8^a. O tomador pagará à CONTRATADA os valores do serviço, os quais estarão devidamente discriminados pela CONTRATADA e constará, ainda, a descrição da forma escolhida, visto que a possibilidade de escolha da forma de pagamento, seja em dinheiro, cheque, ou depósito em conta corrente, restará acolhida no contrato.

Parágrafo único. O pagamento será realizado, até o prazo máximo de 5 (cinco) dias expressos, contados os sábados, domingos e feriados. Dado prazo será contado, sempre, a partir da data da assinatura, isto é, do aceite da prestação de serviço, no valor de R\$ 70,25, (setenta reais e vinte e cinco centavos) por dia.

for

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Cláusula 9^a. os casos omissos neste contrato serão acordados entre as partes, via aditivo ao presente termo.



FIS. O O (3 O H

Comitê Central: SDS, Bloco "R" – Edifício Venâncio V, 3º Andar – Sala 311 – Asa Sul Brasília – DF – CEP.: 70.393 – 904 Telefax (061) 3323-2226

Home Page: www.pcb.org.br

e-mail:pcb@pcb.org.br

COMITÉ CENTRAL

Cláusula 10^a. O presente contrato de prestação de serviços não caracteriza ou constitui qualquer vínculo empregatício entre as partes, nada havendo neste instrumento que possa ser interpretado nesse sentido.

DO FORO LEGAL

Cláusula 11^a. Para dirimir quaisquer controvérsias oriundas do CONTRATO, as partes elegem o foro da comarca do Rio de Janeiro.

Por estarem, assim justos e contratados, firmam o presente instrumento, em duas vias de igual teor, juntamente com 2 (duas) testemunhas.

Rio de Janeiro, 09 de novembro de 2009.

Edilson Neves Gomes

Secretário de Finanças do PCB

Morio das Neves dos Sontos

Maria das Neves dos Santos

CONTRATADA





Comitê Central: SDS, Bloco "R" – Edifício Venâncio V, 3º Andar – Sala 311 – Asa Sul Brasília – DF – CEP.: 70.393 – 904
Telefax (061) 3323-2226

Home Page: www.pcb.org.br

e-mail:pcb@pcb.org.br

COMITÉ CENTRAL

TESTEMUNHAS

Heitor César Ribeiro de Oliveira

CPF nº 102.761.027-70

Daniel Ceglia Duarte

CPF: 070.926.037-73





Comitê Central: SDS, Bloco "R" – Edifício Venâncio V, 3º Andar – Sala 311 – Asa Sul Brasília – DF – CEP.: 70.393 – 904 Telefax (061) 3323-2226

Home Page: www.pcb.org.br

e-mail:pcb@pcb.org.br

COMITÉ CENTRAL

CONTRATO DE TRADUÇÃO

IDENTIFICAÇÃO DAS PARTES CONTRATANTES

CONTRATANTE: Partido Comunista Brasileiro - PCB, com sede à SDS, Bloco "R", Sala 311, Edifício Venâncio V, Asa Sul, Brasília – DF, CEP.: 70.393-904, inscrito no CNPJ sob o nº 01.585.552/0001-71, neste ato representado pelo seu diretor Edilson Neves Gomes (Secretário de Finanças), brasileiro, solteiro, Carteira de Identidade nº 04.370.794-2 – DETRAN-RJ, CPF nº 496.399.197-72, residente e domiciliado na Rua da Lapa, 180, Grupo 801, Centro, Rio de Janeiro – RJ, CEP.: 20.021-180.

CONTRATADO (A): Otávio Marhofer Dutra, brasileiro, solteiro, portador do documento de identidade nº 2494134-4 – SSP/SC e CPF nº 042.695.579-07, residente à Servidão, 55, apto. 501 - Edifício Boulevard, Centro, Florianópolis – SC – CEP.: 88.015-455.

O CONTRATADO declara ser tradutor, intérprete e revisor experiente e habilitado nos idiomas os quais aceitar desempenhar o trabalho, com grau de proficuidade compatível com a exigibilidade do projeto, que será regulado no presente contrato.

As partes acima identificadas têm, entre si, justo e acertado o presente Contrato que se regerá pelas cláusulas seguintes e pelas condições descritas no presente.





Comitê Central: SDS, Bloco "R" – Edifício Venâncio V, 3º Andar – Sala 311 – Asa Sul Brasília – DF – CEP.: 70.393 – 904

Telefax (061) 3323-2226

Home Page: www.pcb.org.br

e-mail:pcb@pcb.org.br

COMITÊ CENTRAL

DO OJETO DO CONTRATO

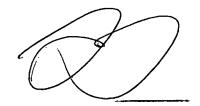
Cláusula 1ª. O presente contrato tem como objeto a prestação, por parte do CONTRATADO, de serviços de tradução, bem como interpretação, revisão, copidesque, leitura técnica, transcrição de fitas de áudio ou vídeo e redação de textos de natureza e formatos distintos.

Cláusula 2ª. Esta avença terá, "prima facie", duração de 2 (dois) anos, renovável pelo mesmo período. Poderá, entretanto, ser rescindida a qualquer tempo, por qualquer das partes, desde que a parte interessada na rescisão notifique a outra, com uma antecedência mínima de 1 (um) mês.

Cláusula 3º. As particularidades de cada trabalho a ser desempenhado serão passadas ao CONTRATADO em momento oportuno e razoável, de forma detalhada e objetiva. A ordem de serviço especificará, em cada projeto, o título ou descrição da tradução a ser realizada, o prazo hábil e os valores da remuneração.

Cláusula 4ª. O CONTRATADO, ademais, se compromete na realização dos trabalhos que lhe serão solicitados em decorrência deste contrato - sob pena de rescisão contratual, salvo em se tratando daqueles que exijam conhecimentos e/ou técnicas que extrapolem a capacidade profissional do CONTRATADO.

DAS OBRIGAÇÕES DO CONTRATADO



Cláusula 5^a. O CONTRATADO se obriga à prestar serviços, quer de tradução, quer de interpretação ou qualquer outro já descrito, com fidelidade, qualidade e perícia, sob pena de, prestando-o de forma insuficiente, sem prejuízo das medidas judiciais porventura cabíveis.

Cláusula 6ª. Enquanto viger este contrato, o CONTRATADO deverá se





Comitê Central: SDS, Bloco "R" – Edifício Venâncio V, 3º Andar – Sala 311 – Asa Sul Brasília – DF – CEP.: 70.393 – 904
Telefax (061) 3323-2226

Home Page: www.pcb.org.br

e-mail:pcb@pcb.org.br

COMITÉ CENTRAL

apresentar perante o cliente final sempre em nome da **CONTRATANTE**, prezando sempre pelo profissionalismo. Não poderá, logo, em hipótese alguma, realizar autopromoção com intuito de se beneficiar disso.

Parágrafo único. Entende-se por cliente final aquele ao qual se destina, derradeiramente, o produto, isto é, sendo a ele prestado o resultado do serviço.

Cláusula 7ª. O CONTRATADO deverá emitir, em favor da CONTRATANTE, recibo de serviços prestados, constando o valor total da remuneração avençada a cada trabalho, em conformidade com as especificações que certamente estarão contidas na Ordem de Serviço.

Cláusula 8ª. O CONTRATADO renuncia, formal e expressamente, a todos e quaisquer direitos que tenha ou possa vir a reclamar, concernentes a direitos autorais das traduções e/ou textos por ele confeccionados, passando-se a entender como propriedade do tomador, ou de seu cliente final — a despeito deste não possuir relevância jurídica no presente contrato, conforme o caso, todo e qualquer material produzido pelo CONTRATADO sob a égide deste contrato.

Cláusula 9ª. Compromete-se, ademais, a guardar discrição e segredo profissional relativos ao conteúdo dos materiais cuja tradução lhe seja confiada durante a vigência deste contrato e por prazo adicional de 5 (cinco) anos após sua rescisão. Dado prazo, porém, poderá ser outro a ser exigido pela CONTRATANTE ou por seu cliente final, caso assim entendam necessário. Pode o CONTRATANTE requerer, caso julgue necessário, que o CONTRATADO assine um termo de confidencialidade como condição para a prestação do serviço.

Cláusula 10^a. No caso de retrabalho e conseqüente ônus para o CONTRATANTE, ficará obrigado o prestador do serviço a reparar e arcar, pecuniariamente, com as despesas eventuais.





Comitê Central: SDS, Bloco "R" – Edifício Venâncio V, 3º Andar – Sala 311 – Asa Sul Brasília – DF – CEP.: 70.393 – 904
Telefax (061) 3323-2226

Home Page: www.pcb.org.br

e-mail:pcb@pcb.org.br

COMITÉ CENTRAL

DAS OBRIGAÇÕES DA CONTRATANTE

Cláusula 11ª. O CONTRATANTE obriga-se a pagar, integralmente, ao CONTRATADO, os valores estipulados na Ordem de Serviço correspondente a cada Projeto, mesmo na hipótese de posterior cancelamento de serviços autorizados e já iniciados, resguardados, obviamente, o caso fortuito, a força maior – ex vi o artigo 393 do Código Civil pátrio – e atos fora do controle da CONTRATANTE e de seu cliente final. Sendo meritório, poderão ocorrer alterações na data-limite dantes acordada para o projeto. Dadas modificações deverão ser consensuais para as partes.

DAS FORMAS DE PAGAMENTO

Cláusula 12^a. O tomador pagará ao CONTRATADO os valores do serviço, os quais estarão devidamente discriminados pelo CONTRATADO e constará, ainda, a descrição da forma escolhida, visto que a possibilidade de escolha da forma de pagamento, seja em dinheiro, seja em depósito em conta corrente, restará acolhida no contrato.

Parágrafo único. O pagamento será realizado, impreterivelmente, até o prazo máximo de 5 (cinco) dias expressos, contados os sábados, domingos e feriados. Dado prazo será contado, sempre, a partir da data da assinatura, isto é, do aceite da prestação de serviço, no valor de R\$ 15,00 (quinze reais) por lauda traduzida e digitada.

DOS CRITÉRIOS DE QUANTIFICAÇÃO

Cláusula 13^a. Para a quantificação dos trabalhos a serem desempenhados adota-se os seguintes critérios abaixo discriminados:

Parágrafo 1º. Tradução: adotar-se-á o critério de número de laudas, ou seja, as traduções deverão ser digitadas em páginas de configuração A4, fonte Arial, tamanho 12, em texto justificado e de espaçamento entre linhas





Comitê Central: SDS, Bloco "R" – Edifício Venâncio V, 3º Andar – Sala 311 – Asa Sul Brasília – DF – CEP.: 70.393 – 904
Telefax (061) 3323-2226

Home Page: www.pcb.org.br

e-mail:pcb@pcb.org.br

COMITÉ CENTRAL

padrão. Contar-se-á o número de laudas produzidas totalizando o valor a ser pago. No caso de laudas não preenchidas, se usará o arredondamento: preenchida até antes da metade, conta como metade do valor de uma lauda; preenchida até mais da metade, valora-se como lauda inteira.

Parágrafo 2º. Optativamente, adotar-se-á o critério de quantificação por palavras, do texto original ou do texto traduzido, conforme especificação na Ordem de Serviço.

Parágrafo 3º. Revisão, Leitura Técnica e Copidesque: adotar-se-á o mesmo critério descrito no parágrafo 1º, podendo, também, se usar a alternativa de quantificação definida no parágrafo 2º.

Parágrafo 4º. Optativamente, ainda em relação à interpretação, poder-se-á adotar o critério previsto no parágrafo 6º desta cláusula, bem como critério outro que venha explicitado na Ordem de Serviço devidamente enviada e aceita pelo CONTRATADO.

Parágrafo 5º. Casos excepcionais: poder-se-á adotar um valor mínimo ou global para a realização de todo o trabalho, independentemente do número de laudas ou palavras, bem como do número de horas trabalhadas, devendo esta condição estar claramente indicada na Ordem de Serviço devidamente enviada e aceita pelo CONTRATADO.

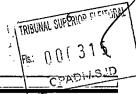
DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Cláusula 14ª. O presente contrato de prestação de serviços não caracteriza ou constitui qualquer vínculo empregatício entre as partes, nada havendo neste instrumento que possa ser interpretado nesse sentido.

DO FORO LEGAL

Cláusula 15^a. Para dirimir quaisquer controvérsias oriundas do CONTRATO, as partes elegem o foro da comarca do Rio de Janeiro.





Comitê·Central: SDS, Bloco "R" – Edifício Venâncio V, 3º Andar – Sala 311 – Asa Sul Brasília – DF – CEP.: 70.393 – 904
Telefax (061) 3323-2226

Home Page: www.pcb.org.br

e-mail:pcb@pcb.org.br

COMITÉ CENTRAL

Por estarem, assim justos e contratados, firmam o presente instrumento, em duas vias de igual teor, juntamente com 2 (duas) testemunhas.

Rio de Janeiro,06 de janeiro de 2009.

Edilson Neves Gomes Secretário de Finanças do PCB CONTRATANTE

Ótávio Marhofer Dutra CONTRATADO

TESTEMUNHAS

Heitor César Ribeiro de Oliveira CPF nº 102.761.027-70

José Renato André Rodrigues CPF: 019.242.517-01



PARTIDO COMUNISTA PARAGUAIO

TRIBUNAL SUPERIOR TO THE COADILES ID

Pleno del Comité Central Comité Central Diciembre de 2010

Documento político

Situación Internacional

Formamos parte de un mundo en crisis y de una humanidad en lucha. Economía, energía, producción, recursos naturales y guerra.

Sin lugar a dudas el marco de la coyuntura no sólo para la región, sino para el mundo, es la actual crisis económica internacional. Se trata de una crisis del sistema capitalista e imperialista, calificada como la peor de la historia de la humanidad.

En este marco, se viene generando un embrutecimiento de la oligarquía internacional, que se reproduce en un discurso violento y de criminalización de la pobreza y la protesta social.

Tener en cuenta la crisis sistémica y general del capitalismo imperialista es sumamente esencial a la hora de definir políticas públicas de desarrollo para cualquier país, así como para comprender la importancia geopolítica que tiene el Paraguay, en el corazón de América del Sur, con una de las mayores reservas de agua del planeta, con una gran capacidad hidroeléctrica, con posibles yacimientos de petróleo y gas, como también con recientes descubrimientos de Titanio y Uranio, sumados a la existencia de importantes cantidades de oro. Esto explica el interés de EE.UU. en nuestro país y la presencia de una de sus cinco embajadas más grande que tiene en el mundo.

Un nuevo mapa mundial

El proceso de crisis sistémica actual, se asemeja a los pataleos del ahogado, en el sentido que la centralización económica en EEUU, dada su crisis, configura un rumbo incierto en cuanto a su capacidad de dominar y conducir a la humanidad. Ese tránsito confuso y anárquico se expresa en desplazamientos de capitales y crisis monetarias. Estas últimas como intento de establecer signos monetarios liberados de un dólar sumamente deteriorado como consecuencia de la sobre abundancia de la moneda en el mundo. El proceso de deriva tiene como consecuencia la configuración de un nuevo mapa y lo más relevante: una nueva correlación de fuerzas. A la sobreproducción o sobreoferta de bienes, se suma la sobre acumulación de capitales que buscan desesperadamente mantener una insostenible tasa de ganancia, recrudeciendo la acumulación por desposesión.

Toda esta situación está enmarcada por una profunda crisis energética que da cuenta de grandes limitaciones para continuar con el mismo ritmo (ni hablar de un ritmo superior) de utilización de energía, teniendo en cuenta el agotamiento (no renovable) del petróleo y la imposibilidad objetiva de sustituirlo por otras fuentes de energía en el mediano plazo.

Financiarización y crisis

Generalmente las crisis cíclicas del capitalismo tienen como síntoma la financiarización. Esto es, una desproporción de la inversión en el sector financiero en detrimento de la economía real de bienes y servicios. En la crisis actual esa desproporción no tiene precedentes.

Al caer el promedio de tasa de ganancia, hay un desacople del capital real hacia el financiero cada vez mayor porque los capitalistas están buscando una tasa alta con un retorno de la inversión de corto plazo.

La Cultura de la financiarización

Se ha generado como nunca antes una cultura de la financiarizacion. Un culto a la inversión financiera en el marco de una ingeniería cada vez más sofisticada para colocar recursos en el mercado financiero. Tanto que los medios masivos de comunicación como CNN tienen programas que vienen promoviendo desde hace un buen tiempo un montón de figuras financieras para estimular y promover que la clase media destine sus recursos hacia ese sector.

Remedio peor que la enfermedad

El derrumbe consecuente que se deriva de esta práctica aparentemente no tiene retorno, y la respuesta socorrida viene siendo la inyección de recursos financieros públicos al mismo sector financiero no pudiendo reactivar la demanda y de ahí reactivar la economía, reforzando en lugar de mitigar el desajuste.

Para EEUU esa invección no tiene los efectos devastadores que está teniendo en Europa[1], porque es el propio Estado a través de la Reserva Federal el que hace la emisión. Estados Unidos es un país que emite una moneda, el dólar, que cuenta con un presupuesto federal único y con la capacidad del Gobierno de emitir deuda pública y hacérsela comprar a su Banco Central, la Reserva Federal. El problema grave es para el Banco Central Europeo, que subsidia a los países más críticos de la región como Grecia, Portugal, España e Irlanda. sin una expectativa de retorno de los recursos. Esto porque existen sistemas tributarios diferenciados. Los países citados tienen tributaciones regresivas a diferencia de los países centrales de Europa como Alemania y Francia que tienen sistemas tributarios progresivos. Dicho en términos más simples: los países pobres de Europa no podrán pagar esos subsidios por su flaqueza fiscal, lo que daría lugar también en Europa a una inflación extremada poniendo en serio riesgo la integridad del euro. Si hubiera un sistema fiscal único en la zona del euro la cuestión se parecería a la de Estados Unidos, pero ocurre, y es una de las grandes carencias, que cada país tiene su propia fiscalidad y sus propias cuentas públicas.

En el marco de este espantoso espectáculo hay una guerra de monedas que apuntan a liberarse de la contaminación del dólar y del euro y a partir de ahí, el intento de conformar nuevas zonas y relacionamientos. América Latina tiende con fuerza al establecimiento de intercambios, con países de Asia, en particular con China. El llamado BRIC (Brasil, Rusia, India y China) es un claro ejemplo que unifica al mayor territorio y a la mayor población mundial por fuera de los EEUU, La Unión Europea y Japón. Esto configura entonces nuevas zonas de relacionamiento comercial y económico, con nuevas periferias y semiperiferias.

FISH O (317

Esta reconfiguración en la correlación de fuerzas, puede ser un escenario auspicioso para América Latina, salvando obviamente los costos de la crisis. **América Latina y la crisis**

TRIBUNAL SUPERIOR CONGLAL

FIS.: 00 (31 H

CPADI/SJD

Para América Latina, el efecto inmediato de la crisis, es de carácter más político que económico.

Asumiendo que la crisis mundial tiene como determinante la crisis de la economía norteamericana, eso se traduce para la región en un recrudecimiento de una contraofensiva conservadora, para intentar recuperar el control que viene perdiendo ante la emergencia de gobiernos autonomistas en la región. La decadencia del imperio capitalista norteamericano conlleva la articulación por parte de EEUU de una estrategia, desesperada, por la vía militar que apeligra la vuelta a nostálgicas prácticas fascistas y guerras de exterminio. La afirmación de la crisis con un cariz más político que económico, se basa en que la región tuvo en promedio un crecimiento aceptable. En el caso de Paraguay, se pronostica un crecimiento del PIB acumulado de hasta el 11%. Este crecimiento sin embargo, en absoluto significa un desacople de la dependencia respecto a la economía norteamericana. Esto, sobre todo, porque como nunca antes en la historia de la humanidad, la economía mundial estuvo tan integrada y centralizada en una potencia como en la coyuntura actual. En general en América Latina se dio el escenario contrario al efecto recesivo de los países centrales, como consecuencia del incremento del precio de productos del sector primario alimentario. En los Estados independientes (y de relativa independencia) de la región (Argentina, Brasil, Venezuela, Ecuador, Bolivia) eso tuvo que ver con la entrada en vigor de una praxis de integración y para los grandes estados de América del Sur, como Argentina y Brasil, por el incremento de inversiones públicas.

Para Paraguay, el crecimiento se debió simplemente al incremento del precio de la soja y la carne. Dadas las características de estos rubros, el crecimiento reflejado en el PIB sin embargo, no se traduce en absoluto en la redistribución del ingreso que pudiera estimular un mercado interno. Contrariamente, exacerba la concentración de riqueza sobre todo por un sistema tributario regresivo[2].

El efecto político y los riesgos de un neofascismo

En este proceso de derrumbe y sobre todo ante la consolidación de gobiernos independientes (y de relativa independencia) respecto a la hegemonía norteamericana, EEUU refuerza diseños estratégicos para recuperar el control con nostálgicas prácticas fascistas. Al golpe de Honduras, el intento de golpe en Ecuador, los sabotajes al gobierno de Bolivia y el hostigamiento permanente al gobierno bolivariano de Hugo Chávez, se exacerban los intentos de instalación de enclaves[3] como el que se estableció en Colombia. En ese marco es que Paraguay se constituye en un punto geográfico tremendamente vulnerable. Esto porque sin duda, EEUU ya no tiene las facilidades de control de la región como tenía en el contexto de la guerra fría y la doctrina de seguridad nacional.

Estas nuevas políticas de control imperial quedan en buena medida develadas y confirmadas con la difusión de documentos en el sonado caso wikileaks. — Justamente, a propósito del tema enclaves, vale considerar una comunicación diplomática publicada por wikileaks, en que se devela una conspiración militar contra Venezuela en complicidad entre el gobierno de Uribe y el jefe del Estado

Fis: 00(319)

Mayor Conjunto de Estados Unidos, Mike Mullen, realizado en enero de 2008, de acuerdo a un reporte del embajador norteamericano en ese país. Desde esa perspectiva, es preocupante la política del gobierno paraguayo de acercamiento al gobierno colombiano refrendando acuerdos para la importación de políticas de control social equivalentes al llamado "Plan Colombia".

Los nuevos vientos en Latinoamérica

Felizmente hemos tenido resultados electorales en la región como los de Uruguay y Brasil que equilibran la correlación de fuerzas y contribuyen a establecer un resguardo al macabro intento imperial norteamericano, contribuyendo a consolidar la constitución de los gobiernos independientes latinoamericanos. El retroceso sin embargo se dio con el resultado de elecciones en Chile y el triunfo del pinochetista Piñera que se agrega al eje conservador junto con el gobierno de Perú y Colombia.

Vale aclarar que cuando se habla de gobiernos independientes en América Latina, no estamos hablando precisamente de gobiernos revolucionarios, sino de gobiernos con políticas destinadas a desprenderse de la égida norteamericana. Esta lectura exige por tanto, matices a la hora de calificar el escenario. En ese sentido vale acotar que esa política por parte del Brasil se encuadra en un proyecto de potencia. Esta política de potencia deberá ser tenida en cuenta con sus consecuencias en el largo plazo, pero en el corto plazo es una coyuntura favorable a los efectos tácticos que nuestro país debería aprovechar.

La integración como alternativa

En el marco de la reconfiguración del mapa mundial, América Latina desde los auspicios de gobiernos como Venezuela, Ecuador, Bolivia y por supuesto Cuba, que ya no está tan sola, se plantea como alternativa la conformación de proyectos de integración que apunten a la creación de un bloque de poder soberano respecto a los grandes centros de poder mundial.

Estos intentos como el MERCOSUR, UNASUR, CELAC (Comunidad de Estados Latinoamericanos y Caribeños) y BANCO DEL SUR que se suman al ALBA y Banco del ALBA etc encuentran sin embargo múltiples sabotajes apuntalados por las oligarquías locales. En nuestro país vemos que el parlamento de tinte claramente oligárquico, está tratando a toda costa impedir la incorporación de Venezuela al MERCOSUR, como la integración al UNASUR. Obviamente esta posición de un parlamento cipayo paraguayo, está alentada por la embajada norteamericana.

Entendemos que esta postura sostenida por la derecha paraguaya generará un alto costo político para nuestro país, asumiendo que el Paraguay es como una cuña entre los dos Estados más grandes de América del Sur que hoy están gobernados por proyectos que se desprenden del tutelaje norteamericano. En este sentido la mayoría parlamentaria pro yanqui de la derecha paraguaya no podrá sostener tan fácilmente una política anti integracionista.

Así pues, nuestro país es objeto de una tensión que irá creciendo. Tensión entre los polos que se están configurando en la región. Por un lado el norteamericano, y por otro el bloque regional en ascenso. A la correlación de fuerzas internacional y regional y la presión que provenga de los sectores progresistas dependerá que Paraguay pueda afirmarse en su postura

latinoamericanista. Si así no fuera, estaremos condenados al triste rol de enclave del cono sur de América.

Balance Político

El giro a la derecha en Europa

En Europa avanzan las peores tesis de la derecha en diferentes países: Italia, Francia, Alemania, Suiza, Austria, entre otros. (En España se protege a los fascistas y se reprime a los antifascistas. En la República Checa ilegalizan al Partido Comunista).

Las importantes manifestaciones antiglobalización de comienzos del siglo no se concretaron en un movimiento político alternativo para disputarle el gobierno a la derecha. Por ello se han podido aplicar medidas regresivas contra los trabajadores y el pueblo. (Aumento de la jornada laboral a 60 y 65 horas de trabajo, en el marco de mayor desocupación y caída salarial).

Las clases dominantes para ocultar este grado de explotación exacerban los nacionalismos y la xenofobia, buscando generar un enemigo interior: el inmigrante.

Algunos gobiernos europeos ante la crisis económica, recurren a la aplicación de las viejas recetas de ajuste fiscal en tanto que a otros países se las imponen. En Grecia genera una respuesta masiva de los trabajadores y el pueblo. Es una señal positiva en un continente donde la derecha predomina en los últimos tiempos y las clases dominantes no han dudado en reprimir ferozmente estas manifestaciones.

Al movimiento obrero se suman enormes protestas estudiantiles en varios países como Inglaterra, Francia, Italia y Grecia contra los altos costos, la elitización y la mercantilización de la educación.

Emergen nuevas fuerzas que pueden comenzar a configurar un balance mundial más favorable a la humanidad, hoy enfrentada a la expansión, dominio y atropello de la acción imperialista.

La contraofensiva imperialista en América Latina

El control de su «patio trasero» es fundamental para la estrategia de EEUU. Por eso busca tener a Cuba y a los procesos avanzados de América Latina controlados y amenazados militarmente. Lo confirman las bases en Colombia y Panamá, Guantánamo, la nueva base «de hecho» en Haití.

La táctica utilizada por EEUU para derrocar o esterilizar a los gobiernos avanzados de América Latina ha ido variando en estos 20 años en función de la correlaciones de fuerzas. Desde golpes de Estado en Venezuela, Honduras y Ecuador; la financiación y entrenamiento de la oposición como en el movimiento separatista de Bolivia, o los procesos de desestabilización en Paraguay; la cooptación de dirigentes en Ecuador (Lucio Gutiérrez), la presión económica como frente al fracaso del ALCA, buscar acuerdos bilaterales (TLC y sucedáneos) u ofensivas diplomáticas en beneficio de los obedientes al imperio.

América Latina es la primera zona de influencia de Norteamérica; controlarla asegura un mercado para sus productos y el acceso a sus materias primas. Los TLC no son las únicas medidas de EEUU, también está el Plan Puebla-Panamá, que implica el control de más de un millón de kilómetros cuadrados de extraordinaria riqueza minera, petrolera, agrícola, hidráulica, forestal y biológica. El dominio de la biodiversidad se convierte en parte de la estrategia de dominación mundial. Los megaproyectos de Integración de la Infraestructura



regional de América del Sur(sus rutas pasan por las fuentes de agua, minerales, gas y petróleo) son proyectos de mercantilización total de la naturaleza para uso masivo. Convierten a América Latina en pieza clave en el mercado internacional de bienes primarios a costa de la devastación de sus territorios. El Plan Colombia es parte de las acciones por el control que implica de esta zona estratégica.

TRIBUTAL SUPERIOR TO TAKE

TRADUÇÕES DE MARÇO DE 2014

Cumple 80 años de lucha por el Socialismo

Caracas, 12 ene. 2011, Tribuna Popular.- En el titular de Tribuna Popular No 184, órgano de prensa del Comité Central del Partido Comunista de Venezuela SUPERIOR FIETORNA (PCV), el Partido adelanta que el 2011 será un año de grandes decisiones que se deben tomar en los sectores sociales y revolucionarios del país, con una Collega Company de Company d

Avanzando en esa proyección, el diputado Oscar Figuera, secretario general del PCV propuso ayer en la primera sesión de la Asamblea Nacional, poner en la agenda de discusión la Ley Orgánica del Trabajo y desafió a los representantes de la ultraderecha venezolana a apoyar medidas como la inamovilidad absoluta de los trabajadores; las 6 horas de trabajo y la Ley Especial de los Consejos Socialistas de Trabajadores y Trabajadoras. En esa misma idea el Buró Político del Gallo Rojo, exigió a la Asamblea Nacional (AN) este lunes al poder legislativo, poner en agenda la discusión de la nueva Ley Orgánica del Trabajo (LOT), insistiendo que debe ser un nuevo y revolucionario texto legal y manifestó su complacencia por la decisión del Ejecutivo Nacional de no elevar el porcentaje del Impuesto al Valor Agregado (IVA) por ser un impuesto regresivo y neoliberal.

80 AÑOS DE LUCHA POR EL SOCIALISMO Y el 14º CONGRESO NACIONAL

El próximo 5 de marzo, el Partido Comunista de Venezuela cumplirá 80 años de vida como organización marxista-leninista y destacamento político de la Clase Obrera venezolana y durante este año se realizará el 14º Congreso Nacional del PCV, lo que se avizora como un año de intensa actividad política de los comunista en el marzo de fortalecer sus estructuras, ampliar su ligazón con las y los trabajadores y tomar decisiones que permitan profundizar la revolución de liberación nacional que se desarrolla en Venezuela, en la perspectiva socialista.

UN AÑO DE COMBATES CLASISTAS

Para el Buró Político del Comité Central del PCV, el año 2011 serán doce meses intensos de una profunda confrontación de clases; de conformación de la Unidad Popular Revolucionaria como herramienta colectiva de dirección y de una amplia lucha continental y mundial contra los intentos del imperialismo por socavar los procesos de liberación latinoamericana.

El Buró Político llamó al conjunto de la militancia comunista y a las y los trabajadores a fortalecer el instrumento partidario de la clase obrera, en el marco de los 80 años de vida del PCV y el 14º Congreso Nacional del Gallo Rojo a celebrarse en este año.

"Va a ser un año de fuertes combates y de luchas de masas, tanto en el ámbito nacional como internacional", por lo que llamó a los trabajadores y al pueblo venezolano a prepararse para un año de fuerte confrontación clases para coronarlo con grandes victorias revolucionarias.

El PCV destacó los principales hitos políticos que se desarrollarán a lo largo del 2011, un año que estará marcado por dos eventos trascendentales para las y los comunistas venezolanos: la celebración del 80° Aniversario de la formación de la primera célula del Gallo Rojo, el 5 de marzo de 1931, fecha consagrada como la formación del Partido, y la realización del 14° Congreso Nacional, organismo máximo de dirección colectiva de los comunistas.

Adicionalmente, se conmemorará el 63° Aniversario de Tribuna Popular, órgano del Comité Central, fundado el 17 de febrero de 1948; el Centenario de la celebración el 8 de marzo como Día Internacional de la Mujer trabajadora; y, el 64° Aniversario de la Juventud Comunista de Venezuela (JCV), fundada el 16 de septiembre de 1947.

DIRECCIÓN COLECTIVA DEL PROCESO

El PCV reiteró su posición histórica de la necesidad de contar, "hoy y no mañana", con una instancia que permita a las fuerzas revolucionarias y al proceso contar una dirección colectiva, definida por el PCV como "un espacio de articulación, coordinación, de cohesión, de debate, de discusión y de un intercambio crítico y autocrítico entre las diferentes fuerzas del proceso". Para el PCV, la constitución de este instrumento unitario debe darse en todos los sectores sociales y espacios territoriales, que permita ir adquiriendo una experiencia necesaria para que vaya avanzando la construcción de una Dirección Colectiva del Proceso, contando con el liderazgo del presidente Chávez.

"La gran credibilidad y liderazgo que tiene el Presidente Chávez, tiene que ponerse al servicio de la constitución de esta Dirección Colectiva, para atender y resolver las carencias, fallas y debilidades que presenta el proceso revolucionario", subrayó el Buró Político.

Para el Partido Comunista de Venezuela, esta instancia debe trascender las elecciones del 2012 y debe constituirse desde ya. Para el 2012 ya debe estar constituido, pero no como un instrumento electoralista, sino como una instancia para mejorar la gestión del gobierno revolucionario.

"En esa misma medida, iremos retomando muchas de las voluntades que se han perdido en el pueblo venezolano", resaltan la dirigencia comunista.

REORIENTACIÓN DEL RÉGIMEN TRIBUTARIO

Para el PCV no es concebible que un gobierno revolucionario y de perspectiva socialista desarrolle iniciativas como elevar el IVA para enfrentar la necesidad de fondos para la emergencia, por ello manifestó que la decisión del Ejecutivo Nacional fue "correcta" al rectificar en esta medida.

"Es un impuesto que no guarda correspondencia con el proceso revolucionario que está en curso en Venezuela", precisó Eusse, insistiendo que es un impuesto regresivo y que fue implementado por los gobiernos neoliberales del puntofijismo en las décadas pasadas.

Pero el Buró Político del PCV, no sólo considera como una medida correcta la no subida de este impuesto, sino que llamó a su eliminación, en el marco de impulsar un nuevo régimen tributario para el país.

"Nosotros consideramos que es indispensable producir una reforma tributaria de tipo progresista que guarde correlación con los principios establecidos en la Constitución Bolivariana de Venezuela y las orientaciones que impulsa el proceso revolucionario", expresó el dirigente obrero comunista.

Algunos elementos que debería incorporar esa Reforma Tributaria propuesta por el PCV, es elevar los impuestos a las ganancias que obtienen los capitalistas en Venezuela, "Debe ser incrementado la tasa del impuesto sobre la renta y el impuesto a la ganancia súbita de las empresas capitalistas".

LOT DEBE ESTAR EN AGENDA DE AN

El Partido Comunista de Venezuela (PCV) manifestó que la Ley Orgánica del Trabajo (LOT) debe estar en la Agenda Parlamentaria de la Asamblea

TRIBUNAL SUPERIOR FIF

CPADI/SUD

Nacional, precisando que no se trata de una reforma puntual, sino que debe ser nueva y con profundo carácter revolucionario.

"Además –enfatizó Eusse– se deben crear las condiciones para un gran debate nacional con una participación protagónica de los trabajadores y trabajadoras". Para el PCV no se trata de reformas puntuales a la LOT, la exigencia de los trabajadores en tener un nuevo instrumento legal "que produzca profundos cambios en las relaciones de trabajo: un fortalecimiento en los derechos ns: 06(32) colectivos e individuales de los trabajadores y trabajadoras y creen las condiciones para el ejercicio democrático de participación de la masa laboral en los centros de trabajo", precisó Pedro Eusse, quien es también Coordinador Nacional de la de la Corriente Clasista de Trabajadores "Cruz Villegas" (CCT-CV), activando en el seno de la Unión Nacional de Trabajadores (UNETE). Eusse llamó a la Asamblea Nacional a asumir su responsabilidad con los trabajadores y trabajadoras venezolanas y llamó a los trabajadores a elevar la presión para que en el corto plazo entre en discusión y debate la nueva y revolucionaria Ley Orgánica del Trabajo.

Habilitante puede legislar sobre casos particulares

EL PCV considera que el Presidente de la República, a través de la Ley Habilitante podría legislar en el caso de situaciones con régimen especial de trabajadores, como es el caso de las y los Conserjes y vigilantes de seguridad. "Que reivindique a ese sector, que como sabemos, tienen el uso de la vivienda mientras dura su trabajo y después quedan en la calle y sin ingresos", señaló el dirigente comunista.

DECLARAÇÃO PÚBLICA

O Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama de visita ao Chile respondeu a postura da população para que reconhecesse uma "meia culpa" pela brutal intromissão norte americana nos assuntos internos do Chile repair (3 2 5 década de 70 que culminara com o criminoso golpe de estado contra o CPADI/S/D Presidente constitucional do nosso país, Salvador Allende e que desatara o terrorismo de estado com uma sequela de milhares de vítimas, desaparecidos, torturados, presos, exonerados, exilados e relegados.

Não há resposta para os familiares dos desaparecidos que clamam desde mais de 3 décadas por verdade e justiça. E mais, em uma grosseira deformação os compara com as chamadas "damas de branco" em Cuba, financiadas pelos EUA para tratar de desestabilizar ao governo revolucionário.

Ainda mais, o Presidente Obama não acordou nenhum compromisso de não intervenção norte americana nos assuntos internos dos nossos países que detenha as tentativas golpistas que se realizam contra países que os EUA consideram contrários a sua esfera de influencia e que tampouco exime Chile dessa possibilidade no futuro.

Em sua pública mensagem às Américas, o presidente Obama reitero sensos comuns, fórmulas gastas – como a Aliança para o Progresso de Kennedy e a ALCA de Bush pai – que dizer, "muito barulho e poucas nozes".

Justifica os ataques ao território da Líbia alegando que os EUA jogam um papel secundário, dando a entender que se diferencia do que fez Bush no Iraque, fica manifesto, entretanto, que é a mesma política que encoberta de pretextos distintos está destinada a apoderar-se das reservas de petróleo e gás da zona.

Rechaçamos terminantemente o apoio que Piñera expressou sobre o ataque ao território e contra o povo líbio.

A visita de Obama ao Chile somente servirá como publicidade ao governo da direita e para tratar de fechar o chamado "processo de transição" que, sem dúvida, contou com o apoio dos Estados Unidos.

O povo chileno deve continuar lutando pela verdade e justiça, pela livre determinação, contra a ingerência nos assuntos dos estados e por um tratamento igualitário nas relações internacionais com todos os países do mundo para defender a paz, a proteção do planeta e a raça humana em perigo pelo modelo econômico e social que se pretendem impor desde Washington.

PARTIDO COMUNISTA DO CHILE

Santiago, 21 de Março de 2011

Traduzido por Coletivo Paulo Petry, núcleo do PCB/UJC em Cuba

Comité

Central

Partido Revolucionario de los Comunistas de Canarias (PRCC)

TRIBUNAL SUPERIOR FLETTORAL
FIS.: 40 (3 2 6
CPADL/S.2D

Ciudadana

La agresión militar contra el pueblo de Libia, con la cínica y manida excusa de la "defensa de los derechos humanos", demuestra una vez más que el imperialismo euronorteamericano no se detiene ante ningún crimen para controlar y poner a su disposición los recursos naturales de los países de África, Asia y América Latina.

Los salvajes bombardeos indiscriminados, causantes como en Irak y Afganistán de innumerables víctimas civiles no combatientes, y la declarada intención de provocar un cambio de régimen político por medio de la acción armada y de la colaboración de mercenarios y de opositores internos aliados del imperialismo y deseosos de servir a intereses extranjeros, desenmascaran a los hipócritas que, hasta hace cuatro días, trataban y hacían sin ningún pudor grandes negocios con los mismos dirigentes a los que hoy condenan y tratan de "dictadores".

Cada pueblo tiene el derecho de elegir, sin interferencias ni presiones externas, su propio camino hacia la libertad y la justicia social, a resolver por sí mismo el problema de su forma de gobierno y a la soberanía y la independencia nacionales.

Por eso condenamos la burda injerencia de las potencias imperialistas en los asuntos internos de Libia y rechazamos las intrigas de los servicios secretos norteamericanos y europeos para manipular en su propio interés la vida de los pueblos y su organización estatal, así como la burda propaganda de guerra cargada de mentiras y manipulaciones de la prensa capitalista.

¡No a la agresión imperialista a Libia! ¡Fuera las manos del imperialismo de África!

Canarias, 21 de marzo de 2010

A Ciberguerra dos EUA sem rodeios: 30 milhões para a subversão em Cuba e outros países

Escrito por Tracey Eaton

IRBUILL SUPERIOR TOTAL

File: (1) (-(327

CPACIA SUD

Departamento de Estado planeja gastar 30 milhões de dólares para projetos de "liberdade de internet" em Cuba e outras nações.

Resumo Latino Americano/Cuba debate - O Departamento de Estado planeja gastar 30 milhões de dólares para projetos de "liberdade de internet" em Cuba e outras nações (leia-se a liberdade de expressar o que convém a Washington N.R.).

Em uma noticia de janeiro de 2011, a agência solicitou idéias de projetos a organizações dos Estados Unidos interessadas em levar a cabo projetos de "liberdade e uso de internet em Cuba" e outras nações.

O dia 7 de fevereiro foi o prazo final. O Departamento de Estado não nomeou – e provavelmente não anuncie – as organizações que levarão ao cabo os projetos. A agência disse que solicitava idéias para escolher os melhores projetos e então solicitaria às organizações que apresentassem propostas formais.

Bolsas que oscilam entre meio milhão até oito milhões estão em jogo. Espera-se que os prêmios sejam um total de 30 milhões. O dinheiro provém do pressuposto federal para 2010, não o de 2011.

Organizações estadunidenses "sem fins lucrativos", universidades e centros de investigação são elegíveis para participar (como contratados. N.R). O Departamento de Estado pede que tenham experiência no trabalho em "ambientes em internet sumamente hostis". Companhias privadas, para os contratados de luxo – como Development Alternative Inc., a companhia que contratou Alan Gross - o contratado preso em Cuba – não foram convidadas a apresentar suas idéias.

Os países e regiões selecionados incluem:

- Leste da Ásia, incluindo Birmânia e China;
- O Oriente Próximo, incluindo Irã;

- Sudeste da Ásia, Cáucaso Meridional, Eurásia, incluindo Rússia e Ásia Central;
- América Latina, incluindo Cuba e Venezuela;
- África.



Entre os objetivos do Departamento de Estado encontramos: reforçar "o apoio aos ativistas digitais e as organizações da sociedade civil no exercício do seu direito à liberdade de expressão e o livre fluxo de informação..."

A agência afirmou que os projetos de apoio a "ativistas digitais" propostos devem incluir:

Tecnologia "contra a censura": a DRL (Escritório do Departamento de Estado da Democracia, Direitos Humanos e Trabalho) e a NEA (Escritório de Assuntos do Oriente Próximo) considerarão os projetos que apóiam a extensão das tecnologias individuais em ambientes específicos, assim como os projetos que identificam a uma organização principal para proporcionar sub-contratação e o apoio contratual às organizações sem "fins lucrativos" e para as empresas "sem fins" lucrativos que desenvolvem mantém as tecnologias de elusão...

Comunicações móveis seguras: desenvolvimento de tecnologias, técnicas e capacitação para melhorar a segurança das comunicações móveis (à margem das legislações e empresas locais. N.R.). Os projetos podem incluir componentes de: 1) incremento da privacidade do usuário e a segurança; 2) melhora das comunicações de segurança, redes e armazenamento de dados entre os "grupos dissidentes"; e 3) proporcionar um maior acesso à Internet sem censura através de dispositivos móveis.

Capacitação de Segurança Digital: Desenvolvimento de um programa curricular e a formação para construir uma rede de instrutores de segurança digital (leia-se ciber-espiões. N.R) para oferecer cursos em vários idiomas e regiões onde os ativistas digitais e as organizações da sociedade civil estão sob ameaça. Os projetos propostos devem incluir componentes curriculares e de capacitação para desenvolver uma rede de instrutores em matéria de segurança digital, assim como um projeto de calendário de capacitações em matéria de segurança digital destinado às organizações da sociedade civil e aos indivíduos em ambientes extremadamente hostis à Internet nas regiões e os idiomas mencionados anteriormente.

Aumento da capacidade tecnológica de ativistas digitais e a sociedade civil nos Ambientes Hostis de Internet no Oriente Próximo: Capacitação e acesso à plataformas de comunicação para compartilhar informação eletrônica de forma segura, a formação de ativistas, blogueiros, jornalistas cidadãos (ciberempregados do governo dos EUA N.R), e organizações da sociedade civil que permita-lhes de forma segura e anônima participar em fóruns

conectado e a promoção dos dados "peer-to-peer" para compartilhar entre móveis dispositivos.

Centros virtuais abertos para Internet: Criação de centros específicos no país ou região que siga o diálogo conectado e a cultura de Internet em ambientes hostis, identificar e arquivar conteúdos censurados reintroduzir os conteúdos e as ferramentas de luta contra a proposta de redes e apoio à sociedade civil conectada, os direito humanos e as CPADI/SJD. comunidades de jornalismo. As propostas devem centrar-se em dois ou mais dos seguintes idiomas: persa, chinês, árabe, vietnamita, russo, espanhol, birmano, além dos idiomas de outros países com ambientes de Internet hostis.

Fundos de emergência: Estabelecimento de um fundo de emergência para os internautas sob "ameaça" por seu ativismo na web. O fundo deve prover financiamento para cobrir custos associados a gastos ou custos legais, além de um fundo de resposta rápida para proporcionar financiamento a curto prazo para as organizações da sociedade civil que tem sido objeto de graves ataques de pirataria cibernética ou incidentes de intrusão (como ataques de Denegação de Serviços Distribuído) para manter suas operações conectado em funcionamento.

Política de Internet Púbica: apoio aos projetos centrados na reforma de lei de meios nos países onde a mudança dos marcos legais e regulatórios para a Internet (vocês imaginam qualquer país intervindo nos debates sobre a legislação dos EUA? N.R) tem o potencial para criar ambientes de internet sumamente hostil. Os projetos devem incluir aproximação à sociedade civil e à comunidade empresarial.

Como parte da mesma petição para as declarações de interesse, o Departamento de Estado também está aceitando propostas de organizações que levam à cabo projetos para avaliar "os programas pela liberdade em Internet existentes financiados pelo Governo dos EUA" e "compilar, publicar e distribuir um estudo ampliado anual da liberdade em internet em todo o mundo durante cinco anos (Repórteres sem Fronteiras nesse ponto faz um trabalho inestimável. Quanto lhes pagam? NR). As propostas se identificarão fontes de apoio financeiro para o estudo dos EUA além do financiamento do Governo".

O impulso do financiamento além do dinheiro dos impostos poderia ser parte da promessa da Secretaria de Estado Hillary Clinton de fazer um "melhor trabalho" (de ingerência NR) com o poder civil, um objetivo citado na Reunião Quaternal da diplomacia da Agencia de Desenvolvimento e Revisão, o QDDR.

Traduzido do espanhol por Núcleo Paulo Petry – Base da UJC/PCB em Cuba

El "derecho internacional" sirve a los imperialistas

Debate en el parlamento griego sobre la intervención imperialista en Libia

La Secretaria General del CC del KKE, Aleka Papariga, expresó la oposición total del KKE a la intervención imperialista en Libia y la participación de Grecia en la guerra por el petróleo y los demás recursos de energía, durante un debate que tuvo lugar el 22 de marzo en el Parlamento a petición del KKE.

TRIBULAL SUPER TO THE ORAL PROPERTY OF THE ORAC PROPERTY OF THE ORAC PROPERTY OF THE ORAC PROPERTY OF THE ORAC PRO

De parte del gobierno del PASOK, G.Papandreou trató de defender la intervención, bajo el manto del "derecho internacional" capitalista, recitando en realidad los beneficios que logrará la burguesía nacional por la masacre del pueblo de Libia. El discurso del representante de la ND fue en la misma línea y en pleno acuerdo con el gobierno. El presidente del partido nacionalista LAOS, con una vacía demagogia contra los EE.UU., llamó al gobierno a negociar mejores beneficios para la plutocracia local de su participación en las intervenciones imperialistas. El presidente del partido oportunista SYRIZA, se posicionó en contra de la intervención pero llamó al gobierno a tomar iniciativas con el fin de desempeñar un papel en la región en competencia con la actividad de Turquía.

Aleka Papariga, la SG del CC del KKE, tomó la palabra y señaló entre otros:

"Sr. Papandreou, usted nos ha dicho que se lleva a cabo una guerra que está conforme con los principios del derecho internacional. ¿Qué es este derecho internacional? Este derecho se ha convertido en un pedazo de elástico. ¿Por qué no utiliza este derecho, que lo apoya, para resolver la cuestión de Chipre, de Palestina y en primer lugar la del Mar Egeo? ¿Por qué este derecho internacional no resuelve de forma automática una serie de cuestiones que están consolidadas y protegidas por resoluciones de la ONU e interestatales? ¿De qué derecho internacional está hablando?

Ya que habla de derecho, señor Papandreou, el Derecho Internacional y el Derecho Europeo han cambiado significativamente en los últimos veinte años. Es cierto que todos estos son legítimos pero los pueblos deben condenarlos y crear las condiciones para ignorarles completamente. El derecho de la UE y de la ONU dicen una cosa: cuando en el interior de un país hay una movilización popular y se ven amenazados los intereses económicos de los empresarios, existe la posibilidad de una intervención externa, ya sea por los mecanismos de la UE, el Euroejército o incluso la OTAN.

Ustedes respetan este derecho. Lo tratan como si fuera un evangelio, igual que la ND que dice que operamos según el Derecho Internacional. Nosotros decimos una cosa: precisamente porque el Derecho Internacional ha cambiado y legitima las intervenciones externas, los ejercicios militares que se llevan a cabo en Kilkís con simulación de manifestaciones, son legítimas. Se ha aprobado una ley según la cual se puede utilizar el ejército griego para dispersar manifestaciones y huelgas porque se ven afectados los intereses económicos de empresas de construcción, de armadores, de industriales. Es

CENERY S

realmente legítimo. Otro ejemplo es la ley que se aprobó en 2004 en relación con los Juegos Olímpicos y, naturalmente, no se detuvo allí. ¿Qué piensan ustedes ahora, que podemos aceptar todo eso?

Teniendo en cuenta todo esto en relación con Libia, no deben estar TRIBUILAL SUPERIOR CUCTORAL preocupados por que dice la ONU, una u otra ley. Todo es legítimo según el Derecho Internacional que ha cambiado y se deterioró mucho. Si luchamos Fis: () () (3 3 **1** basándonos en la legitimidad de las resoluciones, entonces encontraremos la mayoría de los crímenes absolutamente legítimos. Por ejemplo, es legítima la utilización de Souda en la guerra contra Libia. ¿Se acuerdan de que el PASOK iba a expulsar las bases? Luego húbo un acuerdo en 1983 según el cual se iban a cerrar las bases. Lo que estamos discutiendo es perfectamente legítimo. Es legítimo que se utilicen las bases de EE.UU y OTAN sin consultar con nosotros.

Sin embrago para nosotros la existencia de estas bases en Grecia no es legítima ni a nivel moral, ni popular, ni social. Podemos utilizar la Constitución, pero ya desde hace tiempo, la Constitución tiene una validez limitada dada la situación en Europa y las resoluciones europeas e internacionales. En este momento ni la ONU -el Consejo de Seguridad o la Asamblea General de la ONU- puede dar legitimidad de acuerdo con los derechos del pueblo. Esta es la correlación de fuerzas y debe cambiar".

"¿Por qué se hace la guerra en Libia? ¿Acaban de darse cuenta de la dictadura de Gaddafi, su propio amigo? Díganos ¿cuándo calificaron a Gaddafi como antidemócrata? Él no ha sido nunca amigo nuestro, nunca hemos tenido ninguna relación. No obstante hay que dejar claro que hubo levantamientos populares de alguna manera en Egipto y Túnez, no son algo que acaba de ocurrir. Desde 2007-2008 en Egipto se han producido huelgas continuas y levantamientos locales, obreros. Desarrollos similares tomaron lugar en Túnez. En Libia, por desgracia, no hubo un levantamiento popular. Ojalá hubiera. En Bahrein tampoco hay un levantamiento popular. No pueden recurrir a esto para justificar las intervenciones e injerencias.

Ustedes dicen que debemos utilizar las ventajas que tenemos. La ND ha dicho lo mismo. ¿Cuáles son estas ventajas? Que Grecia es una "inmobiliaria" de bases militares en Souda, Andravida, Araxos, Aktio, por el espacio aéreo, para el tránsito de fuerzas militares. Esto es lo que venden en este momento para lograr beneficios para los armadores, los industriales etc. Nosotros luchamos en contra de esta Grecia. ¿Esto qué tiene que ver con el patriotismo?"

La inmensa mayoría del pueblo está en contra de la participación del país en la guerra imperialista y en general en contra de la intervención en Libia. En una encuesta realizada por "Kapa Research" para el diario "To Vima", el 76% declaró categóricamente que se oponen a la participación de Grecia en las operaciones militares, mientras el 21% se posiciona posiblemente a favor. Además, el 56,8% de los encuestados consideran que la intervención aérea es una decisión equivocada y sólo el 31,8% consideran que es correcta. La encuesta se llevó a cabo el 21 de marzo en una muestra de 1.000 personas.

TRIBUNAL SUPERIOR

ENTREVISTA | Reinaldo Iturriza, sociólogo

"A invisibilidade da crítica produziu muito dano à Revolução"

- Sentes co-responsável da revisão empreendida dentro do PSUV?

- Sim, mas somente na medida que a postura pública que assumi tenta resumir e transmitir as críticas, propostas e também o mal estar de muitos (161 3 3 2 companheiros e companheiras que militam no partido, ou que militam na CPADITECO revolução Bolivariana sem pertencer ao partido, e para os quais resultava tão evidente a necessidade desta revisão, que não podiam compreender porque se seguia postergando. Ou seja, minha voz é só uma de muitas, e só tem importância na medida que contribui a multiplicação de vozes.

-A seu juízo, o PSUV havia distanciado do povo?

- Sim, definitivamente. Em primeiro lugar se produziu um perigoso distanciamento entre os órgãos de direção e as bases do partido. Logo, entre o partido e o povo. Terminou impondo-se a lógica partido/maguinaria, segundo a qual o propósito fundamental do partido é ganhar eleições, sem importar se recorria a praticas clienteristas ou simplesmente demagógicas. Se foi acentuando a tendência à burocratização da política. O partido foi se desvinculando progressivamente das lutas populares, desconhecendo a existência do movimento popular. Aqui chegou a suceder, por exemplo, que o movimento popular organizava alguma manifestação, e o partido tentava persuadir sua militância para que não participasse, ou organizava alguma manifestação paralela. Esta soberbia, esta chantagem, este tipo de pressão para monopolizar a política revolucionária produziu um dano terrível ao movimento popular, e os resultados vemos agora: desmobilização, desarticulação e até fastídio pela política. Tudo se fazia em nome de Chávez. O pior é que o partido/maquinaria demonstrou que não é capaz nem de ganhar as eleições, e é normal que seja assim: o povo que segue a Chávez mais de uma vez contra esta forma de fazer política, e vai seguir fazendo. Não comparto a consigna de que os resultados eleitorais, em casos adversos se explicam pela falta de formação política da população. Ao contrário, creio que a maioria da população tem bastante claro a que políticos rechaça e qual é a política que deseja fazer. É o partido que tem que se colocar a altura do povo.

- Pode-se falar de uma ressurreição dos partidos políticos da Quarta República pelos erros do partido da revolução?

- Até onde eu analisei, a perda de apoio à Revolução Bolivariana não se traduz em um aumento de apoio à velha classe política. Esse é o grande problema da oposição: que nenhum de seus partidos goza de verdadeiro respaldo popular. Até agora não existe algo como migração da base social do chavismo às fileiras da oposição, e se existe, é pouco significativa. Entretanto, também é certo que o voto contra Chavez vem crescendo lenta, mas de forma sustentada. Não são dados em absoluto contraditórios: há que lembrar que em cada distrito eleitoral aumenta o número de eleitores. O voto opositor é constante, e aumenta com o padrão eleitoral, ao mesmo tempo que o voto do chavismo é variável: sobe, baixa, volta a subir. Este quadro de forças, digamos, é o que explica o esforço que realiza uma parte da oposição para emplacar um discurso "social", tentando apropriar-se de algumas idéias-força do discurso

chavista: participação, poder popular, etc. Depois das eleições parlamentarias, parte a oposição está convencida de que pode ganhar o apoio de parte da base social do chavismo, imprescindível pra poder derrotar a Chávez em 2012.

- As Linhas Estratégicas do PSUV acolhem ou não o que você havialismo planteado em suas reflexões?

- Sim, parte do que havia planejado, mas mais que esta coincidência. o 10 f 3 3 3 considerocPADM/8/10 linhas de análises desenvolve outras aue imprescindíveis. No ponto quatro, por exemplo, se lê que o partido "não pode ser identificado como um apêndice do Estado, mas como um instrumento que acompanha ao povo em suas lutas". A não demarcação de uma linha clara entre o partido e o Estado é a fonte de muitos vícios políticos: clientelismo, assistencialismo, nepotismo e corrupção. Um partido que confunde com o Governo, é um partido impossibilitado para impulsionar o controle popular da gestão. Vimos isto com as eleições primárias: candidatos impostos por governadores ou prefeitos, quando as candidaturas de um partido revolucionário deveria vir das bases. O detalhe está em que se devem criar as condições para que as bases realmente tenham voz e voto.

- Você faz alusão ao chavismo originário. Que é em sua opinião o chavismo originário? É possível recuperar-lo?

-Isto do chavismo originário acarreta muitos equívocos. Não creio e nunca foi minha intenção colocar que exista algo parecido a uma essência do chavismo que teriam só que recuperar para resolver nossos problemas. Em todo caso, me referia a necessidade, por exemplo, de relembrar que o chavismo dos primeiros anos não ocultava sua profunda preocupação com relação aos partidos políticos. O chavismo insurgiu com a partidocracia, e inclusive contra a esquerda tradicional, contra seu dogmatismo. Então, quando falava de chavismo originário, queria chamar a atenção sobre os riscos que implicava o singular processo de partidarização do chavismo, sobre tudo de 2007 para cá. e que a meu juízo terminou se expressando no disciplinamento forçado de um conjunto de sujeitos realmente bravos e insubmissos. Muitos companheiros e companheiras temiam este desenlace, e não se incorporaram ao partido. Sobre ele choveram uma infinidade de acusações: traidores, anarcoides, etc. A estas alturas, penso que ficou suficientemente claro que o chavismo não é uma massa uniforme que se veste de vermelho para comparecer a uma concentração, que é o sonho dos partidários da lógica do partido/maquinaria: o chavismo como massa de manobra. Também ficou claro que existe chavismo mais além do partido. Há companheiros que inclusive preferem não falar de chavismo, o que não implica que não sejam revolucionários, e penso que estão em todo o seu direito.

-fala de repolitização. Entende esta repolitização? Vale para o PSUV, vale para a oposição?

-A repolitização tem que ver principalmente com a gestão de governo, mais que com o partido. Há múltiplas evidencias de um importante giro discursivo opositor desde 2007, logo do triunfo de Chávez nas presidenciais de 2006. Desde então, e progressivamente, boa parte da oposição foi deixando de lado

o discurso confrontacional e violento, e se concentrou, sobretudo, na crítica da gestão de governo. Esta tática discursiva adquiriu maior força em 2008, logo da tentativa frustrada de aprovar a reforma constitucional. Para a oposição, o que havia sido derrotado era o socialismo. Segundo o discurso opositor, o contribuía e nada para a resolução dos problemas concretos da população. \$e esse excesso de ideologia se somam a denuncia da ineficiência 0.01.334 governamental, tens o núcleo do discurso opositor desde então. Qual é lo CRAPHERD problema? Que o governo tardou muito tempo em decifrar este importante giro tático discursivo. Ao contrário, respondeu gestionalizando a política, concentrando quase todo o esforco em demonstrar as conquistas da Revolução Bolivariana, mas sobretudo, e agui está a chave, inviabilizando a crítica popular, as demandas e lutas populares. É completamente certo que o Governo está na obrigação de difundir suas conquistas, e é igualmente certo que a oposição é incapaz de reconhecer qualquer conquista governamental, que além de tudo são muitas. O que não se pode fazer, em nenhum caso, é condenar e despachar a crítica popular, sob o argumento de que assim se dão armas ao inimigo. A inviabilização da crítica produziu muito dano a Revolução. Na medida em que Chávez retoma a interpretação popular, promove e instiga a crítica popular da gestão de governo, nesta medida está repolitizando a gestão.

-Como entende a repolarização no contexto de uma sociedade na que supostamente existe chavismo-antichavismo

 -Quando falo de repolarização, da necessidade de reconhecer – para ser capaz de superar – a crise de polarização chavista, me refiro ao conjunto de táticas orientadas a recuperar os mecanismos de interpelação mútua entre Chávez e a ampla base social do chavismo, mas também entre o Governo, o partido e o povo. Porque crise de polarização? Justamente porque se desestimou, durante um bom tempo, o peso, a importância da interpelação popular. A crítica foi silenciada, muitos problemas foram inviabilizados, e isto produziu mal-estar, cansaço, desmobilização popular. Contrário às interpretações interessadas que se fazem desde a oposição, a idéia de repolarização não implica promover o ódio de classes. Nem nada do estilo. Se trata, em primeiro lugar, de aprofundar a democracia internamente no chavismo: que Chavez mande obedecendo, que o governo se abra à interpelação popular, que as bases adquiram protagonismo no partido. Neste sentido que falo da radicalização democrática: o chavismo constitui, sem dúvida, a principal força política do país, e tudo o que aponte a sua democratização, contribuirá não só para a sua consolidação como força política, mas sim a democratização da sociedade venezuelana. O antichavismo, ou uma parte da oposição sabe muito bem disto, por isso empreendeu sua própria tática de repolarização: adotando um discurso social, reivindicando inclusive o poder popular, ou a necessidade de diálogo, em contraste com o ódio de classes qu supostamente promove Chavez. Desta maneira tenta somar forças, captando parte do chavismo descontento. Não estranhe ao ver-los falando, muito brevemente de interpelação popular.

-Você diz que é um erro entrar em uma briga com a partidocracia. Pode um partido político como o PSUV não ser parte da partidocracia?

-Em primeiro lugar, o conflito contra a partidocracia é inevitável. Em segundo lugar, o PSUV está na obrigação de não reproduzir a mesma velha lógica excludente e anti-popular da velha classe política. Ao que me referi em várias oportunidades é a necessidade de não entrarmos em uma luta inútil com Parenta SUPERIOS COMPANION DE LA COMPANI

oposição.

A luta tem que ser em primeiro lugar com o povo e junto ao povo. Para ilustral 101 335 poderíamos falar de nossos meios públicos: durante muito tempo temos concentrado nossos esforcos em desmontar as matrizes dos meios antichavistas, enquanto inviabilizavam as demandas populares. Falemos agora da Assembléia Nacional: tanta expectativa com a primeira intervenção de Maria Corina machado, e resultou em um completo fiasco. Ninguém, ou poucas pessoas está atento do que tem a dizer os deputados da Ação Democrática. A assembléia tem sentido na medida que funciona como caixa de ressonância das lutas e demandas populares. Do que resulta que a prioridade de nossos deputados não pode ser responder aos copeyanos, que não sei se tem deputados na assembléia, mas fazer real a consigna do povo legislador. No caso contrário, nosso povo dedicará a nossos deputados a mesma atenção que dedica a Andrés Velasquez: nenhuma. Igualmente sucede com os meios públicos: Fale-me de Leopoldo Castillo, está bem, mas primeiro que nada do bairro, dos jóvens, das prisões, dos policiais, juízes e fiscais corruptos. Coloquemos um caso de eventual debate sobre a Lei de Arrendamentos: são milhões as famílias venezuelanas que vivem de aluguel. Esse seria, sem dúvida, um debate que despertaria seu interesse. Mais que ostentar o mandato, nosso deputados tem que exercê-lo. Ser maioria. Mas isso só é possível escutando as maiorias populares, e isso inclui as venezuelanas e venezuelanos que estão contra Chavez.

CPADITS D

Bolivia: año uno del Estado Plurinacional

23 de enero de 2011, 00:01

Por Isabel Soto Mayedo

La Paz, 23 enero (Prensa Latina). Trajes típicos multicolores, whipalas (bandera andina) y otros iconos de las culturas indígenas bolivianas tomaron otra vez el centro de la capital gubernamental para celebrar el año primero de Estado Plurinacional, sustitutivo de la República.

Junto a ellos, trabajadores mineros, agroindustriales y miembros de organizaciones sociales, sumaron su alegría a los festejos por la consolidación de la aspiración milenaria de contar con un Estado respetuoso de los usos y costumbres de los 36 pueblos asentados en este territorio.

Un ritual andino, de gratitud a la Pachamama o Madre Tierra, marcó el inicio oficial de las actividades, concebidas en homenaje a la constitución del primer gobierno que en la historia boliviana es dirigido por un indígena y procura acabar con el legado colonial de más de cinco siglos.

Los miembros del Consejo de Amautas (líderes espirituales) de Omasuyos demandaron, alrededor de la ofrenda, prosperidad y larga subsistencia para Evo Morales y todo lo que este representa, para beneficio de quienes nunca pudieron pisar el que ahora es identificado como Palacio del Pueblo.

Ello es posible porque en virtud de la Constitución Política del Estado de 2009, la otrora República de Bolivia devino "Estado Unitario Social de Derecho Plurinacional Comunitario, libre, independiente, soberano, democrático, intercultural, descentralizado y con autonomías".

Por eso, los amautas montaron una mesa con arroz, miel azúcar y la legendaria coca, para que avance sin tropiezos la refundación y la sabiduría guíe los pasos del mandatario y sus colaboradores.

Este aniversario del Estado Plurinacional coincide con el primero de los cinco años del segundo mandato consecutivo de Morales, quien desde enero de 2006 trajo consigo un cambio social y estructural impensado. Los habitantes del país suramericano más pobre, nunca imaginaron que un indígena llegaría a la presidencia y menos, que garantizaría una estabilidad y crecimiento de la economía sin precedentes.

Datos aportados por el dignatario en su alocución de la víspera con motivo de la efemérides, corroborados por organismos internacionales, reflejan resultados macroeconómicos inéditos en estos cuatros años al frente del Estado colonial y uno de Gobierno del Estado Plurinacional.

Bolivia logró en esta etapa, por primera vez en su historia, superávits económicos y más de 10 mil millones de dólares de Reservas Internacionales Netas, por lo que comenzó a ser considerado un país de ingresos medios y con perspectivas de rebasar esa condición.

Danzas autóctonas y banderas multicolores, exhibidas este 22 de enero,

FIS: 00(336 CPADI/S'D expresaron el respaldo popular a quien supo representar a los más maltratados en épocas anteriores y propició hasta la llegada de mujeres de pollera a la Asamblea Legislativa Plurinacional, por sólo citar un ejemplo.

Entre 2006 y2009, bajo el signo del Estado colonial, Morales nacionalizó los hidrocarburos, impulsó la industrialización de los recursos naturales, la descolonización de las instituciones estatales, y la integración nacional, a partir de un intenso plan expansivo de infraestructura vial y de telefonía.

Unido a los proyectos de industrialización en progreso, la Revolución democrática y cultural también barrió con el analfabetismo en 2008 y encamina sus pasos hacia la postalfabetización.

Con el respaldo de Cuba y Venezuela, el Gobierno del cambio devolvió la vista a más de 565 mil 899 personas mediante la Operación Milagro e identificó, para su atención diferenciada, a 82 mil 177 con discapacidad, a través de la Misión Moto Méndez.

Durante 2010, en apego a lo establecido para el nuevo Estado Plurinacional, concretó la adopción de cinco leyes orgánicas para la refundación: la Ley Marco de Autonomías, la del Organo Electoral, la del Organo Judicial, la del Tribunal Constitucional, y la del Régimen Electoral.

Este trascendental paso, en el orden institucional, marchó paralelo a la consecución de planes de empleo para jóvenes y ayudas económicas a los sectores más vulnerables: infantes, embarazadas, y adultos mayores.

De cara al futuro, los retos pueden multiplicarse y por ello Bolivia no tendrá solamente un satélite de comunicación, que será concluido en tres años, sino contará con otro de prospección para identificar los recursos naturales, especialmente mineros, según Morales.

Otros desafíos serán el reforzamiento de la producción alimentaria, la industrialización de la minería, hidrocarburos y otros sectores, y la lucha contra el contrabando y el narcotráfico.

Lo que quedó pendiente, luego de dos décadas de administraciones neoliberales, el Gobierno del primer presidente indígena lo logró en poco tiempo gracias al apego a la idea de "gobernar siguiendo el mandato del pueblo", como expresara Morales.

En respuesta, la conformidad popular quedó expresada durante el agasajo por el año uno del Estado Plurinacional, en la asistencia de millares de personas de todos los departamentos y de casi todas las culturas del país.

asg/ga/ism

TRIMUNAL SUPERIOR TO TORK

CP of Chile, Carta a Obama [Sp.]

http://www.pcchile.cl/, mailto: internacional@pcchile.cl

AL SEÑOR BARAK OBAMA PRESIDENTE DE LOS EE. UU.



SEÑOR PRESIDENTE:

Cuando Usted fue electo Presidente de los EE.UU, la nación más influyente y poderosa del mundo, se crearon grandes expectativas.

La debilitada paz mundial; las ocupaciones militares y el clima bélico instalado por su predecesor, el señor Bush; las profundas asimetrías entre naciones pobres y naciones económicamente más poderosas; la progresiva y peligrosa contaminación que está provocando el calentamiento global y el cambio climático; la manifiesta descomposición y profunda crisis de un tipo de globalización amparada en un modelo económico de acumulación neoliberal, hicieron pensar que su administración, sobre la base de lo que Usted afirmó durante su campaña presidencial, podrían generar cambios favorables a la Humanidad.

Hoy, con sinceridad, por lo que ocurre en el mundo, creemos que esas expectativas se han desplomado arrasadas por los mismos acontecimientos que afectan a todos los habitantes del planeta.

Por otra parte, se creó la ilusión de que Usted iniciaría una era de nuevas relaciones con América Latina, comenzando por desterrar toda forma de injerencia en los asuntos internos de nuestras naciones, como ocurrió en nuestra Patria, Presidente Obama, cuando la intervención de la Administración Norteamericana quebró drástica y dramáticamente la tradición democrática y republicana de Chile, cuando el gobierno popular del Presidente Salvador Allende fue derrocado el 11 de septiembre de 1973. El propio Senado de los Estados Unidos comprobó que la intervención del Estado norteamericano en el golpe en Chile, encabezada por el ex Presidente Richard Nixon y por Henry Kissinger fue de una gran magnitud política, militar y financiera. Las secuelas de ese golpe permanecen hoy en Chile, porque la gran mayoría de las víctimas del terrorismo de estado esperan todavía una justicia que no llega. Más aún, lo que para usted es un "modelo exitoso", no considera que tal modelo se impuso a sangre y fuego, violando la soberanía nacional de Chile e imponiendo una Constitución ilegítima que aún nos rige.

Señor Presidente, por lo que ocurrió y ocurre en Chile; por lo que ocurrió en nuestro continente, le demandamos asuma la responsabilidad del estado norteamericano en el golpe realizado contra Chile y que escuche el clamor de los pueblos que exigen poner fin a acciones desestabilizadoras y golpistas como las que derribaron al gobierno constitucional de Honduras; o las que pretenden dividir y desestabilizar al gobierno democrático del Presidente Evo Morales en Bolivia; legisla superiori de Venezuela Hugo Chávez. Tenga en cuenta señor Presidente las constantes resoluciones de Naciones Unidas que instan a su gobierno a terminar con el bloqueo CPACLISTO al pueblo de Cuba.

Señor Presidente, las personas verdaderamente civilizadas no pueden sino observar con horror como las intervenciones militares norteamericanas y de naciones que las secundan causan centenares de miles de víctimas civiles; especialmente niños y mujeres en Medio Oriente y el norte de África, intervenciones que se realizan bajo la pretendida finalidad de instalar "democracias occidentales" pero que en realidad no son más que el despojo de los recursos energéticos de esos pueblos. Demandamos el fin a las intervenciones militares norteamericanas y de sus aliados en todo el mundo.

No puede ser señor Presidente, que la creciente escasez de petróleo o gas lo lleve a Usted a ordenar intervenciones militares o bombardeos que no discriminan entre civiles y militares o a desconsiderar el sentir de los pueblos, como el nuestro, que no desea la instalación de centrales nucleares en Chile. El recién firmado acuerdo bilateral entre el gobierno de Sebastián Piñera y Washington, sobre energía atómica, a la luz de lo que ocurre en Japón, ha generado una mayoritaria preocupación de la ciudadanía chilena. Rechazamos tal acuerdo por los peligros que conlleva y porque no se ha consultado al pueblo de Chile sobre un tema de tanta trascendencia. En nuestro país no se realizan consultas y las que se realizan no son vinculantes. Avalar con su firma un acuerdo inconsulto, de esta naturaleza y tan trascendente, aparece como una intervención en nuestros asuntos internos.

La inaceptable y antidemocrática agresión militar a Libia profundiza en el Norte de África y en el Oriente Medio una crisis cuya única causa radica en la política norteamericana y la de sus aliados en Europa. La guerra de intervención no resuelve los problemas de los estados nacionales y deja en evidencia un tipo de estrategia que busca el control del petróleo y de zonas geográficas importantes a cualquier costo. Demandamos el inmediato cese al fuego, el término de la intervención militar y el diálogo y la diplomacia para enfrentar la crisis que vive Libia

Los que firmamos esta carta, en nombre de parte importante de nuestra sociedad, desearíamos que las cosas fueran diferentes, tenemos gran respeto por el pueblo norteamericano, muchos latinos son parte de ese pueblo y tenemos la esperanza que el futuro nos depare un modo distinto de convivencia.

En sus pocas horas de visita a Chile, le pedimos que considere estos planteamientos

Firman:

Diputado Guillermo Teillier, Presidente del Partido Comunista de Chile, integrante de la Comisión de Relaciones Exteriores de la Cámara de Diputados;
Diputado Lautaro Carmona, Secretario General del PC;
Juan Andrés Lagos, miembro de la Comisión Política del PC;
Diputado Hugo Gutiérrez, Presidente de la Comisión de Derechos Humanos de la TRIBUNAL SUPERIOR Cámara.

Víctor Osorio Reyes, Presidente Nacional del Partido Izquierda Cristiana de Chile. Darío Salas, Secretario General del Partido Izquierda Cristiana de Chile. Claudio Narea, músico, ex integrante de "Los Prisioneros".

Pedro Felipe Ramírez, ex ministro de Minería y Vivienda del Gobierno de Salvador Allende.

Bernarda Pérez, Primera Vicepresidenta de la Izquierda Cristiana de Chile. Iván Cabezas, Segundo Vicepresidente de la Izquierda Cristiana de Chile. Roberto Celedón, abogado.

Esteban Silva , Presidente del Comité Ejecutivo del Partido del Socialismo Allendista;

Carlos Moya, Coordinador de la Comisión Política Partido del Socialismo Allendista; Gonzalo Taborga, Vice Presidente Comité Ejecutivo Partido del Socialismo Allendista;

Nino Mundaca, Secretario General Federación de Sindicatos CCU. Coordinación Sindical del Partido del Socialismo Allendista.

José Balmes, Premio Nacional de Artes Fernando García, Premio Nacional de Música

Lorena Pizarro, Presidenta de la Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos,

Jaime Gajardo, Presidente Nacional del Colegio de Profesores de Chile, Oscar Aroca, Secretario General de las Juventudes Comunistas de Chile

EQUADOR:

"Un Golpe apoyado por la derecha y por sectores supuestamente de la izquierda" ITRIBUNAL SUPERIO

Un Golpe apoyado por la derecha y por sectores supuestamente de la izquierda, 1 341 incluyendo a sectores del Movimiento Indígena, partido supuestamente indígena y los partidos de siempre equivocados: los grupos Troskystas y los grupos de ultra izquierda.

El problema es que ellos niegan ahora y dicen que no era un Golpe, que era un levantamiento policial reivindicativo.

En este sentido están tratando de justificar su total ausencia en las calles protestando el Golpe. Muchos sindicatos que tienen quejas por la política de Correa contra las bonificaciones del sector público incluyendo la policía y el ejército, utilizaron el pretexto que Correa utiliza su poder como Presidente para poner esta legislación sobre la Asamblea pero de fondo si era un levantamiento simplemente reivindicativo ¿cómo es que la Fuerza Aérea tomó el Aeropuerto, trataron de tomar varias oficinas públicas y como que montaron un ataque contra el ejército de elite que entró en rescate de Correa en el Hospital donde estaba cautivo?.

TRADUÇÕES DE ABRIL DE 2014

CPADI15:D

Plava Girón y el carácter socialista de la Revolución cubana

Atilio A. Boron

TRIBUNAL SUPERIOR TI FITOKAL ALAI AMLATINA, 15/04/2011.- En la madrugada del 15 de Abril de 1961 aviones de combate camuflados como si fueran cubanos bombardearon los principales aeropuertos militares de Cuba. Las agencias noticiosas del imperio. 1966 347 informaban que se había producido una sublevación de la fuerza aérea "de Castro" y el embajador de Estados Unidos ante la ONU, Adlai Stevenson expresión del ala más "progresista" del partido Demócrata, ¡menos mal!- trató que el Consejo de Seguridad de ese organismo emitiera una resolución autorizando la intervención de Estados Unidos para "normalizar" la situación en la isla. No tuvo respaldo, pero el plan ya estaba en marcha.

Aquel bombardeo fue la voz de orden para que una brigada mercenaria que con absoluto descaro la CIA y el Pentágono habían venido preparando durante más de un año desembarcara en Bahía de Cochinos, con el declarado propósito de precipitar lo que en nuestros días los melifluos voceros de los intereses imperiales denominarían eufemísticamente como "cambio de régimen." En Marzo de 1960 - apenas transcurrido poco más de un año del triunfo de la Revolución Cubana- el presidente Eisenhower había firmado una orden ejecutiva dando vía libre para desencadenar una campaña terrorista en contra de Cuba y su revolución. Bajo el amparo oficial de este programa se organizó el reclutamiento de unos mil quinientos hombres (un buen número de los cuales no eran otra cosa que aventureros, bandidos o lúmpenes que la CIA utilizaba, y utiliza, para sus acciones desestabilizadoras) dispuestos a participar de la inminente invasión, se colocó a las organizaciones contrarrevolucionarias bajo el mando de la CIA (es decir, la Casa Blanca) y se crearon varias "unidades operativas", eufemismo para no llamar por su nombre a bandas de terroristas, escuadrones de la muerte y paramilitares expertos en atentados, demoliciones y sabotajes de todo tipo. Más de tres mil personas murieron en Cuba, desde los inicios de la Revolución, a causa del accionar de estos delincuentes apañados por la el gobierno de un país cuyos presidentes, invariablemente, nos dicen que Dios los puso sobre esta tierra para llevar por todo el mundo la antorcha de la libertad (de mercados), la justicia (racista, clasista y sexista y la democracia (en realidad, la plutocracia). Lo creían antes, y lo creen todavía hoy. Lo creía el católico John Kennedy y el metodista George W. Bush. La única excepción conocida de alguien no infectado por el virus mesiánico es la de John Quincy Adams, sexto presidente de los Estados Unidos, hombre práctico si los hay, quien dijo, en memorable frase, que "Estados Unidos no tiene amistades permanentes sino intereses permanentes," algo que los gobiernos "pitivankees" de nuestros países deberían memorizar. (Recordar que este Adams, hijo del segundo presidente de Estados Unidos, John Adams, fue también Secretario de Estado del presidente James Monroe, y colaboró activamente en la formulación de la doctrina que lleva su nombre).

Delincuentes, retomando el hilo de nuestra argumentación, como Luis Posada Carriles -uno de los más conspicuos criminales al servicio del imperio, terrorista probado y confeso, autor intelectual, entre muchos otros crímenes, de la voladura del avión de Cubana en 1976, con 73 personas a bordo- quien hace

apenas unos días fue absuelto de todos sus cargos y disfruta de la más completa libertad en los Estados Unidos. Como si eso fuera poco Washington tampoco lo extradita para que pueda ser juzgado en Venezuela, país cuya nacionalidad había adoptado durante el transcurso de sus fechorías. Barack Obama, indigno Premio Nóbel de la Paz, protege a los verdugos de nuestras suprementados de nuestras de nuestras suprementados de nuestras suprementados de nuestras suprementados de nuestras suprementados de nuestras de nuestra pueblos hasta el final de sus vidas mientras mantiene en prisión, en FIS.: 001343 condiciones que ni siguiera se aplican a un asesino serial, a los cinco luchadores antiterroristas cubanos. Gesto ignominioso el de Obama, pero que que pare 18/10 tiene un lejano antecedente: en 1962, luego de la derrota sufrida por el ejército invasor reclutado, organizado, entrenado, armado y financiado por los Estados Unidos los prisioneros que habían sido capturados por las milicias revolucionarias cubanas fueron devueltos a los Estados Unidos ;para ser recibidos y homenajeados -sí, homenajeados- por otro "progresista", el presidente John F. Kennedy! El fiscal general de los Estados Unidos. Robert Kennedy, para no ser menos que su hermano mayor, invitó a esa verdadera "Armada Brancaleone" de matones y bandidos a integrarse al ejército norteamericano, cosa que fue aceptada por gran parte de ellos. No sorprende, por lo tanto, que periódicamente aparezcan tenebrosas historias de atrocidades y vejaciones perpetradas por soldados estadounidenses en diversas latitudes. las últimas conocidas hace apenas un par de días en Afganistán y antes en Abu Ghraib: o que durante la Administración Reagan-uno de los peores criminales de guerra de los Estados Unidos, según Noam Chomsky- un coronel del Marine Corps y asesor del Consejo de Seguridad Nacional, Oliver North, hubiera organizado una red de narcotraficantes y vendedores de armas desde su despacho situado a pocos metros de la Oficina Oval de la Casa Blanca para financiar a la "contra" nicaragüense. No le fue tan mal a North después de estallado el escándalo: libró de ir a la cárcel y en la actualidad se desempeña en varios programas de la ultraconservadora cadena Fox News Channel. Estos episodios revelan con elocuencia el clima moral que prevalece en las legiones imperiales.

La derrota de la invasión mercenaria lejos de aplacar al imperio exacerbó aún más sus instintos asesinos: la respuesta fue la preparación de un nuevo plan, Operación Mangosta, que contemplaba la realización de numerosos atentados v sabotaies tendientes a desarticular la producción, destruir cosechas, incendiar cañaverales, obstaculizar el transporte marítimo y el abastecimiento de la isla y amedrentar a los eventuales compradores de productos cubanos. especialmente el níquel. En pocas palabras: preparar lo que luego sería el infame bloqueo integral que sufre Cuba desde los comienzos mismos de la Revolución. Huelga decirlo pero el pueblo cubano -patriótico, consciente y organizado, fiel heredero de las enseñanzas de José Martí- frustró una vez más los miserables designios de la Operación Mangosta. Al día siguiente del bombardeo aéreo del 15 de Abril, en el homenaje que el pueblo de Cuba rendía a sus víctimas. Fidel proclamaría el carácter socialista de la Revolución Cubana con las siguientes palabras: "Compañeros obreros y campesinos: esta es la revolución socialista y democrática de los humildes, con los humildes y para los humildes". Y el 19 de Abril, en Playa Girón, se libraría el combate decisivo que culminaría con la primera derrota militar del imperialismo en tierras americanas. Latinoamérica, su respiración contenida ante esta reedición del clásico enfrentamiento entre David y Goliat, recibió con inmensa alegría la noticia de la

CPACI/S/D

derrota de las fuerzas del imperio, y nuestros pueblos terminaron por convencerse que el socialismo no era una ilusión sino una alternativa real. Otra historia empezaba a escribirse en esta parte del mundo. Durante aquellas históricas jornadas la camarilla contrarrevolucionaria estaba a la espera en TRIBUNAL SUPERIOR PURING Miami, presta para trasladarse a Cuba una vez que los invasores controlasen por 72 horas una "zona liberada" que les permitiera constituirse como "gobierne 0 0 1 3 4 4 provisional" y, desde allí, solicitar el reconocimiento de la Casa Blanca y la OEA, y la ayuda militar de Estados Unidos para derrotar a la Revolución. Perd Fidel también lo sabía, y por eso su voz de mando fue la de aplastar a la invasión sin perder un minuto, cosa que efectivamente ocurrió. Parece que en Miami todavía siguen esperando.

- Dr. Atilio A. Boron, director del Programa Latinoamericano de Educación a Distancia en Ciencias Sociales (PLED), Buenos Aires, Argentina www.centrocultural.coop/pled http://www.atilioboron.com

Página 1 de 6

TRIBUNAL SUPERIOR PLETTORAL

20 de abril de 2011

Es preciso que de inmediato nos concentremos en hacer cumplir los (1345 acuerdos de este Congreso, bajo un denominador común en nuestra CPACIISO CONDEN, la DISCIPLINA y la EXIGENCIA

Discurso pronunciado por el Primer Secretario del Comité Central del Partido, Raúl Castro Ruz, en la clausura del VI Congreso del Partido Comunista de Cuba, en el Palacio de Convenciones, el 19 de abril de 2011, "Año 53 de la Revolución"

Querido Fidel;

Querida Nemesia;

Queridos compañeras y compañeros:

Nos vamos acercando al final del Congreso, luego de intensas jornadas en las que los comunistas cubanos hemos discutido y aprobado los Lineamientos de la Política Económica y Social del Partido y la Revolución, el Informe Central y diferentes resoluciones sobre los principales asuntos analizados.

Considero que la forma más digna y a la vez productiva de conmemorar el 50° Aniversario de la Victoria sobre la invasión mercenaria en Playa Girón, un día como hoy, el 19 de abril de 1961, es precisamente haber efectuado un magnífico Congreso del Partido, reunión que culmina tras algo más de cinco meses del inicio de las discusiones acerca de los Lineamientos, proceso de profundo carácter democrático y transparente, cuyo protagonismo indiscutible lo asumió el pueblo bajo la dirección del Partido.

Deseo, en nombre de los casi 800 mil militantes comunistas, de los mil delegados al Congreso, de la nueva dirección de nuestra organización y en particular, del compañero Fidel Castro Ruz, felicitar a todas las cubanas y cubanos por su decisiva participación en el debate y la indudable demostración de apoyo a la Revolución, lo cual constituye para nosotros motivo de satisfacción y lo más importante, una responsabilidad y compromiso superiores para lograr, con el concurso de todos, la actualización del modelo económico a fin de garantizar el carácter irreversible del Socialismo en Cuba.

Ya expresamos en el Informe Central que no nos hacíamos ilusiones de que los Lineamientos y las medidas a ellos asociadas, por sí solos, fueran la solución a todos los problemas existentes. Para alcanzar el éxito en esta cuestión estratégica y en las demás, es preciso que de inmediato nos concentremos en hacer cumplir los acuerdos de este Congreso, bajo un denominador común en nuestra conducta: el **ORDEN**, la **DISCIPLINA** y la **EXIGENCIA**.

La actualización del modelo económico no es un milagro que pueda obrarse de la noche a la mañana, como algunos piensan; su despliegue total se logrará gradualmente en el transcurso del quinquenio, pues es mucho el trabajo de detalle, planificación y coordinación, tanto en el plano jurídico como en la preparación minuciosa de todos los que intervengan en su ejecución práctica.

También será necesario desarrollar una intensa labor de divulgación a la población sobre cada medida que vayamos adoptando y al mismo tiempo, mantener los pies y los oídos bien atentos y pegados a la tierra, para superar los obstáculos que encontremos y rectificar rápidamente los fallos que cometamos en su aplicación.

Estamos convencidos de que el principal enemigo que enfrentamos y enfrentaremos serán nuestras propias deficiencias y que por tanto, una tarea de tamaña dimensión para el futuro de la nación, no podrá admitir improvisaciones ni apresuramientos. No renunciaremos a hacer los cambios sociones que hagan falta, como nos indicó Fidel en su Reflexión de ayer, los que efectuaremos al ritmo que demanden las circunstancias objetivas y siempre con el apoyo y comprensión de la ciudadanía, sin poner nunca en riesgo para nuestra arma más poderosa, la unidad de la nación en torno a la Revolución y sus programas.

Sin el menor afán de chovinismo, considero que Cuba está entre el reducido número de países del mundo que cuentan con las condiciones para transformar su modelo económico y salir de la crisis sin traumas sociales porque, en primer lugar, tenemos un pueblo patriótico, que se sabe poderoso por la fuerza que representa su unidad monolítica, la justeza de su causa y preparación militar, con elevada instrucción y orgulloso de su historia y raíces revolucionarias.

Avanzaremos con decisión a pesar del bloqueo norteamericano y las adversas condiciones imperantes en el mercado internacional, que se expresan, entre otras, en las restricciones para el acceso de Cuba a fuentes de financiamiento y la espiral de los precios del petróleo, que arrastra al resto de las materias primas y los alimentos; en pocas palabras, se encarece todo lo que adquirimos en el exterior.

A pocos meses de iniciado el 2011 y según datos muy recientes, ya se eleva a más de 800 millones de dólares el costo adicional de las importaciones del año, sólo por el incremento de los precios, para adquirir las mismas cantidades planificadas, lo que nos obligará en cuanto termine el Congreso a realizar ajustes al plan aprobado en diciembre pasado.

En estos momentos el ahorro de recursos de todo tipo continúa siendo una de las fuentes principales de ingresos del país, pues todavía existen gastos irracionales e inmensas reservas de eficiencia que debemos explotar con mucho sentido común y sensibilidad política.

Pese al aceptable comportamiento obtenido hasta la fecha en la entrega de tierras ociosas en usufructo, al amparo del Decreto-Ley 259 del 2008, aún persisten miles y miles de hectáreas de superficie cultivable esperando por brazos dispuestos a extraerle los frutos que tanto demanda la población y la economía nacional y que podemos cosechar en nuestros campos para sustituir las cada vez más costosas importaciones de muchos productos, que hoy benefician a suministradores extranjeros, en lugar de a nuestros campesinos.

Lo primero que debemos hacer es cumplir lo que acabamos de aprobar en este evento y por ello no es fortuita la decisión de que el Comité Central analice en sus plenos, al menos dos veces al año, cómo se cumplen los acuerdos del Congreso, en particular la marcha de la actualización del modelo económico y la ejecución del plan de la economía.

En este sentido, debo resaltar la trascendencia de la tarea asignada a la Comisión Permanente del Gobierno para la Implementación y Desarrollo, la cual conducirá armónicamente los esfuerzos y acciones de los organismos y entidades nacionales involucrados en la actualización del modelo económico con el apoyo, en particular, del Ministerio de Economía y Planificación, que constituye el Estado Mayor del Gobierno para esta actividad del quehacer nacional.

Por otra parte, nuestros diputados tienen un mayor trabajo por delante, ya que los Lineamientos aprobados por el Congreso serán sometidos al análisis de la Asamblea Nacional del Poder Popular, para su ratificación legislativa en los sucesivos períodos de sesiones, a medida que vayamos completando la elaboración de las normativas legales correspondientes.

Como ustedes escucharon, el Congreso acordó convocar para el 28 de enero 34 6 3 4 7 del próximo año, fecha en que se cumple el 159 aniversario del nacimiento de José Martí, la Conferencia Nacional, la cual en la práctica será una continuación del 6to. Congreso, dedicada a valorar con realismo y espíritu crítico la labor del Partido y también precisar las transformaciones requeridas para ejercer el papel de fuerza dirigente superior de la sociedad y el Estado que le corresponde en virtud del Artículo cinco de la Constitución de la República. Asimismo, acordamos otorgar a dicha Conferencia facultades para actualizar los métodos y estilo de trabajo, estructuras y política de cuadros, incluvendo ampliar y renovar el Comité Central.

Como se expresa en su convocatoria, la Conferencia Nacional estará presidida por la determinación de "cambiar todo lo que debe ser cambiado" contenida en la brillante definición del concepto Revolución del compañero Fidel.

Para alcanzar el éxito, lo primero que estamos obligados a modificar en la vida del Partido es la mentalidad, que como barrera sicológica, según mi opinión, es lo que más trabajo nos llevará superar, al estar atada durante largos años a los mismos dogmas y criterios obsoletos. También será imprescindible rectificar errores y conformar, sobre la base de la racionalidad y firmeza de principios, una visión integral de futuro en aras de la preservación y desarrollo del Socialismo en las presentes circunstancias.

En materia de política de cuadros, con la elección del nuevo Comité Central, su Secretariado y el Buró Político, presentados en la mañana de hoy, hemos dado un primer paso para cumplimentar lo que acordamos en el Congreso, muy especialmente en lo que se refiere a iniciar un proceso gradual de renovación y rejuvenecimiento de la cadena de cargos políticos y estatales, al tiempo que se mejoró, de manera sustancial, la composición racial y de género.

El Comité Central quedó integrado por 115 miembros, de los cuales 48 son mujeres, el 41.7 por ciento, lo que más que triplica la proporción alcanzada en el congreso anterior, que fue del 13.3 por ciento. Los negros y mestizos son 36, creciendo en un 10 por ciento su representación, que asciende ahora al 31.3 por ciento.

Este resultado, que repito es un primer paso, no es fruto de la improvisación. El Partido, desde hace varios meses, venía trabajando con profundidad en esta dirección con el propósito de conformar una candidatura que tuviera en cuenta la necesidad de lograr proporciones justas de género y raza en la membresía del Comité Central.

Fueron seleccionados de la gigantesca cantera de graduados universitarios y especialistas calificados, que la Revolución no perdió tiempo en formar. Son hijos de la clase obrera, surgidos de las entrañas más humildes del pueblo, con una vida política activa en las organizaciones estudiantiles, la UJC y el Partido; jóvenes que en su mayoría cuentan con más de 10, 15 ó 20 años de experiencia en la base, sin dejar de trabajar en las profesiones que estudiaron y casi todos fueron propuestos por los núcleos donde militan, como parte del proceso de preparación del Congreso.

Nos corresponde en lo adelante darles seguimiento y proseguir su formación para prepararlos en interés de que progresivamente, con su trabajo, puedan ocupar responsabilidades superiores.

En la integración de los órganos superiores del Partido, no obstante la salida del Comité Central de 59 compañeros, la mitad de sus miembros efectivos relaciones mayoría de ellos con una positiva hoja de servicios a la Revolución; hos mantuvimos varios veteranos de la generación histórica y es lógico que así sea, 10 (348) como una de las consecuencias de las deficiencias cometidas en este ámbito, CEACLISIO criticadas en el Informe Central, que nos han impedido contar hoy con la reserva de sustitutos maduros y con experiencia suficiente para asumir el relevo en los principales cargos del país.

Por consiguiente, seguiremos adoptando medidas similares en esta decisiva dirección durante la próxima Conferencia Nacional del Partido y en la vida diaria de nuestro quehacer partidista, gubernamental y estatal.

El compañero Fidel Castro Ruz, fundador y Comandante en Jefe de la Revolución Cubana, nos dio el primer ejemplo de actitud consecuente en esta materia, al solicitar expresamente no ser incluido en la candidatura del Comité Central.

Fidel es Fidel y no precisa de cargo alguno para ocupar, por siempre, un lugar cimero en la historia, en el presente y en el futuro de la nación cubana. Mientras tenga fuerzas para hacerlo, y afortunadamente se encuentra en la plenitud de su pensamiento político, desde su modesta condición de militante del Partido y soldado de las ideas, continuará aportando a la lucha revolucionaria y a los propósitos más nobles de la Humanidad.

En lo que a mí respecta, asumo mi última tarea, con la firme convicción y compromiso de horior de que el Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba tiene como misión principal y sentido de su vida: defender, preservar y proseguir perfeccionando el Socialismo y no permitir jamás el regreso del régimen capitalista.

En el Buró Político, como podrán observar, se refleja una adecuada proporción de Jefes principales de las Fuerzas Armadas Revolucionarias. Es natural que sea así, lo cual fundamento citando las palabras del compañero Fidel en el Informe Central al Primer Congreso del Partido:

"El Ejército Rebelde fue el alma de la Revolución. De sus armas victoriosas emergió libre, hermosa, pujante e invencible la patria nueva¼ Cuando se fundó el Partido¼ nuestro ejército, heredero a su vez del heroísmo y la pureza patriótica del Ejército Libertador y continuador victorioso de sus luchas, depositó en sus manos las banderas de la Revolución y fue a partir de ese instante y para siempre su más fiel, disciplinado, humilde e inconmovible seguidor". Fin de la cita.

Tengo sobradas razones para proclamar que las Fuerzas Armadas Revolucionarias, de las cuales albergo el orgullo de haber sido ministro por casi 49 años, nunca renunciarán a cumplir ese papel al servicio de la defensa del pueblo, del Partido, de la Revolución y el Socialismo.

La condición de miembro del Comité Central, si bien en parte había sido hasta ahora un reconocimiento a la trayectoria de lucha de los elegidos, lo cual fue justo, a partir de este momento deberá predominar el concepto de que en esencia, esa categoría representa una enorme responsabilidad frente al Partido y el pueblo, pues entre congreso y congreso, el Comité Central es el organismo superior de dirección partidista y le corresponden, según los estatutos, amplias

facultades en el control de la aplicación de la política trazada y los programas de desarrollo económico y social del país, así como en la política de cuadros y la labor ideológica, entre otras.

En consonancia con ello, se requiere elevar la preparación y superación constante de sus miembros, ya que nos proponemos utilizar activamente al Comité Central en la materialización de los acuerdos del Congreso, como fero para analizar de modo colegiado, sin asomo de formalismo, los principales temas de la vida del Partido y la nación.

Lo propio haremos en el Buró Político, como le compete, por ser el organismo CPADI/S.'D superior de dirección entre los plenos del Comité Central.

El Buró Político se compone de 15 miembros, reduciéndose en comparación con el anterior de 24 integrantes, cantidad que en la práctica resultó excesiva. En él ingresaron tres nuevos compañeros: Mercedes López Acea, Primera Secretaria del Comité Provincial del Partido en La Habana; Marino Murillo Jorge, Vicepresidente del Consejo de Ministros y Jefe de la Comisión Permanente del Gobierno para la Implementación y Desarrollo y Adel Yzquierdo Rodríguez, quien recientemente fue nombrado Ministro de Economía y Planificación.

Estas promociones no son casuales, en el primer caso obedece a la prioridad que el Partido concede a su labor en la capital, de más de dos millones de habitantes y en los restantes compañeros, responde a la significación estratégica de la actualización del modelo económico y el desarrollo de la economía nacional.

Mantendremos la útil práctica de reunir de conjunto, semanalmente, a la Comisión del Buró Político con el Comité Ejecutivo del Consejo de Ministros, para evaluar los asuntos fundamentales del acontecer nacional, al tiempo que continuaremos propiciando la participación en las sesiones mensuales del Consejo de Ministros, según los temas a debatir y en calidad de invitados, a los miembros del Buró Político y del Secretariado del Comité Central, el Consejo de Estado y la presidencia de la Asamblea Nacional; los cuadros centro de la Central de Trabajadores de Cuba (CTC), demás organizaciones de masas y la UJC, al igual que a los primeros secretarios de los comités provinciales del Partido y los presidentes de los consejos de la Administración Provincial.

Este método ha probado su eficacia para trasmitir, sin intermediarios, a los principales dirigentes de todo el país, informaciones indispensables y orientaciones para el desempeño de sus responsabilidades.

Finalmente, a ninguno de nosotros escapa la importancia histórica que revistió para el destino de la Revolución la aplastante derrota a la invasión mercenaria de Playa Girón, como resultado de la firme, incesante y decidida acción de nuestros combatientes, que bajo el mando directo del Comandante en Jefe Fidel Castro, quien se mantuvo todo el tiempo en el teatro de operaciones donde se libraban las acciones combativas, destrozaron, en menos de 72 horas, el intento del gobierno de los Estados Unidos de crear una cabeza de playa en un apartado rincón de la patria, al cual pretendían trasladar después, desde una base militar en la Florida, un gobierno títere que solicitara a la Organización de Estados Americanos, la tristemente célebre OEA, la intervención militar de fuerzas norteamericanas, ubicadas en aguas muy cercanas, acompañando al contingente mercenario desde su salida de costas centroamericanas, como ya habían hecho en Guatemala en 1954 siete años antes, al derrocar al gobierno progresista de Jacobo Arbenz.

Sirva la ocasión para repetir las palabras de Fidel en el décimo quinto aniversario de la Victoria, el 19 de abril de 1976 cuando dijo: "A partir de Girón todos los pueblos de América fueron un poco más libres" fin de la cita.

En Girón por primera vez fue empleado en defensa del socialismo en Cuba el armamento suministrado por la entonces Unión Soviética pocos meses antes, sin apenas haberlo podido asimilar completamente. Es justo, un día como hoy, reconocer que sin la ayuda de los pueblos que componían aquel inmenso país, social el pueblo ruso, la Revolución no hubiera podido sobrevivir en los (1/350) años iniciales ante las crecientes y continuas agresiones del imperialismo y por eso les estaremos eternamente agradecidos.

Nuestra gratitud, un día como hoy, a los actuales países socialistas por su invariable cooperación y apoyo en todos estos años de duras batallas y sacrificios.

Los pueblos hermanos del Tercer Mundo, en especial los de América Latina y el Caribe, que se esfuerzan por transformar la herencia de siglos de dominación colonial saben que siempre contarán con nuestra solidaridad y apoyo.

Un caluroso saludo fraternal a los partidos comunistas y demás fuerzas progresistas de todo el planeta, que luchan sin cesar, partiendo de la firme convicción de que un mundo mejor es posible.

También deseo expresar el reconocimiento del pueblo cubano a todos los gobiernos que, año tras año, han reclamado con su voto y con su voz, en las Naciones Unidas, el cese del bloqueo económico, comercial y financiero impuesto por los Estados Unidos a Cuba.

Finalmente, llegue nuestro agradecimiento a todas y todos aquellos que de uno u otro modo participaron en la exitosa organización y aseguramiento de este Congreso.

Creo que no existe mejor modo de celebrar el 50 aniversario del Día de la Victoria en Playa Girón, que clausurar este histórico Congreso del Partido con el regalo y la presencia de Fidel y el simbolismo que encierra la "Elegía de los Zapaticos Blancos" del Indio Naborí, declamada vibrantemente por el actor Jorge Ryan y las emocionadas palabras de Nemesia, la niña carbonera que vio morir indefensa a su madre y las heridas producidas a su abuela y dos hermanos por la acción asesina de aviones pintados con las insignias cubanas y cuyos zapatos blancos, perforados por la metralla enemiga, se exponen en el museo de Playa Girón, como constancia material de que la Revolución se mantiene victoriosa 50 años después, rindiéndole honor a sus caídos. Muchas gracias

Honduras: em perigo os temas acessórios

COFADEH

Preocupa que o retorno da ordem constitucional e o compromisso de sancionar os direitos violados, restituir os danos causados e colocar o ser humano a frente sejam somente acessórios na mesa de Cartagena de Índias.

Estamos entrando a uma nova fase da crise hondurenha agudizada com o rompimento institucional de novembro de 2009.

As opções não eram muitas antes de abril de 2011; segundo o Centro de Estudos para a Democracia, CESPAD, eram a negociação política entre as partes, a continuidade da crise ou seu aprofundamento.

Nos três cenários os direitos humanos tema chave, para continuar suas violações ou freá-las.

A percepção geral e a realidade objetiva é que o conflito envolveu o princípio da progressividade dos direitos humanos em todas suas gerações.

Caminhamos para trás de forma vertiginosa e é preciso deter essa tendência ao abismo selvagem que acabe desenhando irremediavelmente um Estado falido, que é uma ameaça geral.

Os acontecimentos de Cartagena de Índias fizeram virar o conflito para a mediação política de baixo e alto perfil, em uma espécie de tabuleiro de xadrez complexo pela diversidade dos atores que jogam. E os ausentes.

Os Estados Unidos utilizam a Colômbia para convencer o presidente Hugo Chávez que convença Zelaya, e este que faça o mesmo com a Frente Nacional de Resistência Popular, e que esta faça o mesmo com suas bases, para flexibilizar posições.

Os interesses, entretanto, não são os mesmos.

Aos EUA importa reincorporar por unanimidade a OEA ao Estado hondurenho golpeado pelo seu garrote hegemônico, para lavar o golpe com mais da sua democracia tutelada.

Para a Colômbia importa fazer negócios com a Venezuela em vários campos, incluindo cooperação para dizimar a retaguarda das FARC.

Ao Chávez a motivação é conter com sinais a fúria imperialista desde as sete bases militares da US Army em território colombiano, advertido de poder sofrer em sua provável reeleição uma operação similar à que lançam contra a Líbia se não colabora.

Para Porfírio Lobo e seu grupo aliado o importante é assegurar dinheiro da cooperação multilateral, incluindo Petrocaribe e USAID ao mesmo tempo, e

3**51**

7.0.4**D**

aproximar de novo o povo das eleições. Assim o golpe pareceria uma bela democracia participativa.

Para Manuel Zelaya, como para a FNRP, existe a geral reclamação popular para que esteja presente na pátria para conduzir a um melhor destino a força social e política mais potente da história nacional.

Na mesa estão os jogadores e as jogadas. Mas aos espectadores nos preocupa que o retorno da ordem constitucional e o compromisso de sancionar crasilisto os direitos violados, restituir os danos causados e colocar o ser humano a frente sejam somente temas acessórios da mesa.

Ante semelhante risco, propomos com a seriedade de três décadas fazendo frente ao mesmo grupo de políticos e militares que causaram nossa existência organizada, que o Acordo de Cartagena tenha pés firmes e visíveis.

Um retorno acelerado do golpismo à Assembléia da OEA depois da anulação dos julgamentos políticos a Zelaya e uma mediação sem nova Constituição, deixaria a imagem de uma operação opaca e no meio da confusão a mesa ficaria de pés para o alto e, portanto, inservível.

Façamos com otimismo racional e transparência que este processo em sua fase política terminal seja uma lição à humanidade inteira de como um povo obriga às elites a negociar de cara ao sol, marcando calendário a seus consensos, sem transigir seus direitos.

Mas, enfim, também o imóvel pode cair por seu próprio peso ou ajudado pela força coletiva desta nova humanidade que produziu a barbárie.

Traduzido por Coletivo Paulo Petry, núcleo da UJC/PCB em Cuba.

Crónica 26 Marzo

DIA INTERNACIONAL DEL DERECHO DE LOS PUEBLOS A LA REBELION ARMADA

Desde muy temprano, van llegando las delegaciones del Movimiento Continental (3 5 3 Bolivariano desde todos los puntos de Venezuela al combativo y popular barrio 23 de Enero de Caracas, Venezuela. El punto de encuentro es la sede de la Coordinadora Simón Bolívar, lugar donde a los seis meses de fallecido el camarada Manuel Marulanda, se construyó la primera plaza en el mundo que lleva su nombre, sitio emblemático y de encuentro de los revolucionarios no sólo de Venezuela sino del mundo.

Las delegaciones del Zulia, Aragua, Carabobo, Trujillo, Vargas y otras localidades comienzan a confluir bajo el abrasante sol Caraqueño de Bolívar en el 23, es sábado 26 de Marzo, Día Internacional del Derecho de los Pueblos a la Rebelión Armada. Ya la prensa local desde hace unos días ha estado anunciado la jornada de homenajes que se avecinan, delegaciones internacionales han arribado a Venezuela a participar en este evento, como el camarada Iván Pinheiro de la tierra de Carlos Prestes, secretario general del Partido Comunista brasileiro PCB, Néstro Kohan intelectual guevarista argentino, Narciso Isa Conde revolucionario dominicano de la Presidencia Colectiva del MCB entre otros.

Desde temprano el MCB está en los preparativos de engalanar la plaza Manuel Marulanda y el boulevard, que servirá como escenario tanto para la jornada infantil de la mañana, con los nuevos retoños de la Patria Grande y el foro internacional de medio día. Con la música fariana de fondo se vive un día especial en esta parroquia. Los vecinos bajan de sus edificios por las intrincadas escalinatas de los desfiladeros integrándose a los preparativos de este evento histórico y revolucionario que su barrio acoge.

Son las 11:30 de la mañana y en el boulevard se han instalado 2 grandes juegos inflables, hay golosinas, (cotillón le llaman en Venezuela) animación y los retoños del barrio junto a sus padres y los hijos nuestros se integran como una gran familia en los juegos, pintadas de caritas, competencias, dulces etc.

A las 1:00 de la tarde se convoca al traslado hacia la plaza Simón Bolívar del referido barrio 23 de Enero para realizar la caminata "Un Clavel de Bolívar a Manuel" aferrado a la mano como fusil combativo dando inicio formalmente a la jornada, con banderas, pancartas, claveles rojos donde las distintas delegaciones y miembros de los partidos y colectivos revolucionarios presentes se dirigieron a la plaza, levantando alli una gran pancarta con la imagen del camarada Manuel, Bolívar y una columna de guerrilleros de las FARC-EP en la que se lee la consigna central de la jornada "26 de Marzo Día Internacional del Derecho de los Pueblos a la Rebelión Armada". La plaza se transforma en una tribuna popular tomada por los hijos de Bolívar, el Che y Manuel. Se van sucediendo los saludos de los delegados de los distintos estados de las organizaciones populares nacionales e internacionales, hay en el ambiente un ánimo de fiesta revolucionaria, de reencuentros, abrazos entre distintos camaradas de otros estados que no se veían desde hace mucho, entre internacionales y colombo venezolanos, en fin esta tarde en Caracas se cumple la consiga de que en Bolívar y en Manuel nos encontramos todos.

Evocando los mítines de principios del siglo XX, arriba de un banco de la plaza y a viva voz, los militantes revolucionarios declaman sus vivas a las insurgencias fariana y del mundo, comienza la marcha con Manuel a la cabeza de la columna del mundo, comienza la marcha con Manuel a la cabeza de la columna del mundo, comienza la marcha con Manuel a la cabeza de la columna del mundo, comienza la marcha con Manuel a la cabeza de la columna del mundo, comienza la marcha con Manuel a la cabeza de la columna del mundo, comienza la marcha con Manuel a la cabeza de la columna del mundo, comienza la marcha con Manuel a la cabeza de la columna del mundo, comienza la marcha con Manuel a la cabeza de la columna del mundo, comienza la marcha con Manuel a la cabeza de la columna del mundo. de este destacamento internacionalista, van bajando hacia la plaza, los vecinos que saliendo a sus balcones o puertas de sus casas saludan la marcha. A lo lejos (354 en los techos de los edificios del barrio 23 de Enero, se lanzan fuegos artificiales fuertes como salvas de honores, por parte de otros de los colectivos revolucionarios que hacen vida en este sector. El sol y las bocinas de los distintos tipos de vehículos saludan reverentemente. Un momento especial se vivió, cuando la columna de hombres, mujeres y niños irrumpieron en la plaza, y allá esperándolo con su sabia mirada dejada escapar por la visera de la gorra militar Manuel Marulanda entre dos palmas de la selva, entra en contacto con los suyos. Y se comienza a oír en Himno de las FARC-EP, cada uno con su clavel rojo va acercándose al busto del camarada Manuel depositando su flor al compás del Himno cargados de emoción y compromiso, rostros humildes y emocionados se fotografían junto a Manuel, la plaza está colmada de banderas ondeantes del MCB, de Cuba, Palestina, Venezuela, Vascas, del PCV, de la Coordinadora Simón Bolívar, del 26 de Julio entre otras. La tarde del 26 de Marzo todos somos Manuel, todos somos de las FARC, todos somos bolivarianos, las franelas del Che se funden con las del Mono Jojoy, con las de Bolívar, las de las FARC, las del PCV, del PSUV, las de Simón Trinidad, las de Raúl Reyes, las de Manuel Marulanda. Ya se ha dispuesto un toldo con la pancarta central de la marcha en el boulevard, una mesa con mantel rojo, las banderas de Euskal Herria y el MCB, un busto de Bolívar al centro de la mesa y el Bolívar desenvainando su espada a un costado dan el marco para el Foro Internacional por el Derecho a la Rebelión Armada de los Pueblos organizado por la fundación Pakito Arriaran del Comité de Solidaridad con las luchas del Pueblo Vasco, se reparten los más de 350 almuerzos y más de 1,000 folletos In Memórian y otros materiales.

Cerca de las 3 de la tarde abre el foro Pinky y su conjunto musical con temas revolucionarios y de compromiso con la Lucha Continental, la representante de la Coordinadora Simón Bolivar Guadalupe y el camarada Sebastián de la Fundación Pakito Arriaran abren el foro y presentan a los panelistas compañeros Iván Pinehiro del PCB, camarada Isac, del Pueblo Palestino FPLP y el camarada argentino Néstor Kohan, donde se reivindica el legítimo derecho a la rebelión armada de los pueblos y la solidaridad con el pueblo colombiano, la lucha antimperialista y condenando las agresiones a los pueblos árabes en estos momentos, además de la solidaridad irrestricta con el proceso bolivariano venezolano y del comandante Chávez. Un trovador y cantor popular venido desde el estado de Trujillo entona y musicaliza un poema-canción al camarada Manuel Marulanda y a la insurgencia colombiana que acababa de escribir apenas unos días antes de esta fecha.

Mientras se desarrolla el foro en el otro espacio de la plaza el canal de T.V Comunitaria de Caracas "Catia TV" está instalando sus cámaras, sus micrófonos y las conexiones necesarias para trasmitir en vivo y directo el acto central que deberá comenzar cerca de las 5 de la tarde, ellos no tienen antena parabólica para trasmitir pero sus técnicos se han inventado una artesanal y ha servido para estos fines, extendiendo el homenaje a miles de televidentes. También el equipo

revolucionario de la Cadena Radial Bolivariana, Voz de la Resistencia ha instalado sus micrófonos y tiene un punto de trasmisión en directo cerca de la plaza a través de la página web www.resistencia-colombia.org Donde se está trasmitiendo la señal *On Line* del evento para el mundo, enlace que había sido avisado unos días 355 antes a varios capítulos y amigos del MCB y las FARC en varios países previamente, la Radio FM al Son del 23 de la Coordinadora Simón Bolívar también ADI está trasmitiendo en vivo el evento.

Los medios de la desinformación mediática de la prensa colombiana como RCN, Caracol y NTN 24 han llegado a la plaza y entrevistan a Carlos Casanueva secretario general del MCB y a la compañera Guadalupe Rodríguez de la Coordinadora Simón Bolívar del 23 de Enero, sacan paneos generales y filman la mesa stand donde se exhibían productos de las FARC (café, tabaco, ron, camisetas, música, videos, folletos etc) compraron café fariano y lo muestran en las cámaras.

Pasados unos minutos después de las 5pm, todo el mundo se concentra en la plaza, algunas personas que han llegado desde temprano en la mañana se retiran del lugar mientras otras van llegando al foro y al acto central. Durante todo el día se ha mantenido ese flujo, cerca de 500 personas en el lugar, de ellos unos 200 que han venido del interior del país, otras 100 personas del 23 de Enero y el resto de Caracas, de diferentes colectivos y partidos que hacen vida en el MCB de Venezuela.

Con el Himno de Venezuela entonado a pulmón arranca el acto central y las palabras de bienvenida por parte de la compañera Guadalupe y el compañero Carlos dan inicio al acto central, el conjunto musical del barrio 23 de Enero, "Patria Buena" con temas revolucionarios activa la concurrencia dándole el marco alegre y combativo a la actividad central, luego se saludan las delegaciones nacionales e internacionales presentes y se hace mención especial del Director General del Despacho de la Presidencia de la Asamblea Nacional de Venezuela, compañero, Diputado Eduardo Piñates.

Amílcar Figueroa por el capítulo venezolano del MCB saluda a los presentes y hace hincapié en la importancia de la fecha a conmemorar y realza la figura y legado del camarada Marulanda y todos los combatientes farianos en el contexto de la Lucha Continental de Liberación junto con la importancia de la revolución bolivariana de Venezuela en este proceso de luchas populares.

En este contexto y en medio de las consignas se escuchan las notas suaves de una guitarra y desde el público avanza declamando a viva voz una poesía al camarada Manuel un niño chileno con una franela del Mono Jojoy, una boina negra y la bandera de las FARC-EP, en medio del silencio del público presente irrumpe sorpresivamente el muchacho a paso lento pero firme y alzando la voz, llega hasta el centro de la plaza gritando *vivas* a Manuel y las FARC, despliega la bandera de frente al público acompañado de Narciso, repite la poesía a petición del público con micrófono en mano y al terminar se oyen las notas del Himno de las FARC subiendo la emoción de los presente que entonan las notas del Himno de los insurgentes de la Colombia de Bolívar y de Nuestra América.

Narciso Isa Conde da unas emotivas palabras centrales en un mensaje de reafirmación y compromisos internacionalistas con la lucha continental, de

reconocimiento a la figura del camarada Manuel y a la importancia de la insurgencia colombiana en el mundo actual.

Ya en la parte final del acto Alí Manaure, Centauro y su conjunto entonaron canciones revolucionarias y farianas en medio de esta presentación finals, el 356 camarada Casanueva leyó fragmentos del documento In Memórian del secretariado de las FARC-EP, enviado especialmente para este acto y repartido a todos los presentes y medios de comunicación durante todo el día en la plaza, el cual fue recibido con vivas a las FARC y a la lucha armada, luego de ello prosiguió el conjunto de Alí y se sumó "Patria Buena" haciendo cantar y bailar a todos los presentes. El espíritu a esta hora cerca de las 7pm era de una combatividad y alegría revolucionaria muy alta, las delegaciones de regiones comienzan el retorno con sus transportes no sin antes saborear un rico sancocho de la Unidad Continental que se estaba repartiendo a todos los presentes. De esta forma cargada de misticismo y reencuentro revolucionario fue culminada con éxitos esta Tercera Jornada Internacional del Día del Derecho de los Pueblos a la Rebelión Armada en el 23 de Enero de Caracas, Venezuela.

La gente se retiró con la satisfacción del compromiso cumplido en un espacio liberado, que se siente como propio de los revolucionarios del nuestra américa y del mundo. En la atmósfera se respiraba el sentimiento de que junto al camarada Manuel estamos cumpliendo. Hemos jurado vencer y venceremos!

En las montañas, campos y ciudades colombianas los guerrilleros de las FARC-EP, de los Milicianos, del Movimiento Bolivariano por la Nueva Colombia, del Partido Comunista Clandestino y del pueblo en general que luchan por una Nueva Colombia Bolivariana y Socialista no están solos, el pueblo latino caribeño, guevarista, martiano, bolivariano los acompaña, apoya y alienta.

Por último nos queda el desafío para que en el próximo año podamos convertir esta jornada en un evento cualitativamente superior y de múltiples actividades que de espacio a todos.

En apenas 3 años ya hemos instalado el 26 de Marzo como una fecha internacional de la dignidad e insurgencia de los pueblos en rebeldía y el internacionalismo, debemos decir que el 26 de Marzo no sólo se conmemoró en Caracas, sino también en la Bolivia Tupakatarista, en el Ecuador Alfarista, en la Galiza anticapitalista e independentista y también en los demás capítulos de los países que tiene presencia el MCB.

Los niveles alcanzados en esta jornada de este 26 de Marzo cuando se le compara a las anteriores, superan con creces el estado de ánimo y la subjetividad de los participantes, la que debemos entender en la percepción que tienen los revolucionarios en el caso de Venezuela, de los avances obtenidos por las FARC, en el terreno militar y político, y en la claridad que tienen frente a los medios mediáticos, como el resultado de un trabajo colectivo acumulado en estos últimos años, que aún debemos superar cada vez más.

Estuvieron presentes:

El Movimiento M 28, Corriente Comunista Gustavo Machado, el Partido Comunista de Venezuela, el M.R. Tupamaros, el Colectivo Voces Antimperialistas, el Colectivo Frente Antifascista de Caracas, Comité de Solidaridad con Ilich Ramírez, el Colectivo Che Guevara de Trujillo, la Milicia Bolivarina de Montarás del 23 de

Enero, el Colectivo Voces, el Frente Comunal Nacional Simón Bolívar, las FBL, la Coordinadora Simón Bolívar, la Fundación Pakito Arriaran, los Capítulos Zulia, Carabobo, Aragua, Trujillo y Vargas del MCB entre otros, además de las 1357 delegaciones internacionales de Chile, Argentina, Brasil, País Vasco, Colombia y República Dominicana.

Alfredo Director de ABP.

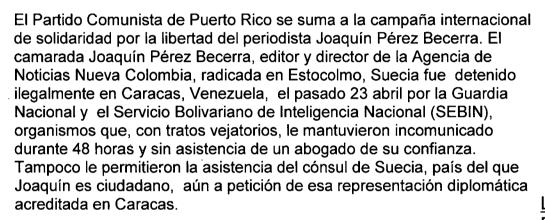
PARTIDO COMUNISTA de PUERTO RICO

San Juan, Puerto Rico

6 de mayo de 2011

DECLARACIÓN DEL PARTIDO COMUNISTA DE PUERTO RICO

ANTE LA DETENCION ILEGAL Y ENTREGA DEL REVOLUCIONARIO Y REFUGIADO POLÍTICO JOAQUÍN PÉREZ BECERRA AL ESTADO FASCISTA COLOMBIANO POR EL GOBIERNO DE VENEZUELA



El lunes, 25 de abril Joaquín Pérez Becerra, acusado falsamente de ser el "embajador de las FARC en Europa", fue entregado, en el aeropuerto internacional Simón Bolívar en Maiquetía por el Gobierno de la República Bolivariana de Venezuela a oficiales del DAS, cuerpo represivo y de espionaje del Estado colombiano, y de la INTERPOL, por los delitos fabricados de "concierto para delinquir, financiamiento del terrorismo y administración de recursos relacionados con actividades terroristas". Inmediatamente fue trasladado a Bogotá, Colombia, y se le llevó a una cárcel de máxima seguridad.

Sin lugar a dudas, en el proceso de deportar del país al ciudadano sueco Pérez Becerra, el Ejecutivo Nacional de la República Bolivariana de Venezuela actuó deliberada y arbitrariamente contra la Constitución y las leyes nacionales e internacionales, lo que implicó graves violaciones de los derechos humanos suscritos y ratificados por Venezuela: Derecho a la inviolabilidad de la libertad personal, a no ser arrestado o detenido sin orden judicial previa o sorprendido *infraganti*. Derecho a no ser incomunicado. Derecho a tener asistencia de abogado de su confianza, a ser notificado del motivo de su detención y, por ser extranjero, a la notificación consular prevista en los tratados internacionales. Derecho a un debido proceso judicial. Derecho a la defensa y asistencia jurídica en toda instancia y grado del proceso. Derecho de asilo y refugio.

El Artículo 6 del Código Penal Venezolano establece claramente que: "La extradición de un extranjero no podrá concederse por delitos políticos ni

RESEAL SEE PORT TOTALLS

<u>Luis</u>

por infracciones conexas con estos delitos, ni por ningún hecho que no esté calificado de delito por la Ley venezolana".

El Articulo 395 del Código Procesal Penal dispone que "Si un gobierno extranjero solicita la extradición de alguna persona que se halle en territorio de Venezuela, el Poder Ejecutivo remitirá la solicitud al Tribunal Supremo de Justicia con la documentación recibida".

Según se indica en el Pronunciamiento de la Asociación Americana de Juristas, Capitulo de Venezuela: "El procedimiento también vulneró por omisión expresa la NORMATIVA del DERECHO INTERNACIONAL HUMANITARIO y, particularmente, se desconoció la RESOLUCIÓN N° 17 (XXXI) DEL ALTO COMISIONADO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LOS REFUGIADOS (ACNUR) DE 1981, que contempla una serie de limitaciones para efectuar la extradición de personas en condición de REFUGIADOS, bajo la premisa de que la EXTRADICIÓN ES UN PROCEDIMIENTO POR EL CUAL UNA PERSONA ACUSADA O CONDENADA POR UN DELITO CONFORME A LA LEY DE UN ESTADO ES DETENIDO EN OTRO Y DEVUELTO PARA SER ENJUICIADO O PARA QUE CUMPLA LA PENA YA IMPUESTA".

Nada de esto se cumplió y hoy el camarada Joaquín Pérez Becerra, refugiado político en Suecia luego del exterminio de los militantes de su organización política, la Unión Patriótica – 5,000 asesinados por el Estado terrorista de Colombia- y quien con su Agencia de Noticias Nueva Colombia defendió siempre a la Revolución Bolivariana de Venezuela ante los ataques del Imperialismo Yanqui y su lacayo Álvaro Uribe Vélez, se expone a torturas y a ser asesinado mientras espera por un juicio amañado en las mazmorras del mayor violador de los derechos humanos entre los Estados de América Latina. El Gobierno de Venezuela sabía, al saltarse, por Razones de Estado, todos y cada uno de los procedimientos administrativos y judiciales mandatorios, que en Colombia han sido asesinados 150 periodistas en los últimos años y que la vida de Pérez Becerra está en franco peligro. Los funcionarios de más alta jerarquía del Gobierno y el mismo compañero Hugo Chávez Frías, Presidente de la República, también saben que el Gobierno de Colombia practica con frecuencia una modalidad de tortura y asesinato consistente en negarle asistencia médica a los 7,200 prisioneros políticos que penan en sus cárceles -por las violaciones a los derechos médicos de los presos murieron recientemente 5 reos en las cárceles de máxima seguridad de Acacias (Meta) y la Dorada (Caldas)-.

Más allá del marco jurídico, la detención ilegal – secuestro- y "extradición"- de Joaquín Pérez Becerra, así como la entrega de otros 12 militantes revolucionarios acusados por el gobierno narcoterrorista de Juan Manuel Santos de ser integrantes de las FARC o del ELN, no se corresponde con los principios revolucionarios, antiimperialistas o socialistas de la Revolución Bolivariana de Venezuela. Ninguna razón de Estado justifica que un gobierno revolucionario entregue a un revolucionario a un Estado terrorista: he aquí un principio ético insoslayable. Desafortunadamente, estos lamentables hechos vulneran el



prestigio ganado durante 12 años de la Revolución Bolivariana y laceran la confianza de las y los revolucionarios del mundo en el gobierno de Hugo Chávez Frías.

El Partido Comunista de Puerto Rico demanda la inmediata liberación del camarada Joaquín Pérez Becerra y reclama vehementemente al Gobierno venezolano que cese la política que le ha llevado a entregar como "terroristas" y "delincuentes" a los revolucionarios colombianos.



Por la Comisión Política del Partido Comunista de Puerto Rico,

Miguel Cruz Santos
(787) 602 -6331
partidocomunistapr@yahoo.com

La deportación de un militante

COMUNICADO DE PRENSA

Académicos Internacionales hacen llamado al Presidente por la libertad del preso político colombiano, Dr. Miguel Ángel Beltrán

Más de 4,000 académicos internacionales han enviado una carta abierta al presidente colombiano exigiendo la libertad del Dr. Miguel Ángel Beltrán, académico colombiano encarcelado desde Mayo 2009 sin haber sido condenado por ningún delito.

Los firmantes de la carta (copia adjunta) incluyen el Premio Nobel Professor Sir Richard Roberts, académicos de más de 20 países y más de 300 profesores universitarios destacados. Según la carta, el Dr. Beltrán "ha sido encarcelado con el fin de silenciarle y de amedrentar a quienes intenten dar viva voz a sus ideas opositoras." Acusan al régimen colombiano de violar el derecho a la libertad de expresión y manifiestan que "El alto número de presos políticos en las cárceles colombianas…desmiente las declaraciones relativas a que su Gobierno estaría dispuesto a mejorar la política de respeto a los derechos humanos."

Sally Hunt, líder de la Asociación británica de Profesores Universitarios, dijo "El Dr. Beltrán es un hombre inocente encarcelado por un régimen intolerante que está resuelto a suprimir toda crítica. Es hora que la comunidad internacional denuncie lo que está pasando en Colombia y de que las autoridades colombianas liberen al Dr. Beltrán así como a todos los demás presos políticos."

Actualmente Colombia tiene detenido miles de presos políticos en condiciones horrorosas.

La parlamentaria británica Madeleine Moon, una de los miembros del Grupo parlamentario 'Amigos de Colombia', el cual tiene más de 60 parlamentarios miembros, dijo ""La gran tragedia de Colombia es que los más inteligentes y mejores de sus pensadores y activistas están encarcelados o han sido asesinados. Una visita reciente para hablar con presas políticas en una cárcel de mujeres demostró el miedoso que es el Estado ante la crítica y libertad de expresión."

La carta y listado de firmantes va adjunto.

CPADH SID

TRADUÇÕES DE JULHO DE 2014

CARACAS, 4 JUN. 2011, TRIBUNA POPULAR TP.- En el año 1972, cuando arreciaba las presiones norteamericana contra el Gobierno de la Unidad Popular en Chile y habiendo decidido ya su derrocamiento, el Presidente Allende se vio enfrentado a la entrega de un grupo de guerrillero argentino. Ante el análisis de la situación con sus colaboradores, el Presidente tomó la decisión, se puso de pié y dando un golpe de puño sobre la mesa dijo con voz clara y determinación. "Así serán las cosas, pero este es un gobierno socialista mierda y no entregamos a ningún compañero... esta misma noche se van para a fili (3 6 %).

A continuación el relato de los hechos realizado por el compañero chileno, Roberto Ávila, ante los acontecimiento que está enfrentando el gobierno del Presidente Chávez.

En medio de un mar de conspiraciones, las que llegaron a causar la muerte del general René Schneider jefe del ejército chileno, asumió Salvador Allende la presidencia de Chile el 4 de Noviembre de 1970. Los norteamericanos se habían propuesto su derrocamiento como tarea de Estado. Una de las posibilidades para agredir a Chile era utilizar a Argentina, entonces con dictadura militar. Las cuestiones limítrofes pendientes eran muchas y todos sabemos que Argentina tiene mayores dimensiones que Chile.

El presidente Allende se reunió con el general Agustín Lanusse y llegaron a acuerdos que diluyeron esta relación bilateral como foco desestabilizador para el gobierno de Chile.

El 15 de agosto de 1972 los 114 prisioneros políticos de la base naval Almirante Zar sita en la Patagonia argentina, casi todos ellos guerrilleros, se tomaron el penal. Por descoordinaciones sólo algunos alcanzaron a llegar a Trelew donde se hicieron de un avión de pasajeros y enfilaron rumbo a Puerto Montt en territorio chileno.

Entre los fugados venían: Roberto Santucho, jefe máximo del Ejercito Revolucionario del Pueblo (ERP), Fernando Vaca Narvaja y Roberto Quieto de la Conducción Nacional de Montoneros; Marcos Osatinsky de las FAR, Víctor Fernández Palmeiro una leyenda de la guerrilla argentina, Enrique Gorriarán Merlo y otros de la misma significación política.

De Puerto Montt llegaron a Santiago, la realidad jurídica era que habían entrado ilegalmente al país, venían armados y con un avión secuestrado. Esa era la legalidad formal, lo real era su condición de luchadores por la libertad de su patria.

Depusieron las armas y pasaron a la calidad de retenido en el cuartel central de la Policía Civil chilena, una suerte de huéspedes forzados. La petición de extradición se anunció de inmediato por el gobierno argentino, al que una revolución con tantos enemigos y que luchaba en solitario como la nuestra no podía desatender sin más. Argentina nos había dado hasta un préstamo para comprar trigo.

La derecha chilena tocó de inmediato las campanas del escándalo: "Chile el santuario de los extremistas latinoamericanos", "se perjudica la relación con Argentina", "se viola el estado de derecho".

Una gran manifestación popular en los faldeos del Cerro Santa Lucía expresó la solidaridad revolucionaria de los chilenos con sus hermanos argentinos. El 22 de Agosto 16 de los prisioneros políticos que no pudieron huir fueron fusilados en Trelew, un vil asesinato.

El presidente Allende se reunió con los abogados de los jóvenes argentinos en el Palacio de La Moneda y pidió a su ministro de Relaciones exteriores su opinión. La relación del ministro fue desoladora: todo el derecho en contra, el nacional y el internacional.

Sólo el presidente del Consejo de Defensa del Estado Eduardo Novoa Monreal dio argumentos a favor de la no entrega. Cada nuevo consultado acumulaba argumentos legales y políticos en Pro de la extradición. Los abogados de los fugados veían venir lo peor. Sorpresivamente el presidente de la República de Chile, el jefe de la Revolución chilena, se puso de pié y dando un golpe de puño sobre la mesa dijo con voz clara y determinación. "Así serán las cosas, pero este es un gobierno socialista mierda y no entregamos a ningún compañero... esta misma noche se van para Cuba".

Esa noche un avión de cubana despegaba rumbo a La Habana con su libertario cargamento. Estábamos solos en el mundo, solo con la amistad leal de los herederos de Martí, hasta la URSS nos negaba ayuda, rodeados por mil peligros, pero no se conjugó jamás el verbo traicionar.

Revolucionarios venezolanos, ese era Salvador Allende, así actuaba la revolución chilena. Los errores son parte de la vida pero hay que corregirlos.

Mariela Castro "Imagino un socialismo democrático, sin dogmas y sin prejuicios"

WRITTEN BY RESUMEN LATINOAMERICANO

Mariela Castro, directora del Centro Nacional de Educación Sexual (CENESEX) de Cuba.

Flat () () () 3 B 4

Redacción Cafefuerte

- La sicóloga Mariela Castro, hija del gobernante Raúl Castro, calificó de burdo y vengativo al gobierno de Barack Obama por negarse a canjear los cinco cubanos prisioneros en Estados Unidos por el contratista norteamericano Alan P. Gross, condenado a 15 años de cárcel en la isla. Mariela Castro durante su entrevista con el medio ruso Actualidad RT

"Nosotros lo interpretamos como una vendetta del sistema mafioso de poder norteamericano", declaró la sexóloga en una entrevista transmitida este jueves por la televisión rusa. "Realmente son tan burdos que ni siquiera quieren cambiar a nuestros prisioneros por el prisionero norteamericano que está aquí, que ya fue condenado en un juicio legal".

La entrevista de media hora fue realizada para Actualidad RT, perteneciente a la organización autónoma TV-Novosti, y durante la conversación, la directora del Centro Nacional de Educación Sexual (CENESEX), sorteó preguntas diversas sobre su padre, su tío Fidel Castro y la fascinación que despertó en ella el guerrillero Ernesto Che Guevara, al que insistió en calificar de "tierno". También dijo que Raúl Castro le confesó que le gustaría tener tanta libertad como ella y analizó el cambio que se ha producido en la mentalidad de ambos hermanos sobre temas como el machismo y la homosexualidad. Afirmó que ni Fidel ni Raúl han perdido el romanticismo de la primera etapa revolucionaria. Habló además de una invasión norteamericana a Cuba que -según ellaparecía inminente en 1994.

CaféFuerte publica íntegra la transcripción de esta entrevista, coincidiendo con las recientes declaraciones de Raúl Castro, quien en vísperas de su 80 cumpleaños sugirió que está listo para retirarse tras su primer mandato al frente del gobierno cubano.

ENTREVISTA DE MARIELA CASTRO CON EL PROGRAMA "A SOLAS" DE ACTUALIDAD RT, 2 DE JUNIO DE 2011

Elena Rostova: Muchísimas gracias por haber accedido a compartir con nosotros experiencias más personales. Usted es la hija de Raúl Castro y la sobrina de Fidel Castro. En la vida cotidiana, ¿no afecta, no limita esto?

Mariela Castro: Afecta. Desde algún punto de vista es incómodo, pero desde otro punto de vista es bonito, porque he recibido mucha gratificación espiritual, agradecimiento, mensajes muy bonitos de agradecimiento muy sincero de personas no sólo en Cuba sino en otros lugares del mundo justamente por eso. O sea, más bien me ha dado gratificaciones espirituales.

ER: Usted nació poco después del triunfo de la revolución cubana. ¿Cómo

recuerda el ambiente que reinaba en si infancia?

MC: Yo recuerdo mi infancia muy feliz. Realmente que mis padres me dejaban eso de explorar, yo recuerdo que siempre estaba encaramada en un árbol, encaramada en cualquier cosa, subiendo columnas... no había esa limitación de que por ser niña no podía hacer cosas de niño, aunque siempre había alguien que me decía "Oye, bájate de los árboles que eso son cosas de niño". Pero yo siento que había libertad, que recibían con simpatía cualquier cuestionamiento que hacía, siempre hubo la posibilidad de dialogar, de buscar el espacio familiar del diálogo, incluso del cuestionamiento, de ellos a nosotros y nosotros a ellos, de la misma sociedad, de la historia...

Yo recuerdo cuando empecé en la universidad, que empecé a estudiar Filosofía Marxista, [que] me dio muchas más herramientas para cuestionar la realidad, yo me recuerdo que leía la revista *Literatura Soviética*que vendían aquí que era muy buena, y hay una que nunca la voy a olvidar, yo creo que la voy a guardar toda mi vida, la voy a conservar por toda mi vida, que era una dedicada a Maiakovski, y me dio mucha idea de lo que fue esa época que vivió Maiakovski, contradictoria entre época de Lenin, desaparición de Lenin, cuando empieza Stalin, cómo cambió la manera de experimentar el socialismo y él [Maiakovski] cómo lo sufrió. Y ahí leí discursos de Lenin donde cuestionaba el "mitinismo" y un grupo de tendencias que él consideraba [que] no ayudaban al proceso de experimentación del socialismo, porque tergiversaban su sentido, y yo recuerdo que eso me iluminó, me dio pistas para cuestionar la realidad cubana, y después que la estudiaba muy bien se la pasaba a mi papá. Le decía: Mira, papá, esto hay que cambiarlo aquí también, porque a Lenin le pasaba allá, y nos está pasando a nosotros.

Teníamos esa posibilidad de dialogar y de cuestionar la propia realidad cubana. Y cuestionaba el campo socialista también. Y al cabo de los años me doy cuenta de que tuve esa posibilidad, esa libertad, que hablábamos muy abiertamente en casa sobre muchas cosas. Y realmente eso me dio mucha fortaleza y me hizo muy feliz de que pudiéramos tener esa posibilidad.

Raúl Castro quiere tanta libertad como Mariela

ER: Usted anteriormente ha mencionado que sus padres han tratado de protegerla de la política, que indudablemente no es un mundo sencillo. Pero, ¿hasta qué punto esto ha sido posible? ¿No hay de todos modos una responsabilidad que viene con el nombre?

MC: No, no me gusta asumir responsabilidades públicas desde el nombre, sí una responsabilidad mínima como ciudadana y una responsabilidad de afecto familiar, que yo no quiero hacer cosas que lastimen a mis padres, a mi familia, por supuesto, como cualquier otra persona con sentimiento de pertenencia a una familia. Pero no... En algún momento cuando era más jovencita me proponían, mira para que..., me proponían de delegada para un congreso de una organización estudiantil, y entonces yo, [me preguntaba] bueno, ¿y yo por qué? Que al final como que la realidad me fue diciendo que sí, que había que participar y asumir responsabilidades pero no mucho más allá de las que yo asumía en un ámbito más sencillo....

Y cada vez que alguien me proponía un trabajo, mi mamá [Vilma Espín] decía que no, que me dejaran tranquila donde yo estaba. Y mi papá también veo que ha hecho todo lo posible por evitar que cuando alguien me propone para alguna responsabilidad, él pide por favor que me dejen tranquila en mi trabajo y

CPADI/SID

en las cosas que yo hago. Yo lo interpreto como que me protege. Yo soy muy apasionada y ellos, sobre todo mi papá que es muy apasionado, y [viendo] que el mundo político es compleio y contradictorio, tal vez él prefiere que yo no viva esas contradicciones. Los padres tienden siempre a proteger, aunque digan que no, tienden a proteger. Tal vez se lo deba agradecer, porque yo identifico mi participación política desde la participación ciudadana. Creo que me da más ROUNA SUPERIOR DE LA COMPANION libertad. Incluso una vez me lo dijo; mi papá me dijo que le gustaba mucho mi libertad. Que quería ser tan libre como yo. Y bueno tal vez ese es el mensaje que vo deba captar.

ER: Una vez en una entrevista con Ricardo Alarcón, él nos hablaba de una fuerte campaña de descrédito contra Cuba. Usted siendo parte de la familia Castro se ha sentido alguna vez víctima de esa política?

MC: Sí. Yo creo que todas y todos los cubanos hemos sido víctimas... O sea, todos los cubanos identificados con el proceso revolucionario, hemos sido víctimas de eso. Aunque yo debo agradecer que la gran mayoría de los periodistas con los que he tenido vínculos han sido muy honestos conmigo, aunque, bueno, ya cuando llegan las noticias a las editoriales o medios de prensa las cosas pueden cambiar. Pero sí he percibido, en la gran mayoría de los periodistas con los que he dialogado, honestidad.

Más líder que tío "

ER: Las grandes figuras de la historia muchas veces tienen que sacrificar lo familiar por su obligación ante el pueblo, ante su misión. En su caso, ¿hasta qué punto podría decirse que Raúl político no le dejó espacio a Raúl papá? MC: No, no lo podría decir. Porque tanto mi papá como mi mamá hicieron un gran esfuerzo por dedicar tiempo a la familia. Por encima de todas las posibilidades, a veces mezclaban reuniones de trabajo con la presencia familiar, si tenían que hacer un almuerzo o una cena de trabajo pedían estar con los hijos, es decir, ellos extrañaban mucho y por eso le daban mucha importancia al tiempo que estábamos juntos. Y también por eso lo agradezco. A veces yo reclamaba que quería tener una mamá y un papá común [es] y corriente [s], y quería que estuviesen en la escuela todos los días como otros papás y otras mamás, que nos llevaran... Mi mamá tuvo más tiempo que mi papá para ir a las reuniones de padres, de estar más vinculada a nuestras vidas cotidianas, pero también ella tenía mucho trabajo. Y aún así, buscaban en tiempo.

ER: Cuando hablamos de Fidel Castro, el mundo entero se imagina a ese héroe, a esa figura legendaria que ha osado hacerle frente al imperio norteamericano. Para usted, ¿es más que nada tío Fidel o lo sigue viendo como una figura?

MC: No. Cuando era niña sí era tío Fidel, pero en la medida que ya después de la adolescencia y en la juventud fui dándome cuenta con más claridad de quién era Fidel, en el sentido histórico y para el pueblo de Cuba, ya empecé a verlo como Fidel, igual que todo el mundo.

ER: ¿Y surgió cierta distancia?

MC: Sí, surgió una distancia con respeto y, además, me dignificaba ver a Fidel como el líder y no como el tío. Me sentía que era más digno. Es como crecer y

C57011012

darse cuenta: esa persona no es tu tío, esa persona tiene una responsabilidad social que te pone en una relación diferente ante él.

ER: ¿Qué podría contarnos de él como ser humano, como persona en lo cotidiano?

MC: En lo cotidiano a mí me gustaba niucho desde niña, bueno, la aparición desde niña, bueno, la aparición desde niña, sur en la cotidiano a mí me gustaba niucho desde niña, bueno, la aparición desde niña, sur en la cotidiano a mí me gustaba niucho desde niña, bueno, la aparición desde niña su en la cotidiano a mí me gustaba niucho desde niña, bueno, la aparición desde niña su en la cotidiano a mí me gustaba niucho desde niña, bueno, la aparición desde niña su en la cotidiano a mí me gustaba niucho desde niña su en la cotidiano a mí me gustaba niucho desde niña su en la cotidiano a mí me gustaba niucho desde niña su en la cotidiano a mí me gustaba niucho desde niña su en la cotidiano a mí me gustaba niucho desde niña su en la cotidiano a mí me gustaba niucho desde niña su en la cotidiano a mí me gustaba niucho desde niña su en la cotidiano a mí me gustaba niucho desde niña su en la cotidiano a mí me gustaba niucho desde niña su en la cotidiano a mí me gustaba niucho desde niña su en la cotidiano a mí me gustaba niucho desde niña su en la cotidiano a mí me gustaba niucho desde niña su en la cotidiano a mí me gustaba niucho desde niña su en la cotidiano a mí me gustaba niucho desde niña su en la cotidiano a mí me gustaba niucho desde niña su en la cotidiano a mí me gustaba niucho desde ni me cotidiano a mí Fidel en la familia, de repente si decían va a llegar Fidel, ay, llegó Fidel, era siempre un acontecimiento, una gran emoción, y parte era muy placentero. Es decir, se pasaba bien en la compañía de escucharlo. Realmente teníamos deseos siempre de escucharlo, de hacerle muchas preguntas; siempre el que ve a Fidel tiene ganas de preguntarle muchas cosas porque Fidel tiene respuesta para todo, y además respuestas ingeniosas, respuestas inteligentes. Entonces, desde las preguntas más banales hasta las preguntas más complejas, dan deseos de preguntarle. Y él siempre tiene respuestas para todo tipo de pregunta. Y a mí siempre me dio mucha satisfacción tener la oportunidad de compartir momentos en los que contaba cuestiones de la historia, cosas que habían vivido o análisis de la realidad que se estaba viviendo.

Pero sobre todo, más en privado era muy divertido cuando se reunían él, mi papá, Ramón el hermano mayor, y se ponían a contar cosas de ellos en la infancia, a lo largo de su vida, cuando la guerra de guerrillas, y era simpático escuchar cosas que nunca se habían dicho entre ellos y que en ese momento se decían: "Y en aquel momento tú me llamaste la atención y a mí aquello no me gustó, porque yo no tuve la culpa". Y eso era muy simpático, se reían mucho haciendo recuentos de cosas, incluso de momentos difíciles también.

ER: Y de lo que le contaban, ¿algún recuerdo de la época de la revolución que la haya impresionado particularmente?

MC: Muchos. Fueron muchos acontecimientos, porque eran muchas cosas y yo observaba mucho, porque había muchas cosas que las hablaban en susurros y en secreto, y vo siempre tratando de entender qué pasaba por ahí, a veces trataba de preguntar y a veces no, para que no me excluyeran. Quería entender sus puntos de vista sobre las cosas que pasaban en Cuba, en el mundo... Una [cosa] que me impactó mucho fue Angola, la Guerra de Angola, Cuito Cuanavale, que fue un momento fundamental en la Guerra de Angola para llevar a la victoria final. Fue un acontecimiento militar muy especial en lo que es estudios de tácticas militares (para la gente que se dedica a eso). Y yo recuerdo ese momento en que estaban los cubanos en el sur de Angola, cercados por las fuerzas surafricanas -y, en medio del cerco, de madrugada, construyeron un aeropuerto para que aterrizaran las tropas que fortalecieron las posiciones angolanas y cubanas en ese enfrentamiento-, yo recuerdo que fue un momento muy tenso, de mucho sufrimiento, de mucho silencio. Y yo era joven y no entendía qué pasaba, y pensaba que había algún problema conmigo. Y yo llegaba y decía: "¿Por qué no hablan? ¿Qué les pasa, maleducados? ¿Qué problema tienen ustedes?" Y me iba, toda ofendida, y no sabía todo lo que estaba pasando hasta que llego un día a la casa y había una fiesta, todo el mundo celebrando, contentos, estaba Fidel, un montón de compañeros del Ejército, y ahí me enteré qué había pasado. Mira tú, me dije, no sabía que la cosa era tan grave, y yo pensaba que había hecho algo malo. Y así muchas cosas pasaban desde todo punto de vista, y entonces no se

podía hablar, y ellos se reunían y hablaban en secreto y yo loca por saber lo que estaba pasando... Con el tiempo entendí que era mejor no saber lo que no te correspondía y no preguntar lo que no me correspondía.

ER: Usted que lo vivió desde adentro, en esos momentos duros, ¿se sentía temor, una atmósfera de dudas, de miedo por algún momento?

MC: A ver, sí. Tanto desde que empezó la situación que nos llevó al período especial con la caída del campo socialista, que se vivió con mucho sufrimiento 🌬 🤌 🖰 🖰 🖰 🖰 por todos los cubanos, y esa incertidumbre que se estaba ya esperando y que ya cuando nos sorprendió a todos -como Fidel decía, se apagó el sol en un segundo cuando cayó la Unión Soviética. Eso fue un momento muy duro y todo lo que vino después fue mucho más duro, con el sufrimiento de lo que se iba perdiendo, todos los logros sociales que se iban perdiendo. Eso se vivió con mucho sufrimiento a nivel familiar.

La Guerra de Angola y nuestros muertos en Angola se vivió con mucho sufrimiento también; Elián, cuando secuestraron a Elián González, recuerdo también cuando secuestraban pescadores, que mi papá se veía muy dolido, muy angustiado, cada vez que había un acto terrorista; el crimen de Barbados se sufrió mucho en la [mi] familia y en toda la familia cubana, todavía sufrimos el recuerdo del crimen de Barbados, [sobre el] que no se ha hecho justicia todavía.

Los pocos logros que se iban alcanzando se vivían con mucha felicidad, con mucha historia. Pero sí, me acuerdo de 1994, cuando hubo uno de los tantos intentos de manipular a nivel de política internacional los medios norteamericanos para intervenir en Cuba, cuando aquella crisis de los balseros. Me acuerdo que yo fui a Santiago de Cuba con mi papá, que fue a controlar la situación en la Base Naval de Guantánamo, lo que pudiera pasar, y vi que había real posibilidad de [una] invasión norteamericana. Viví con mucha angustia, [pero] Fidel lo manejó a nivel diplomático de manera genial. Diría que Fidel siempre como que hacía excelentes jugadas de ajedrez, diría yo -todos estábamos al tanto de la jugada que iba a hacer Fidel-, y al final siempre hacía jugadas espectaculares que salvaban la soberanía del país. Otro acontecimiento muy triste que se está viviendo con mucho sufrimiento por mi familia, por toda la inmensa mayoría de la familia cubana, es la situación de nuestros cinco héroes, prisioneros ilegalmente, arbitrariamente, en los Estados Unidos por proteger al pueblo cubano de los atentados terroristas que se organizan desde los Estados Unidos con financiamiento el gobierno norteamericano. Esto lo estamos viviendo con mucha impotencia, con mucha rabia, y tengo que decir la palabra rabia porque ante la arbitrariedad, ante la injusticia, el ser humano se siente mal. Se violan sus derechos en todos los sentidos en este proceso y nosotros lo interpretamos -al menos yo lo interpreto- como una vendetta del sistema mafioso de poder norteamericano, como un comodín, como el joker: la jugada que ellos tienen para tratar de manipular las respuestas de Cuba en la política y en la relación con los Estados Unidos.

Pero no han podido hasta ahora doblegarnos, no han podido lograr que violemos nuestros principios más importantes y realmente no sé cuál será su próxima jugada. Porque realmente son tan burdos que ni siquiera quieren cambiar a nuestros prisioneros por el prisionero norteamericano que está aquí [Alan Gross], que ya fue condenado en un juicio legal y con todos los recursos

TREVIAL SUPERIOR - CORNE

de respeto a los derechos del prisionero. Entonces, esto lo estamos viviendo con mucha indignación y no vamos a parar de luchar porque se haga justicia.

Me gustaba el Che

ER: Junto con la familia, usted ha tenido la oportunidad de ver a grandes figuras del siglo XX, entre otros el Che Guevara visitaba su casa. ¿Cómo lo veían los ojos de una niña? ¿Qué recuerdos tiene del Che?

MC: A mí me causaban mucha simpatía todos los amigos de mi papá. Todos me parecían preciosos, atractivos, desde muy chiquitica yo era muy comunicativa y quería estar cerca [de ellos] para escucharlos hablar. Y yo tengo un recuerdo muy clarito del Che. Una vez estaban haciendo un asado y estaban todos reunidos alrededor del asado, conversando, todavía vestidos de verde olivo, y el recuerdo que yo tengo del Che es que me gustaba mucho, y yo quería siempre llegar a él cuidadosamente para que no me regañ ara mi papá por estar molestando mientras ellos estaban allí conversando. Y yo llegaba feliz, iluminada adonde estaba el Che, porque recuerdo que era muy tierno. Un hombre muy tierno que sabía tratar los niños. Y para los niños eso es importante, las personas que te saben tratar. Y tengo así un recuerdo muy especial, fascinada de cómo era él, de quién era él, y todo lo demás se fue alimentando con las imágenes posteriores, por supuesto.

Pero cuando yo le contaba esa escena a mi mamá, ella se sorprendía y me decía, "¿Cómo puedes acordarte, si tu tenías dos años?". Pero era así mismo, yo le describía toda la situación, que mi papá me regañó, y entonces... "Sí así mismo fue, ¿cómo es que te puedes acordar?", me decía. Bueno, las cosas especiales no se olvidan. El Che era un ser impactante.

ER: De otros que haya conocido que le han impresionado, ¿a quiénes podría mencionar?

MC: A Giap. El General Giap, vietnamita. Es un hombre inteligentísimo, un ser humano fascinante., y sentía una gran admiración por él. General vietnamita que era ministro de Defensa, que ganó la guerra de [contra] Japón, Francia y la derrota de los norteamericanos en Vietnam. Y era de una humildad, que era lo que más me gustaba [de él], la humildad, ese espíritu oriental humilde... Precioso. A ese hombre, a ese señor, yo le tenía mucha admiración, ya murió. Pero muchas más gentes que ahora no recuerdo... Bueno, [Gabriel] García Márquez, un gran amigo de la familia, el escritor García Márquez. Recuerdo a Angela Davis, que yo sentía mucha admiración por ella; mi mamá la atendía por la organización de mujeres; todas esas mujeres vietnamitas... Y Valentina Teleshkova, que me caía muy bien, era muy simpática. Era una amiga de familia, no sólo una figura histórica. Mucha gente muy especiales.

ER: ¿Y cómo nota con el tiempo, tanto su padre como su tío, han ido cambiando?

MC: Mira, de niña a mayor yo veo un trecho muy grande en cómo era mi papá cuando yo era niña, cómo era Fidel y lo que han ido cambiando -en Fidel me doy cuenta por sus discursos, cómo han ido cambiando en muchos temas, y en mi papá en su actitud personal hacia muchas cosas. Fueron cambiando incluso en su manera de dirigir, en temáticas, por ejemplo en los temas del machismo cómo fue evolucionando, en la mirada hacia la persona homosexual cómo fue evolucionando, aunque mi mamá influyó mucho en él en los cambios que fue

TRIBUNAL SUPERIOR TO TOTALL

aceptando en su vida. Pero en general sí, por supuesto en mayor madurez y en mayor claridad.

ER: ¿Diría usted que en algún aspecto han perdido ese romanticismo, esa fuerza que tenían, que se han desilusionado?

MC: No. Por supuesto han vivido cosas duras, han vivido muchas desilusiones pero también han vivido muchas gratificaciones en cuanto a lo que es estar cada vez más convencidos del proyecto social. O sea, aun cuando tienen un sentido práctico de la realidad para buscar soluciones que deben llevar un pensamiento frío, nunca han perdido esa ternura, el romanticismo no se perdid.

ER: Han habido distintos rumores sobre el estado de salud de Fidel. Hace unos meses en nuestro programa estuvo Hugo Chávez, nos contó que [Fidel] se la pasa estudiando y enseñando. ¿Usted qué nos puede decir?

MC: Bueno yo personalmente no lo he visto, porque las visitas que se le hacen son muy reducidas. Pero sé por mi papá y sé por lo que escribe, que leo como todos los cubanos, podemos percibir que Fidel tiene una capacidad de recuperación impresionante. Y todo eso no está en su genética, que se ve tiene una fuerte genética familiar, [sino que] yo creo que todo eso está en su cabeza. Fidel toda la vida ha tenido la capacidad de sorprendernos. Nadie sabe cuál va a ser la respuesta, nadie sabe cuál va a ser su salida, pero una de las cosas que más nos fascina de Fidel es esa capacidad de sorprender que tiene.

ER: ¿Qué conceptos implementados ya en la revolución, usted se plantea como representante de otra generación?

MC: Yo siento que el estudio de la historia de Cuba, el recurso de la filosofía marxista, para mi ha sido una herramienta para interpretar la realidad junto con otras herramientas teóricas y metodológicas, de otras ciencias, no solamente filosóficas, que te aportan recursos para interpretar y para ver el camino que debes seguir para seguir transformando la realidad. Y ese espíritu transformador de la realidad que planteaba Marx es una de las cosas que más me gusta en mi vida. Esa vocación de transformar buscando cada vez más justicia entre los seres humanos me encanta y yo creo que ahí está también marcado el camino de mi vida, personal y profesional, y es lo que estoy tratado de hacer.

Es decir, yo sí creo en las posibilidades del socialismo, creo que el socialismo tuvo inicios fascinantes con la experiencia leninista, después tuvo experiencias que no fueron tan buenas, unas sí, otras no, pero nos dieron enseñanzas. La historia de Cuba siempre nos dio otras pistas y eso fue lo que permitió que el pueblo cubano en su proceso de transformación se esté ahora proponiendo qué socialismo quiere, de qué manera quiere experimentar el socialismo como es escenario de justicia, de solidaridad, de equidad.

Socialismo sin dogmas ni prejuicios

ER: No es que se esté negando lo afirmado en el pasado, sino seguir adelante...

MC: No, yo creo que lo que se ha hecho es la revisión crítica y con la experiencia vivida del pasado, y tomar del pasado todo lo valioso que sirva para seguir avanzando. Hay algunos profesores cubanos que plantean que no

fueron errores lo que consideramos que debemos desechar. Creo que se dieron experiencias que nos dieron la pista de lo que funciona y no funciona, y cómo debemos hacer esas mismas cosas.

ER: ¿Hasta qué punto las nuevas generaciones están en condiciones de asumir el legado de una generación tan fuerte como la generación de su padre y de su tío, con ese romanticismo, esa fuerza de espíritu?

MC: Yo creo que sí, en la medida que se sigan facilitando mecanismos de participación popular, donde las nuevas generaciones participen en asumir responsabilidades conscientemente, no formalmente, es decir, que se le cultive a la población con ese conocimiento histórico, con esas experiencias que nos están dando la pista de cómo proyectar el futuro. En la medida que las jóvenes generaciones participen de ese proceso de aprendizaje y cuestionamiento...

ER: ¿Están participando...?

MC: Sí, sí. En la sociedad cubana tú te das cuentas que hay una parte de todas las generaciones que participa y otra parte que no participa; una parte que es más consciente, que tiene más cultura y que por lo tanto tiene más capacidad de participar, y otra parte que es más inconsciente, que es más ignorante. Esa es la debilidad, esa parte ignorante. A veces lo que decimos es: vamos a crear el escenario para que se apropien del conocimiento histórico que les permita decir esto es mío, por qué yo tengo que entrar en este proyecto, por qué yo tengo que tratar de cambiar las cosas, qué cosa es lo que yo quiero cambiar...

Lo importante es que la gente participe de manera consciente, que es la manera de participar libremente, y sin manipulación de ningún tipo, ni de nosotros ni de nuestros enemigos, sino ofreciendo conocimientos e información que les permita sacar conclusiones lógicas de acuerdo a la lógica histórica. Si les facilitamos eso, cada vez será mayor la cantidad de personas que puedan participar y aportar a nuestro futuro.

ER: Digamos que usted ve el futuro con optimismo...

MC: Me encanta lo que me imagino.

ER: ¿Cómo se imagina Cuba?

MC: Un socialismo democrático, dialéctico, participativo, [en el] que predomine el pensamiento dialéctico sin dogmas y sin prejuicios, y eso es lo que te da fortaleza como cultura, como nación; lo que te da fortaleza como nación soberana que está definiendo su propio proyecto. La unidad de la nación cubana en esa búsqueda creativa de sociedad es lo que me imagino como la sociedad que a mí me gustaría vivir aquí en Cuba.

ER: Muchas gracias por compartir con nosotros estos recuerdos, que son inapreciables.

Defendiendo a los familiares de los desaparecidos, estamos defendiendo a los familiares de los que están reclamando tierra que hoy están siendo asesinados. Es decir hay una cantidad de múltiple tareas, estamos defendiendo a los campesinos que salen a la marcha patriótica, a los estudiantes, es decir estamos en muchos frentes de lucha del pueblo Colombiano y realmente no estada de voluntad, es definitivamente mucha cantidad de situaciones difíciles por proceso que cruza nuestro pueblo y de pronto no damos abasto a todo. Sin embargo concertos este tema es muy importante y creemos que es el momento, ojalá, que parece que todo el mundo lo ha entendido, que esta es una posibilidad de lucha y de denuncia por que la situación es terrible contra nuestros compatriotas que están en las cárceles por motivos de conciencia o presos políticos.

PNP: Durante toda la etapa de discusión y aprobación de la Ley de Reparación a las Víctimas y de Restitución de Tierras y ahora, después de haberse aprobado dicha ley, la ola de asesinatos contra campesinos, hombres y mujeres desplazados de la tierra y a la vez luchadores por recuperarla son alarmantes. La última asesinada fue Fabricia Córdoba. Parece que esta ley es de todo menos para las víctimas. No parece ser de reparación, menos de restitución y mucho menos de reconciliación.

R.O: Pues es que la misma ley da muchos escapes, muchos esguinces para que se le burle, empezando por los años en que empiezan a reconocer a las víctimas, pero antes de 1985 ya se habían producido las masacres de Yacopí, Puerto Boyacá, el Magdalena Medio, cometidas por el ejército en alianza con los paramilitares nacientes de esa época, y todas estas víctimas quedaron por fuera de la fecha, hay muchas circunstancias en las que la ley burla esas posibilidades, con el agravante de que recuperar las tierras robadas por los paramilitares con el auxilio de los políticos corruptos, con el apoyo del ejército, de la policía, del D.A.S, es muy difícil, los paramilitares siguen apropiados de las tierras y no hay garantías para que la gente regrese a ellas, precisamente los han asesinado es apenas en la lucha, ni siquiera han podido regresar a sus tierras porque los asesinan en las ciudades donde están haciendo las reclamaciones. Nosotros creemos que lo que ha hecho el gobierno de Santos es únicamente un maquillaje, cambiar de cara y de discurso pero no de actitud,

nosotros decimos que es una actitud como la teoría del gato pardo que dice que "cambiemos para que todo siga igual" y es lo que está pasando por que los agentes de la represión son los mismos, el mismo general de la policía que dejo Uribe que es el actual Director de la policía, el general Naranjo, el mismo director del D.A.S. que estaba en el gobierno de Uribe es el director actual, actual superior de la producción que muchos de la producción qu

Entonces creemos que en verdad va a ser una nueva frustración para el pueblo Colombiano. Sin embargo es el momento de que nuevamente toda la comunidad nacional e internacional exija el cumplimiento por lo menos en lo mínimo que es lo que la gente aspira, sobre todo que cumpla la constitución, nosotros no hemos reclamado otra cosa desde los estrados judiciales, sino que se que cumpla la constitución, la constitución que ellos mismo hicieron, porque en esa constitución las victimas no participamos. Entonces exigimos una cosa modesta, que cumplan la constitución que ellos están obligados a cumplir y a hacer cumplir, pero son los que primero la violan y los que no dejan que otros les exijan el cumplimiento porque vienen las persecuciones y las matanzas. Entonces el panorama sigue siendo muy sombrío, se creía que con la terminación del gobierno Uribe cesaba la horrible noche, pero esa horrible todavía horrible noche siquió aguí estamos en la noche.

PNP: En los últimos meses el Comandante de las FARC Alfonso Cano ha enviado varios mensajes en los que dice estar dispuesto a dialogar y a buscar una salida política al conflicto social y armado. Reiteradamente, el presidente Juan Manuel Santos ha negado esa posibilidad. ¿Ve usted posible que se abra paso un intercambio humanitario que sea puerta de entrada hacia la búsqueda de una salida política al conflicto político, social

R.O: Pues ese es el deseo de la gente honesta de Colombia, pero en este momento hay que decirle al presidente Santos lo mismo que él hace menos de

Til.

un mes dijo "el que no quiere la paz es porque es un retrasado mental", esas fueron sus palabras textuales que lo publicaron en toda la prensa; y en eso estamos de acuerdo, el que no quiera la paz es porque está loco, está demente, y en eso estamos de acuerdo con el presidente Santos. Pero parece que él también está retrasado mental o loco, por que tampoco quiere la paz y esas propuestas que vienen desde la insurgencia sino les ponen cuidado, sino las escuchan, sino se sientan siguiera a explorar, a buscar mecanismos a través de la iglesia, a través de la comunidad internacional, quiere decir que no quieren la paz, lo que quieren es seguir la guerra, y la guerra no le conviene al pueblo Colombiano, le conviene solo a los mercenarios de la guerra, a los comerciantes de armas, a los comerciantes de aviones, de tanques y de bombas, pero al pueblo Colombiano no le conviene, porque cuando muere un guerrillero es un campesino o un obrero, cuando muere un soldado es un campesino o un obrero, por que los hijos de los ricos no van a la guerra, inclusive cuando muere un paramilitar también es un hijo de un campesino o de un obrero, entonces esa guerra no le conviene al pueblo Colombiano. Nosotros si creemos que hay que apoyar todas las iniciativas que vengan en favor de la paz, porque repito y repetiremos que estamos de acuerdo con el presidente Santos, de que "el que no quiera la paz es un enfermo mental". Pero pareciera que su gobierno están enfermos mentalmente.

PNP: ¿Cómo ha visto en los países que ha visitado la campaña en solidaridad con los prisioneros políticos en Colombia?

R.O: Pues es muy importante, aquí a nivel de Europa hemos visto mucha gente interesada, porque desconocen la realidad de Colombia, nosotros hemos podido llevar el mensaje a muchas partes, a través de la prensa, a través de encuentros con personalidades, con dirigentes sindicales, con gente del común inclusive, y se ven muy preocupados porque nadie cree que en pleno 2011 estén ocurriendo cosas que todo el mundo creería que fueron cosas del pasado, del pasado en otras partes del mundo, pero en Colombia, nadie cree que hay casi 5 millones de desplazados, que hay 50 mil desaparecidos, que hay 3 mil ejecuciones extrajudiciales solamente en el gobierno de Uribe, que hay 7.500 presos políticos, que se robaron millones de hectáreas de tierra, que

las tienen en su poder y nadie las reclama, es decir la gente las reclama pero la matan por reclamarla y el gobierno no hace nada, es decir, parece increíble, parece que estuviéramos hablando en un mundo de otro planeta, que eso no ocurre aquí en este siglo XXI, y está ocurriendo y la gente está despertando y es el mensaje que le hemos llevado a todas las partes que hemos podido y lo seguiremos haciendo. Desgraciadamente también los medios de comunicación están parcializados, los grandes medios masivos, y solamente a veces tenemos recepción en medios alternativos, pero hacemos la tarea y vamos a seguir haciéndola y que de uno en uno que nos escuchan y que nos pongan cuidado que es lo que estamos despertando, esa conciencia es lo que queremos para que la gente sepa, para que le reclame al gobierno, para que le reclame al mundo de que sobre Colombia hay que poner los ojos, hay que tener los ojos encima. También decirle al mundo que es un pueblo Colombiano que lucha, que trabaja, que está en la pelea callejera, que está en el paro de la marcha campesina, los estudiantes están en la protesta en las calles y que es un pueblo que lucha y que no se rinde, es un pueblo que no se arrodilla y que seguirá luchando hasta obtener la democracia que todos gueremos, con Paz.

Honduras :en peligro los temas accesorios

COFADEH

Preocupa que el retorno al orden constitucional y el compromiso de sancionar los derechos violados, restituir los daños causados y poner el ser humano al frente sean solamente temas accesorios en la mesa de Cartagena de Indias.

Estamos entrando a una nueva fase de la crisis hondureña agudizada con el rompimiento institucional de noviembre 2009.

Las opciones no eran muchas antes de abril 2011; según los hallazgos del Centro de Estudios para la Democracia, CESPAD, eran la negociación política entre las partes, la continuidad de la crisis o su profundización.

En los tres escenarios los derechos humanos tema clave, para continuar sus violaciones o frenarlas.

La percepción general y la realidad objetiva es que el conflicto ha involucionado el principio de la progresividad de los derechos humanos en todas sus generaciones.

Hemos venido hacia atrás en forma vertiginosa y es preciso detener esa tendencia hacia un abismo selvático que acabe dibujando irremediablemente un Estado fallido, que es una amenaza general.

Los acontecimientos de Cartagena de Indias han hecho virar el conflicto hacia la mediación política de bajo y alto perfil, en una especie de tablero de ajedrez complejo por la diversidad de sus actores intervinientes. Y los ausentes.

Estados Unidos utiliza a Colombia para convencer al presidente Hugo Chávez que, a su vez, convenza a Zelaya, quien a su vez haga lo mismo con el Frente Nacional de Resistencia Popular y éste a sus bases, para flexibilizar las posiciones.

Los intereses, sin embargo, no son los mismos.

A EEUU le importa reincorporar por unanimidad a la OEA al Estado hondureño golpeado por su garrote hegemónico, para lavar el golpe con más de su misma democracia tutelada.

A Colombia le importa hacer negocios con Venezuela en varios campos, incluyendo cooperación para diezmar la retaguardia de las FARC.

A Chávez le motiva contener con señales la furia imperialista desde las siete bases militares de US Army en territorio colombiano, advertido de poder sufrir ante de su reelección una operación similar



a la que lanzan contra Libia si no colabora.

A Porfirio Lobo y su grupo aliado le importa asegurar dinero de la cooperación multilateral, incluyendo Petrocaribe y USAID al mismo tiempo, y arrimar de nuevo al pueblo al poste electoral. Así el golpe parecería bella democracia participativa.

A Manuel Zelaya, como al FNRP, les convoca la general reclamación popular de estar presencialmente en la Patria para conducir hacia el mejor destino la fuerza social y política más potente de la historia nacional.

En la mesa están los jugadores y las jugadas. Pero a los espectadores nos preocupa que el retorno al orden constitucional y el compromiso de sancionar los derechos violados, restituir los daños causados y poner el ser humano al frente sean solamente temas accesorios de la mesa.

Ante semejante riesgo, proponemos con la seriedad de tres décadas frente al mismo grupo de políticos y militares que han causado nuestra existencia organizada, que el Acuerdo de Cartagena tenga patas firmes y visibles.

Un retorno acelerado del golpismo a la Asamblea de la OEA después de la anulación de los juicios políticos a Zelaya y una mediación sin nueva Constitución, dejaría la imagen de una operación opaca y en medio de la polvareda la mesa quedaría patas arriba y, por tanto, inservible.

Hagamos con optimismo racional y transparencia que este proceso en su fase política terminal sea una lección a la humanidad entera de cómo un pueblo obliga a las elites a pactar de cara al sol, marcando calendario a sus consensos, sin transigir sus derechos.

Pero, bueno, también el inmueble puede caer por su propio peso o ayudado por la fuerza colectiva de esta nueva humanidad que ha producido la barbarie.



Todo bajo control



Teodoro Santana

"Ding-dong. Señores pasajeros: por favor, miren a su derecha. Verán el motor del ala derecha incendiado. Pero no se preocupen, no pasa nada, todo está bajo control. Ahora hagan el favor de mirar a su izquierda. Verán el motor del ala izquierda incendiado. Pero no se preocupen, no pasa nada, todo está bajo control. Ahora miren hacia abajo. Verán tres puntitos blancos: son los paracaídas del piloto, el copiloto y la azafata. Pero no se preocupen, no pasa nada, todo está bajo control. Esto es una grabación, esto es una grabación..."

Este viejo chiste ilustra mejor que otra descripción lo que sucede en Europa. Miren hacia Grecia. Verán un país saqueado por los bancos alemanes, franceses y británicos. Al que además se le imponen unas condiciones leoninas para prestarle el dinero con el que pagar a esos mismos bancos que los han limpiado. La rebelión popular ha enfadado a los banqueros y sus guardianes. Los lobos europeos se quitan la máscara "democrática", y ni referéndum ni elecciones. Consultar al pueblo: hasta ahí podíamos llegar. Por si fuera poco, el ruido de sables obliga a relevar a la cúpula militar para evitar un golpe de Estado. Pero no se preocupen, no pasa nada, todo está bajo control.

Ahora hagan el favor de mirar hacia Alemania. Tras conseguir un mercado cautivo, el IV Reich germano enriqueció a sus bancos hasta el paroxismo. Eso sí, a base de arruinar a sus propios clientes, a los que encima les imponen como condición empobrecerse más a base de recortes laborales y sociales. Agotada la gallina de los huevos de oro, hundido el consumo, la locomotora alemana se gripa y entra en la vía muerta de la recesión. Pero no se preocupen, no pasa nada, todo está bajo control.

Ahora miren hacia Italia. Hacia Francia. Hacia Portugal. Hacia España. Cuanto más aplican las políticas de derechas, cuanto más asfixian a los trabajadores (es decir, a la inmensa mayoría de los consumidores), más se arruinan. Ahora tienen que salvar de la quiebra a sus 1379 bancos con más dinero público. Pero cada vez hay menos dinero público. El paro es salvar de la quiebra a sus 1379 insostenible, pero los bancos siguen repartiendo beneficios, aunque sus balances estén tan falseados que asustarían al mismo Al Capone. Pero no se preocupen, no pasa nada, todo está bajo control.

Ahora miren hacia abajo. Ese puntito blanco es mi amigo Manolo. Se le han acabado las últimas prestaciones del paro. Con más de 50 años, no tiene ni un euro que llevar a su casa. No tiene para pagar la luz o el teléfono. Ni siquiera para llamar a una ambulancia cuando a su hijo enfermo le dan los ataques. Pero no se preocupen, no pasa nada, todo está bajo control.

Sigan mirando. Aquel otro puntito blanco es mi amiga Carmen. No le alcanza para dar de comer a sus dos hijas. Y se pasan medio mes comiendo galletas baratas y leche aguada una sola vez al día. Pero no se preocupen, no pasa nada, todo está bajo control.

Arde Europa, pero "Salvados" nos entretiene mientras Messi marca goles, o Cristiano Ronaldo se pasea, o Nadal gana torneos que nos alimentan a todos. "La Noria" sigue girando y la familia real—¡pero mira qué delgada está!— pasea el tipito por la estación de esquí o el muelle deportivo de turno. ¡Oh sí, no hay que preocuparse, no pasa nada, todo está bajo control!

Presten atención ahora. Oirán como unos lamentos de fondo. Son el llorar y el rechinar de dientes de las cientos de miles de familias desahuciadas, sin hogar, lanzadas a la calle. Jueces y policías aplican implacables las leyes de los banqueros. Desde luego, no quieren preocuparse, ni que pase nada, sino que todo esté bajo control.

Ahora miren al fondo. Allí, todavía desperdigados, se ven unos puntitos rojos. Son los comunistas. Como les dé por unirse, ya nada estará bajo control.

Fac 257380

(*) Teodoro Santana es miembro del Comité Central del <u>Partido Revolucionario de los</u> <u>Comunistas de Canarias (PRCC)</u>

TRADUÇÕES DE AGOSTO DE 2014

A guerra futura: operações militares ao sul do México e América Central

Ricardo Martínez Martínez Rebelio.org

Não bastam mobilizações massivas para deter a violência estatal e dos mafiosos do narcotráfico. Não bastam 40 mil mortes, 16 mil sequestros e 6 mil desaparições forçadas para declarar que no México as pessoas vivem e morrem em guerra.

Não bastam as denúncias mundiais sobre a catástrofe que assola este país integrado-subordinado ao sul dos EUA desde 1994 com o TLC, e aprofundado em 2005 com a ASPAN. Falta mais e mais criatividade, organização civil e mobilizações regionais e mundiais para freiar a barbárie.

Para os EUA, ao contrário, é urgente formar outro circo de operações militares e guerreiras no sul do México e na região que é considerada, segundo o departamento de estado, a mais perigosa do mundo: o triângulo entre Guatemala, Honduras e El Salvador.

Desenhar um "conflito bélico" para cumprir com as metas postas para a segurança e prosperidade dos EUA e reposicionar sua hegemonia na região latinoamericana que foi perdendo nos últimos anos, é prioridade para o stablishment gringo. Se não conseguiu com o ALCA, fará com a desculpa da segurança e o discurso de "os inimigos potenciais da democracia". Começa assim a estratégica guerra global e interesses.

O chefe do Comando Sul (Southcom), Douglas Fraser, insitou recentemente ao governo de Felipe Calderón a abrir na fronteira Sul do México uma frente de guerra contra o narcotráfico e controlar, apartir de políticas regionais, o corredor do Istmo sob o pretexto de ser a área de maoir tráfico de drogas, um oitenta por cento, que chegam aos EUA. O estrategista militar afirmou: "O triangulo do norte de Guatemala, El Salvador e Honduras é a zona mais letal do mundo fora das zonas de guerras ativas".

Isso significa, em coordenadas militares, que a região está identificada como eventual zona de guerra. Sim, estender a guerra da qual padece México até América Central.

Não se trata da guerra contra um inimigo difuso interno, mas de uma guerra contra as cooporações transnacionais do crime organizado, dizem os representantes do Pentágono; trata-se de uma guerra definitiva para acabar com a raíz do mal, que o governo mexicano não foi capaz.

Mas na verdade trata-se de uma guerra regionalizada, sem fronteiras nem códigos militares clássicos, na qual os que perdem são, sobre tudo, civis, pessoas inocentes, nesta zona lastimada pelo intervencionismo estadunidense e quem ganha são os que financiam estas guerras, traficam armas, negociam rotas de dinheiro e de tráfico de drogas com altos dividendos.

Segundo informações da Agência AFP de 15 de abril, chefes militares dos Estados Unidos e Canadá assistiram a uma reunião sobre segurança na fronteira sul do México. Participaram os governos do México, Guatemala e Belize. Foram tratados temas sobre narcotráfico, tráfico de pessoas e políticas de segurança conjunta. Os acordos e resultados foram considerados secretos, e com isso se deu outro passo para a estratégia de dominação via militarização.

TRAILL SUPEROR TO THANK

CPATA/319

A região já vive, de fato, a realização de operações militares. Desde 1994, no estado de Chiapas, foram remanejados sistematicamente pelo menos 40 mil efetivos do exército mexicano com o objetivo de acabar com a insurgência do Exército Zapatista de Liberação Nacional (EZLN).

Tropas militares têm realizado movimentos dinâmicos, ações coordenadas encobertas, inteligência e cobertura de grupos paramilitares para socavar a organização social das comunidades indígenas nos Altos, Selva e Norte da parte sul do México.

Ademais, as regiões da costa e de fronteira experimentam, segundo as necessidades políticas do momento, a patrulha sistemática da policia de migração que persegue e reprime aos caminhantes da América Central e do Sul.

A partir do recente chamado da DEA e do Departamento de Estado para militarizar a fronteira, foram criadas duas bases militares com 1200 efetivos. Um cinturão de contenção supostamente para a luta contra o crime organizado em uma das fronteiras mais vulneráveis para a população civil de passagem, migrantes que, em seu desespero por encontrar saída a sua pobreza, caminham por essa zona.

Na Guatemala se vive um estado de exceção, suspensão das garantias individuais, em zonas consideradas perigosas. Em dezembro de 2010 e janeiro de 2011, o exército executou a medida em Alta Verapaz, fronteira com o México, ao destacar atividades do crime organizado transnacional.

Em Honduras, um golpe de Estado em 2009 deu a concentração do poder real às forças armadas. Crimes de lesa humanidade são realizados todos os dias sob a sombra do questionado governo de Porfírio Lobo.

Em El Salvador, as ações delinqüentes das gangues justificam as ações nos militares nas ruas.

Para arrematar, o governo dos Estados Unidos anunciou através do Presidente Obama a canalização de 200 milhões de dólares para temas de segurança na região centro-americana.

Em síntese a zona, o sul do México e o "triangulo letal" da América Central, já contam com uma considerável presença militar e de agências, internas e externas, que prefiguram um nó de segurança regional sob a orientação do Departamento de Estado, e uma zona altamente vulnerável onde poderia desencadear -se enfrentamentos como os que agora são vividos no norte do México.

Durante quatro dias, a população civil mexicana começou a perder o medo e sair ás ruas em várias localidades do país com o objetivo de demandar o fim da guerra, o cancelamento da estratégia militarista de Felipe Calderón ante o problema do narcotráfico.

Chamaram a refundar a nação a partir de um novo pacto social onde o problema das drogas seja tratado como um problema de saúde pública, a combater as raízes econômicas do crime organizado e seus vínculos com o poder financeiro e político, a aplicação de uma política social de emergência para os jovens e uma reforma democrática.

O despertar da sociedade civil é urgente na nossa região. É urgente um movimento social de alcance regional para evitar as consequências que podem surgir em pouco tempo.

Campanha América Latina uma região de paz – Fora Bases Militares Estrangeiras.

RS: P (1 (3 8 3)



Las movilizaciones iniciadas el 15M responden a una estrategia de bajar la presión a la olla social y evitar respuestas de contenido clasista En una coyuntura así hay que responder con organización, organización y organización.

Las movilizaciones iniciadas este 15M bajo el lema "**Democracia Real Ya**", se ante 3 8 4 soportan sobre el nivel de hartazgo, de una parte importante de la base social, ante las consecuencias que la crisis capitalista está teniendo sobre sus condiciones de vida, especialmente sobre la clase obrera y sectores populares y, de una manera particular, sobre la juventud.

El PCPE analiza esta situación con atención, y hace este pronunciamiento con la voluntad de ayudar a que este movimiento —de confusos orígenes- no distraiga a la clase obrera y evitar que actúe ayudando a bloquear el avance de una posición de confrontación con las raíces profundas de la crisis capitalista. El desarrollo de los acontecimientos apunta a que, con una cierta salida de presión de la olla social, todo volverá a estar en coordenadas asumibles por el bloque dominante, que continuará con sus políticas antiobreras para tratar de remontar la crisis sistémica, manteniendo el consenso social hasta ahora logrado.

A la hora de caracterizar este movimiento, hay tres elementos que determinan nuestro análisis:

- -se trata de un movimiento que ataca la línea de flotación de la lucha de clases.
- -se trata, así, de un movimiento interclasista
- -se trata de un movimiento de claro carácter ideológico pequeñoburgués.

EL RETROCESO DE LA ORGANIZACÓN DE LA CLASE OBRERA

La debilidad de una herramienta desarrollada por parte de la clase obrera, en forma de Partido Comunista, ampliamente implantado y combativo; así como la falta de desarrollo de un proyecto sindical clasista con amplio apoyo de la clase obrera, forman parte del caldo de cultivo que da lugar a este movimiento.

La agudización de la lucha de clases en España es un hecho objetivo, sistemáticamente ocultado por el bloque del poder. La situación derivada de la crisis está afectando a sectores bien formados profesionalmente, y con amplia capacidad intelectual, de la clase obrera; principalmente jóvenes, que ven cómo las condiciones de vida que se les prometían bajo el capitalismo no están siendo satisfechas, sino todo lo contrario, se frustran. Ante esta situación, y ante las insuficiencias del elemento subjetivo revolucionario, estos sectores buscan salida a su descontento por medio de expresiones reformistas y pequeñoburguesas, claramente manipulables por parte del sistema para evitar la elevación de la conciencia y el posible estallido social con un sentido transformador.

Bajo un programa de corte reformista, basado en planteamientos tan idealistas como que la crisis económica es fruto, en parte, del mal funcionamiento de los mecanismos "democráticos" de un país como España (homologable a los del resto de países de la UE), o de los mecanismos de "control financiero", se plantean una serie de propuestas -recogidas en sus Propuestas-, que van desde la petición de bonificaciones a empresas que tengan poca contratación temporal, la exigencia de la plena aplicación de la Ley de Dependencia, la Tasa Tobin, la reforma de la Ley Electoral o la inclusión de "mecanismos que garanticen la democracia interna en los partidos", todo ello pasando por la utilización de términos como "clase política", que parten de una concepción ajena a nuestros planteamientos más básicos. Esta orientación idealista y posibilista no cuestiona para nada la validez del sistema capitalista, sencillamente trata de reformarlo para que funcione mejor.

UNA POSICIÓN CONTRA LA ORGANIZACIÓN COMBATIVA DE LA CLASE OBRERA

Estos planteamientos reformistas, que perfectamente suscribirían IU o el PCE en su lógica de ir hacia un capitalismo de rostro humano (a veces dicen "socialismo") "mediante la profundización de la democracia", se le unen una serie de posicionamientos abiertamente atentatorios contra la forma de organización del movimiento obrero: el Partido y el Sindicato. Aprovechando la mala imagen de los partidos burgueses (a pesar de que, por ejemplo en el País Valenciano, todas las encuestas pronostican una victoria aplastante de Camps a pesar de la corrupción) y los sindicatos mayoritarios, se hace tabla rasa y se plantea un discurso antipartido y antisindicato, que recupera los posicionamientos más izquierdistas relativos a la no necesidad de organicidad, de estructuras y que dice organizarse "horizontalmente" a través de "las redes sociales".

La militancia comunista tiene suficiente experiencia acumulada, a través de décadas de lucha, como para saber perfectamente que las ideas no viven sin organización, y mucho menos las ideas variopintas de un movimiento que dice pretender plantar cara al poder establecido; cada vez con más sofisticados recursos para dinamitar las posibles erupciones descontroladas que puedan salir en momentos como el actual.

Y también sabemos que los discursos basados en la "inorganicidad" están pensados para desprestigiar y tratar de arrinconar a la posible influencia de los Partidos Comunistas, alabando el espontaneísmo, el movimentismo y el horizontalismo, elementos que se demuestran siempre como falsos en la práctica y muy útiles a determinados sectores izquierdistas. En lo concreto, todo militante comunista con cierta experiencia en "ámbitos unitarios", ha sufrido este tipo de experiencias y sabe a dónde acaban llevando: imposibilidad de planteamiento del discurso ideológico comunista, manipulación de asambleas, etc. En este caso, la supuesta utilización de las "redes sociales" es un elemento engañoso y muy conveniente para determinados sectores interesados en desprestigiar las formas de organización de la clase obrera.

CONTINUAR CON LA ORGANIZACIÓN DE LA CLASE OBRERA

Quienes militamos por la revolución no podemos dar cobertura, directa o indirectamente, a posicionamientos que atacan directamente a la esencia del partido leninista de riuevo tipo. Aunque habrá otros planteamientos ideológicos que –incluso reclamándose herederos de Lenin-, hagan la vista gorda con ese elemento. Nosotros no, y nuestra tarea es combatir estas posiciones haciendo valer nuestra experiencia y nuestro análisis de clase.

Por otro lado, el PCPE no asume los planteamientos de corte posmoderno certalisto relativos al fin de la clase obrera y su disgregación en distintos sectores: precarios, subcontratados, desempleados. Ese posicionamiento tiende a dividir a la clase obrera y facilitar el trabajo de los elementos más reaccionarios, facilitando a su vez el planteamiento divisionista que diferencia entre "trabajadores privilegiados" y "trabajadores no privilegiados". El grado de explotación de la clase obrera no se define únicamente por su remuneración o tipo de contratación, sino por su posición esclavizada en la cadena de obtención de la plusvalía por la burguesía.

Todos los indicios apuntan a que este tipo de movimientos —que se aprovechan de una situación objetiva de frustración social que afecta a amplios sectores de la clase y de pueblo-, sirven como válvula de escape en un momento en que las consecuencias de la crisis capitalista están siendo visibles para amplísimos sectores de la clase obrera, y compartidos también por sectores de la pequeña burguesía que se ven abocados a la proletarización. La tarea de los y las comunistas en este caso no puede pasar por reforzar herramientas difusas o sumarse ciegamente a cualquier movimiento, sino en redoblar la ofensiva ideológica y dedicar el trabajo práctico a fortalecer el Partido Comunista como referente de la clase obrera organizada y consciente de su papel revolucionario. Si no se trabaja en esta línea, fruto además del debate realizado en nuestro 9º Congreso, se pierde la orientación de las condiciones concretas en que se desarrolla la lucha de clases en nuestro país, y como encauzarla hacia posiciones superadoras de las actuales limitaciones de la clase obrera para dar una respuesta.

El PCPE denuncia la posición de las organizaciones reformistas que, carentes de todo tipo de criterio científico, se han sumado de manera oportunista a este proceso. Al mismo tiempo, este movimiento es apoyado desde sectores empresariales de extrema derecha. Esta absoluta sopa ideológica es totalmente inoperante y condenada a la desaparición una vez haya pasado la fiebre momentánea.

Un elemento que avala aún más nuestra incredulidad ante este proceso es el amplio eco mediático que tiene. Sorprendente, dada la habitual actitud de los medios de comunicación oficiales ante las movilizaciones y manifestaciones que confrontan con el sistema. Se trata de un movimiento que viene muy bien al poder desde el momento en que parte del rechazo a partidos y sindicatos, quebrando así la espina dorsal del movimiento obrero. Esto está atrayendo a sectores que hasta ahora no se habían movilizado ante ninguno de los ataques hacia la clase obrera y que, ante el evidente cansancio que generará esta

Flex 17 (1 3 8 6

cuestión, acabarán volviendo a sus casas con la subjetividad de derrota y refractarios a la organicidad.

SEGUIREMOS TRABAJANDO PARA LEVANTAR UN FUERTE REFERENTE CLASISTA QUE ENCAUCE EL DESCONTENTO SOCIAL

Es inevitable que la militancia comunista confronte ideológicamente con este tipo de procesos. El Partido Comunista no puede ser parte activa en la difusión de un mensaje que atenta contra su propia naturaleza, ni ser víctima de fiebres momentáneas condenadas al fracaso y con indudable orientación reformista. Nuestra militancia no dará aliento a esta orientación política.

La militancia del Partido -interviniendo desde los bordes de este movimientodebe tener la capacidad de convertirse en referente de quienes, con buena voluntad, participan en estas iniciativas en la creencia de que le conducirán a posiciones de lucha por sus intereses de clase; pero en ningún caso avalándolo. Un proceso de elevación de la conciencia de clase pasará siempre por iniciativas transitorias que distraigan de la línea correcta a fracciones de la clase que buscan una respuesta a sus inquietudes; si el Partido sabe localizar a estas fracciones de la clase, y establecer interlocuciones con ella, deberá intervenir para aproximarlas a sus posiciones revolucionarias.

Defenderemos siempre la acción autónoma del Partido buscando el fortalecimiento de las corrientes revolucionarias del movimiento obrero. La burguesía, con sus argucias, no impedirá que la clase obrera española avance hacia posiciones revolucionarias y hacia la búsqueda de una salida socialista revolucionaria a la actual crisis estructural del sistema capitalista.

Madrid 19 de Mayo de 2.011

Comité Ejecutivo PCPE

TRIBUTAL BALLES OF TORAL

DE LA OPERACIÓN FÉNIX A LA FARC- POLITICA -MEMORIAS BREVES DE UN INJUSTO ENCIERRO-

Por: Liliany Obando¹ Agosto 8 de 2011

TRIBUNAL SUPERIOR OF THE TRAL

"... Todo preso político debe agradecer a sus carceleros que le confirmen, en los hechos y sobre su persona la validez de sus convicciones, la razón de pasos.

Nunca un hombre está más seguro de lo que hace, que cuando un dolor prolongado no logra quitarle el aliento y derrotarlo..."

(Primavera con una esquina rota Fragmento, pg. 162

Mario Benedetti).

Hoy se cumplen 36 meses desde cuando fui confinada en una prisión "detenida preventivamente" mientras se me sometia a una investigación judicial que aún no termina.

Soy una mujer más entre los más de 7.500 prisioner@s polític@s colombian@s quienes padecemos y resistimos con dignidad la dureza de un sistema judicial, penitenciario y carcelario y de un Estado que nos niega y nos descalifica tildándonos de "terroristas" y que en prisión busca anularnos como personas y quebrarnos como luchadores sociales y políticos.

El preludio de esta pesadilla personal tuvo lugar la madrugada del 1 de marzo de 2008, cuando bajo las ordenes del entonces presidente Uribe; del Ministro de Defensa Juan Manuel Santos y del generalato de la Fuerzas Armadas de Colombia se ejecutaba la Operación Fénix en territorio ecuatoriano.

LA OPERACIÓN FÉNIX - SIN VERDAD NO HAY RETORNO DE LAS CENIZAS-

La Operación Fénix en la que participaron conjuntamente fuerzas Especiales del Ejército, la Policía y la Fuerza Aérea Colombiana, con la posible coadyuvancia de un tercer pais², Sería desde entonces motivo de una dura polémica. Por una parte, están quienes desde el lado del Estado consideran esta operación como una proeza de los "Héroes de la patria" que arrojo como resultado la eliminación de un importante 'enemigo interno' no importa los costos políticos, diplomáticos y jurídicos para el país; al fin y al cabo, -"el fin justifica los medios"-.

Por otra parte están quienes creen que la operación Fénix constituyó un exceso guerrerista que devino en la flagrante violación de una serie de principios de la legislación nacional e internacional, entre ellos el de la integridad territorial y soberanía de otro país –Ecuador-; el de la autodeterminación de los pueblos; de tratados y convenios bilaterales y multilaterales en materia de cooperación judicial y penal³. En lo nacional dicha acción que fue contraria a lo preceptuado en la Constitución Política y en la legislación penal. Pero también resultó contraria a las reglas de la guerra, si, porque hasta la guerra tiene límites y existe un código de honor del guerrero, según el cual NO TODO SE VALE.

EL OBJETIVO MILITAR DE LA OPERACIÓN FÉNIX

En materia militar, con la Operación Fénix se buscaba dar de baja a quien era considerado como un 'Objetivo de alto valor'. La inteligencia militar había ubicado en la frontera colombo-ecuatoriana, más exactamente en Angosturas, provincia de Sucumbíos- Ecuador un campamento de las Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia-FARC, en el que se encontraría dicho objetivo: el jefe insurgente e integrante del secretariado de las FARC, Raúl Reyes.

La Operación Fénix tuvo lugar entonces: Primero vino una fase de ablandamiento del terreno. No importó que ese objetivo estuviera por fuera de la frontera colombiana ni que no mediara autorización del gobierno

ecuatoriano en cabeza del presidente Rafael Correa ni de las autoridades judiciales de ese país para realizar dicha incursión.

La Fuerza Aérea Colombiana bombardeó, con todo su poder de fuego, el campamento ubicado en Ecuador, luego vino el desembarco aéreo de los miembros de las fuerzas Especiales de la Policía y el ejército colombianos para inspeccionar y copar el área bombardeada, corroborar la baja de su 'objetivo de alto valor' e incautar selectivamente, de nuevo, sin autorización de autoridad judicial competente de Ecuador ni de Colombia evidencia material, alterando la escena de los hechos.

En la Operación Fénix murieron violentamente el jefe guerrillero de las FARC, Raúl Reyes y al menos para 24 personas entre civiles y combatientes rebeldes. Entre los civiles murieron 4 estudiantes mexicanos y un ciudadano ecuatoriano . Entre los sobrevivientes conocidos se encontraron una estudiante mexicana y dos guerrilleras heridas .

Dos de los cuerpos, los de interés para las fuerzas armadas colombianas, el de Raúl Reyes y el de quien creían era el guerrillero Julián Conrado fueron sustraídos ilegalmente del lugar y transportados a Colombia sin cumplir los protocolos establecidos para el levantamiento de los occisos. Sus imágenes-el trofeo de guerra- fueron presentadas de forma grotesca en los medios de comunicación.

Aun hoy se desconoce la causa real de la muerte del jefe de las FARC, Raúl Reyes. Su cuerpo nunca fue entregado a sus familiares. Hoy se encuentra entre los más de 50.000 desaparecidos en Colombia.

El otro cuerpo, resultó ser el del ciudadano ecuatoriano Franklin Guillermo Aisalla Molina y no del guerrillero Julián Conrado, este una vez identificado fue repatriado a Ecuador. Hoy cursa ante la Comisión Interamericana de Derechos Humanos una demanda contra el Estado colombiano interpuesta por el gobierno ecuatoriano por el homicidio -ejecución extrajudicial- de este ciudadano ecuatoriano.

LA DENOMINADA FARC-POLITICA

El otro componente de la Operación Fénix tomo forma en el plano político y jurídico. En el 2008 el escándalo de la PARAPOLITICA, que comprometía a un gran número de miembros de la clase política, en su mayoría asociados al gobierno Uribe, estaba en un punto de clímax. Para tender una cortina de humo sobre este asunto, el gobierno fabrico lo que denominaría como FARC-POLITICA, basada en la supuesta evidencia material (computadores, discos duros extraíbles y usbs) ilegalmente obtenida por miembros de las fuerzas armadas que intervinieron en la incursión en el campamento de Raúl Reyes en Ecuador.

Dicha evidencia material fue recolectada de forma arbitraria e ilegal por personal militar, y de policía, quienes, contrario a lo que afirman algunos funcionarios del anterior y actual gobierno, no contaban con funciones de policía judicial. Esta fue sustraida de facto, en territorio de otro país y sin la autorización expresa de autoridad judicial del Ecuador, afectando la escena de los hechos y violando los protocolos internacionales en materia de recolección de materiales probatorios en territorio extranjero.

Fue el entonces mayor de la policía Camilo Ernesto Álvarez ochoa⁸, como comandante del Grupo Contra Objetivos de Alto Valor-comando de Operaciones especiales-COPES- uno de quienes recolectaron la evidencia material, la sustrajo ilegalmente y en calidad de primer respondiente de la "cadena de custodia" transportó dicho material hacia territorio colombiano.

Ya en Colombia, en el municipio de Puerto Asís, Putumayo, el mismo 1 de marzo de 2008, el mayor Álvarez hizo entrega del material probatorio al entonces capitán de la policía (DIJIN) Ronald Hayden Coy Ortiz, quien a partir de ese momento y hasta el 3 de marzo, fungiría como el segundo respondiente de ese material informático y su 'cadena de custodia'.

El capitán Coy, sin ser perito informático, del 1 al 3 de marzo de 2008, manipulo dicha evidencia física sin cumplir con los protocolos establecidos para el tratamiento de la misma. Sin que personal especializado en informática hubiere creado la "copia espejo", necesaria para el análisis de la información, accedió directamente a los archivos, de los cuales posteriormente en declaración juramentada dijo que no se trataban de correos electrónicos síno de archivos WORD (documento). dicionalmente abrió, leyó y copio en su computador personal dichos archivos. Y no conforme con ello, entrego copias de los mismos, por considerarlos de importancia para la "Seguridad Nacional" al Ministerio de Defensa Colombiano, todo esto sin que mediara orden de autoridad competente alguna.

El Ministerio de Defensa colombiano, a su vez filtró a los medios algunos de estos documentos, escogidos selectivamente, violando así la reserva sumarial de la supuesta prueba reina que usarían en la denominada FARC-POLITICA.

Solo hasta el 3 de marzo de 2008, el capitán Coy hizo entrega de la "evidencia", en la ciudad de Bogotá, al mayor Freddy Bautista García, de la policía Nacional, entonces al frente del Grupo de Delitos Informáticos de la DIJIN. Fue el mayor Bautista quien después de procesar con su equipo de peritos dicha evidencia física y crear por primera vez la "copia espejo" de la misma, sugirió que la INTERPOL¹⁰ certificara dicho procedimiento para validar esa prueba.

EL INICO DE UNA PESADILLA QUE NO TERMINA

Todavía con el furor de la Operación Fénix que se rebelaba en sus rostros iluminados, en el mes de mayo de 2008, el entonces fiscal General de la Nación Mario Iguarán, junto al Ministro de Defensa, Juan Manuel Santos, aparecieron ante los medios de comunicación para anunciar públicamente la apertura de una investigación judicial contra vari@s ciudadan@s colombian@s y extranger@s dentro de la llamada FARC-POLITICA, proceso construido sobre la base de la información supuestamente obtenida de los elementos informáticos de Raúl Reyes en la Operación Fénix.

Para mi sorpresa, escuche en boca del fiscal Iguarán mi nombre, que aparecía junto al de connotadas personalidades de la vida política, académica y periodística; entre ellos se mencionaba a l@s congrsist@as del Polo Democrático Alternativo, Gloria Inés Ramírez y Wilson Borja; a la entonces en a genadora del Partido Liberal Piedad Córdoba; al ex ministro Álvaro Leyva Duran; a los periodistas Carlos Lozano Guillen, William Parra y Lázaro Viveros; al académico estadounidense James Jones y alceador parlamentario venezolano Amílcar Figueroa. Con el tiempo esta lista se iría ampliando con nuevos nombres. El factor común entre quienes fuimos incluidos en esta línea es el compromiso asumido desde los diferentes espacios de trabajo de cada un@, algún@s de nosotr@s desde la oposición política, con la defensa de los derechos humanos, la búsqueda de escenarios de paz y de acuerdo humanitarios. Después de esa alocución vinieron momentos de zozobra para mí y mi familia. Mi vida que hasta entonces transcurría entre mi trabajo profesional como socióloga; mi compromiso con la defensa de los derechos humanos, de las mujeres y laborales; mi militancia en la izquierda como opción política¹¹; mi actividad académica en la maestría en Estudios Políticos en la Universidad Nacional de Colombia (estaba preparando min tesis de grado), y la crianza de mis hij@s(4 y 15 años) como madre cabeza de familia,

Ante el inminente proceso judicial me dispuse a buscar ayuda legal para asumir mi defensa.

cambió radicalmente, aunque no en lo fundamental.

El 8 de agosto de 2008, mientras leía noticias en internet hubo una que ocupo toda mi atención, se trataba de la orden de captura en mi contra. Horas más tarde era allanada mi residencia y yo era conducida a los calabozos de la DIJIN y de ahí a la reclusión de Mujeres de Bogotá, en donde permanezco aun, 36 meses después, en calidad de SINDICADA a la espera de que se haga justicia en mi caso y en un claro abuso de la detención preventiva.

En el operativo de allanamiento participaron fuerzas policiales (DIJIN) fuertemente armados, quienes lograron Intimidar a mi anciana madre y a mis pequeños hijos. En el lugar se incautaron documentos de tenencia legal, incluso algunos de mi madre e hij@s, que figuran entre las pruebas en mi contra.

Al frente del operativo de allanamiento y "captura" se encontraba el capitán de la DIJIN, Ronald Hayden Coy Ortiz, el mismo que participó en la Operación Fénix. Este me decía con sorna entre muchas otras cosas que —me haría famosa, nacional e internacionalmente-, mientras otro de los policías filmaba todo a mí alrededor, incluso a mí familia y a mí en todos los planos. Hubo un instante que me causo curiosidad, cuando el camarògrafago de la policía fue despachado con tono de urgencia del lugar. A los pocos minutos aún sin que el allanamiento hubiera terminado, eran transmitidas las imágenes del operativo en televisión, mientras los policías hacían una pausa para ver el espectáculo mediático con el pecho henchido por el "positivo".

Con mi detención se iniciaba el proceso de la FARC-POLITÌCA. Un proceso político más que juridico, que hoy parece languidecer dada la arbitrariedad e ilegalidad sobre la que fue construido.

El 11 de agosto de 2008, estando aún aislada en los calabozos de la DIJIN, fui conducida al Bunker de la Fiscalía para rendir indagatoria ante la fiscal 19 antí-terrorismo, Nancy Esperanza Pardo Bonilla. Hasta entonces me enteraría de las razones por las que me encontraba vinculada al proceso de las FARC-POLITICA y de los cargos que se me imputaban.

Antes de regresar al Bunker de la Fiscalía algun@s periodistas trataron de obtener de mí alguna declaración. Quedó grabada en mi memoria la primer pregunta que me hacia una periodista "¿Es cierto que usted era la amante de Raúl Reyes?" la miré y le respondí "Eso no es verdad y con este tipo de calumnias mal intencionadas vulneran mi dignidad como mujer y como ser humano". En realidad no sé que me ofendía más, si el ser sometida públicamente a una falsedad que dejaba una marca perenne sobre mi honra, o el saber qué estaba siendo usada como carne de cañón por quienes desde la inteligencia militar sólo querían desdibujar la imagen del jefe insurgente.

Ya en la indagatoria la Fiscal me imputo los cargos de Rebelión y Administración de Recursos con fines Terroristas, cargos soportados en la supuesta información obtenida en los dispositivos informáticos del abatido jefe de las FARC, Raúl Reyes. Cargos que no acepte sometiéndome conscientemente a un proceso de juicio para demostrar mi inocencia. La Fiscal decidió entonces dictar medida de aseguramiento en mì contra en establecimiento carcelario. Fue la primera vez que se me negó el beneficio de la detención domiciliaria a pesar de haber demostrado plenamente mi condición de madre cabeza de familia. Luego se me negaria dicho beneficio en 9 ocasiones más por considerárseme un "peligro para la sociedad" cosa que no ocurre con l@s delincuentes de cuello blanco a quiénes se les otorga sin ninguna traba este beneficio.

El 14 de agosto de 2008 fui entonces remitida a la reclusión de mujeres de Bogotá -- "Buen Pastor" al pabellón 6, que es el pabellón en el que se encuentran, por calificación de internas la mayor parte de las mujeres presas políticas de la reclusión. Me convertí entonces en la primera colombiana y la única mujer privada de su libertad por la denominada FARC-POLÍTICA.

DE OTRAS ILEGALIDADES PROCESALES

Desde el mismo momento en que fui vinculada con pruebas ilegales - al proceso judicial de la FARC-POÍTICA se me sometió a una exposición mediatica en donde se me atribuyeron desde tener "lazos afectivos" con el abatido jefe de las FARC, Raúl Reyes, hasta de una serie de responsabilidades que nunca he tenido. Dicha situación no sólo afectó mi honra y mi buen nombre sino que además ha desencadenado un sinnúmero de tratos degradantes, ofensas e incluso amenazas de muerte en mi contra TRIBUING SUPERIOP con los consecuentes problemas de seguridad para mi y mi familia.

En la reclusión l@s prisioner@s polític@s debemos cargar con el estigma del `delito` que se nos endilga: REBELIÓN y se nos hace un 'perfil' de alta peligrosidad, pues seguimos siendo considerad@sfeel 0.0.1.3.9. enemigo interno, sólo que tras las rejas. Estas circunstancias más mi continuado compromiso con la defensa de los derechos humanos, ahora de mis compañeras@s en prisión me ha valido el señalamiento CANTI/S 10 y la continuada persecución de parte del INPEC¹².

Como resultado de dicho señalamiento el pasado primero de junio de 2011 fui trasladada dentro de la misma reclusión del pabellón 6 al pabellón 7, donde me encuentro aislada del resto de mis compañeras prisioneras políticas y sometida a mayores medidas de seguridad.

Además de haber sido vinculada a un proceso judicial con fundamento en pruebas ilegales, con la consecuente detención arbitraria, el proceso en mi contra ha estado flagrado de irregularidades desde la etapa de instrucción hasta ahora:

-fui imputada además del "delito" de rebelión, que es un delito político y de la competencia de la justicia ordinaria, con el delito de administración de recursos con fines terroristas, que es un delito no político y del resorte de la justicia especializada.

Ha sido una estrategia de l@s fiscales imputar a l@ opositores polític@s delitos asociados al terrorismo. conjuntamente al "delito" de rebelión, esto con el fin de agravar la situación jurídica con largas condenas, aumentar los tiempos requeridos para el desarrollo de los procesos y entrabar el accesos a beneficios jurídicos para imputados y condenados.

Por cuenta de esta estrategia me ha sido negada repetidamente la detención domiciliaría, se me sometió a detención preventiva que es -una medida extraordinaria-y se ha prolongado en el tiempo el desarrollo del proceso.

-después de que la fiscal 19 profirió la resolución de acusación en mi contra y quedo en firme, el 08 de abril de 2009 se inicio lo audiencia pública y la audiencia preparatoria antes del juicio bajo la competencia del Juzgado Noveno Penal del Circuito Especializado de Bogotá. Durante la audiencia preparatoria solicitamos con mi defensa el acceso a la totalidad de la "prueba reina", es decir, de los archivos obtenidos en la Operación Fénix, pero esta petición nos fue negada. Tanto Juez como fiscal solo nos permitieron conocer resúmenes de los archivos que se consideraban estaban directamente relacionadas conmigo. De esta forma se rompió la unidad procesal de tod@s lo vinculad@s al proceso de la FARC-POLITICA, para quienes "la prueba reina" son precisamente esos archivos obtenidos en la Operación

Así, se nos impidió a l@s vinculad@s de dicho proceso la posibilidad de asumir colectivamente la defensa. A cada uno de nosotr@s se nos individualizo la investigación y se nos permitió conocer solo fracciones de la "prueba reina". De esta forma se afectó seriamente la salvaguardia al debido proceso y a un juicio justo.

-por estar sometida a la justicia especializada, los tiempos del proceso en la fase de audiencia pública han sido largos y con interrupciones, a tal punto y cumplido 24 meses desde el inicio de la audiencia publica y 32 meses de mi "detención preventiva", no se ha terminado esta etapa teniendo derecho a mi libertad por vencimiento de términos.

El 11 de abril de 2011 solicitamos dicha libertad, pero el 13 de abril la Juez Novena Penal del Circuito Especializado la negó excusándose en que la audiencia pública no se ha podido terminar por "causas justas y razonables", debido a que la defensa había solicitado la práctica de pruebas en el exterior y que por lo tanto se me estaría garantizando el debido proceso.

Ante tal absurdo jurídico, a través de la defensa interpusimos recursos de apelación y Habeas Corpus¹³ para pedir la libertad por vencimiento de términos, pero tanto el Tribunal Superior de Bogotá, que tuvo conocimiento de la apelación, como el juez de Habeas Corpus se negaron también a otorgarme la libertad inmediata.

-en mayo 18 de 2011, la Corte Suprema de Justicía, Sala Penal, profirió auto inhibitorio 14 en el caso del ex congresista vinculado al proceso de la llamada FARC-POLITICA. Con este auto la Corte sentenció que las evidencias físicas obtenidas en la Operación Fénix y que han sido usadas como prueba en el caso del ex congresista Wilson Borja es decir la FARC-POLITICA son ilegales y que en derecho no pueden ser usadas ni en el caso de Borja ni en ningún otro proceso pues no tienen ninguna validez jurídica.

El 1 de agosto de 2011, la Sala Penal de la Corte Suprema de Justícia, de forma unánime ratifico la sentencia proferida el 18 de mayo de 2011 en la que se declara ilegal la evidencia materíal obtenida en la Operación Fénix y la imposibilidad de que esta sea usada en cualquier proceso judicial como prueba.

Basados en ese fallo recuperó la libertad el profesor Miguel Ángel Beltrán en junio 3 de 2011. El profesor Beltrán también había sido vinculado por el proceso de la FARC-POLITICA y permaneció 2 años privado injustamente de la libertad. También se freno la extradición hacia Colombia del dirigente comunista Manuel Olate y se pudo esclarecer su situación jurídica en su país.

-por su parte, mi defensor basado en el fallo de la Corte Suprema de Justicia solicitó en el mes de julio de 2011 el Control de Legalidad ante la jueza 9 Penal del Circuito Especializado, Danae Hinestroza Rengifo y la solicitud de mi libertad por haber sido detenida arbitrariamente con fundamento en pruebas ilegales. La jueza de conocimiento una vez más rechazo la solicitud de la defensa.

-el 01 de agosto de 2011 recurrimos a la acción de Habeas Corpus al considerar que no solo fui privada de mi libertad arbitraria e ilegalmente sino porque existe una prolongación ilegal de dicha detención. Soportamos nuestra solicitud en la providencia de la Corte Suprema de Justicia, Sala Penal, de mayo 18 de 2011 y su ratificación del 1 de agosto de 2011 en la que se declara nula por carecer de validez jurídica la "prueba" obtenida ilegalmente en la Operación Fénix que ha sido usada en mi contra.

Inexplicablemente el juez de Habeas Corpus, el juez 30 Laboral del Circuito de Bogotá, Alfonso Marjo Araujo Monroi quien niega por "improcedente" nuestra patición fundado en espurios argumentos jurídicos Es evidente que durante estos 36 meses mi "detención preventiva" en establecimiento carcelario ha vulnerado innumerables derechos: a la presunción de inocencia, al debido proceso, a la legítima defensa, por la las garantías procesales, y a mi libertad causándome daños irreparables en lo material y en lo moral. Por tal motivo a través de mi defensa hemos solicitado Medidas Cautelares de protección a la Comisión Canada Interamericana de Derechos Humanos.

Lo cierto es que a tres años de la cuestionada Operación Fénix, el monstruo de la FARC-POLITICA languidece. Por fortuna ya muchas de las personas injustamente vinculadas a este proceso han sido inhibidas o absueltas. Aun continuamos privados de nuestra libertad Joaquín Becerra y yo.

Entre tanto mis días siguen transcurriendo en una celda de alta seguridad aislada del resto de mis compañeras prisioneras políticas pero con la dignidad, la moral y la frente en alto.

Seguiremos luchando por la libertad de tod@s l@s prisioner@s polític@s colombian@s.

Algún día será posible y podré de nuevo en libertad continuar trabajando por una patria verdadera, democrática, inclusión política, con justicia social y paz.

Estos 36 meses de injusto encarcelamiento han sido menos tortuosos gracias a la invaluable solidaridad y a las expresiones de cariño de muchos y muchas compañeros y de muchas otras personas, que aun sin conocerlos se han sensibilizado con mi caso y el de los más de 7500 prisioner@s polític@s colombian@s. A tod@s ell@s, a las organizaciones sindicales, de derechos humanos, activistas por la paz y la justicia social, a los medios de comunicación alternativos, a los partidos políticos de oposición a los abogados demócratas, y a l@s parlamentarios que han confluido desde distintas latitudes del globo, en la campaña por la libertad de l@s y prisioner@s polític@s colombin@s, mi gratitud y afecto.

Quiero agradecer especialmente a l@s compañeros de la Red Internacional de Solidaridad Con los Prisioner@s polític@s colombian@s(INSPP, sigla en ingles); de la Campaña de Solidaridad por los Prisioner@s Polític@s en Canadá, de Justicia por Colombia en el Reino Unido; de los circulos de Solidaridad por Colombia y de Paz y Justica por Colombia en Australia; de la Alianza por La Justicia Global en Estados Unidos; de la Campaña de Solidaridad por l@s prisioner@s polític@s colombian@s "Creando Puentes Solidarios", en Cuba; de la Agencia Bolivariana de Asuntos Humanitarios Patria es Solidaridad, en Venezuela; de la Campaña por la Libertad de los Prisioner@s polític@s colombian@s en Francia, de la campaña por la Libertad de los prisioner@s polític@s "Traspasa los Muros", de la Fundación Lazos de Dignidad, de la Brigada Jurídica Eduardo Umaña Mendoza, del Comité Permanente por la Defensa de los Derechos Humanos en Colombia.

A las y los abogados que han contribuído con mi defensa Eduardo Matyas Camargo, Gustavo Gallardo, Santiago Ortiz y July Henriquez.

A mi amigo y compañero Raúl Arango, siempre solidario con las prisioneras políticas del Buen Pastor, a Niki, donde quiera que este.

A mi compañero y amigo Néstor Montilla que siempre me acompañó mientras estuvo vivo y aun me acompaña.

A mi pequeña pero incondicional y amorosa familia.

A todas y todos muchas gracias y un abrazo fraterno.

LILIANY OBANDO PRISIONERA POLÍTICA, SOBREVIVIENTE DEL GENOCIDIO CONTRA LA UNIÓN PATRIOTICA. RECLUSIÓN DE MUJERES DE BOGOTA BUEN PASTOR. AGOSTO 8 DE 2011.

NOTAS

- 1. Prisionera política sobreviviente del genocidio contra la unión patriótica. Socióloga, defensora de derechos humanos, de las mujeres y laboral.
- 2. "El gobierno de Ecuador... sostiene que de acuerdo a los restos de las bombas encontradas en el campamento estas requieren para ser lanzadas una tecnología avanzada que según ellos no disponen la Fuerza Aérea de Colombia". Informe de la comisión de la OEA que visito Ecuador y Colombia. Vigésima quinta reunión de consulta de mínistros de relaciones exteriores, 17 de marzo de 2008, Washington pg. 7
- 3. Colombia es Estado parte de la Organización de Estados Americanos OEA, como tal aprobó la Convención Interamericana sobre asistencia mutua en materia penal, suscrita en Nassau, Bahamas el 23 de mayo de 1992 y el protocolo facultativo relativo a la convención interamericana sobre asistencia mutua en materia penal adoptado en Managua, Nicaragua el 11 de junio de 1998. la Ley 636 de 2001. Colombia también aprobó el convenio de cooperación judicial y de asistencia mutua en materia penal entre la

república de Colombia y la república de Ecuador, suscrito en Santa Fe de Bogotá, D.C, el 18 de diciembre de 1996. Ley 519 de 1999.

- 4. Verónica Natalia Vázquez Ramírez, Fernando Franco Delgado, Soren Ulises Avilés, Juan Gonzales del Castillo, estudiantes de la universidad autónoma de México UNAM.
- Franklin Guillermo Aisalla Molina.
- 6. Martha Pérez y Diana Gonzales, guerrilleras de las FARC y Lucia Morett Álvarez, encontradas por militares ecuatorianos.
- 7. El Estado ecuatoriano acuso al Estado colombiano por el homicidio "Ejecución extrajudicial" de Franklin Aisalla ante la Comisión Interamericana de Derechos Humanos. Según el estado ecuatoriano Aisalla fue asesinado a golpes de fusil que le destrozaron el cráneo.
- 8. Hoy cursa una investigación en Ecuador contra altos mandos de las Fuerzas Armadas colombianas quienes participaron en la Operación Fénix, entre ellos el entonces mayor de la policía Camilo Ernesto de Superior el Alvares Ochoa, comandante del Grupo de Objetivos de Alto Vaior el Comando de Operaciones Especiales COPES-
- 9. El entonces capitán de la DIJIN- Policia Nacional, Ronald Hayden Coy Ortiz quien fue custodio de la evidencias físicas obtenidas en la Operación Fénix declaró bajo juramento que dichos archivos no reactivos no reactivos sino documentos Word
- 10. De acuerdo al informe de la INTERPOL scbre la validez de los procedimientos usados en el tratamiento de los dispositivos obtenidos en la Operación Fénix del 1 al 3 de marzo de 2008 se manipularon unos 48.000 archivos sin el lleno de los protocolos establecidos para tal fin.
- 11. Un Estado que como el colombiano se autoproclama democrático y de Estado Social de Derecho debe garantizar la inclusión y participación de la oposición política.
- 12. Instituto Penitenciario y carcelario.
- 13. Derecho fundamental y acción constitucional, artículo 30 de la Constitución Nacional.
- 14. De acuerdo al artículo 327 del código de procedimiento penal ley 600 de 2000 "... se torna imperativo emitir decisión inhibitoria, cuando el comportamiento no ha existido, es atípico, está acreditada un causal eximente de responsabilidad, o no es viable legalmente la acción penal"... pagina 3. Corte Suprema de Justicia, Sala de Casación Penal, Bogotá, D.C. mayo 18 de 2011

La Lucha social no es un delito, es un paso hacia la Libertad...

TRADUÇÕES DE DEZEMBRO DE 2014

ina 1 de 13

TRIBUNAL SUPERIOR OF CITARAL

Fls.: 001394

"A Guerra contra a Síria, o que aconteceu, e o que acontecerá": a análise de David Urra
17 de dezembro de 2011
DAVID URRA
CONTRA-INSURGÊNCIA

I - A Guerra Silenciosa

Não era segredo para ninguém – foi revelado recentemente por altos personagens dos atuais e precedentes governos dos Estados Unidos – que esse país havia planejado a atual ofensiva no Oriente Médio e instruído o aparelho de "geração de conflitos" que preparara o Plano de Guerra psicológico-informativa para alcançar os objetivos planejados.

O Departamento de Estado, os órgãos de Segurança Nacional agrupados e sob a autoridade única e o Departamento de Defesa, deram-se a tarefa de organizar todos os pormenores necessários que permitirão cumprir com a estratégia já aprovada no Clube Bilderberg.

Nesse caso, se deveria começar com a estratificação da sociedade, o que implicava separar por grupos de interesse o espectro social sírio: militares; jovens; oposição intelectual interna e externa; líderes de opinião, acadêmicos; etc. A tarefa consiste em criar públicos objetivos e os canais de comunicação política dentro destes, por intermédio dos quais se transmitirá posteriormente a influência psicológico-informativa de um receptor a outro.

É necessário aclarar que durante esse processo incluem-se igualmente, tanto partidários do Governo sírio e suas autoridades, como os opositores, mas as ações a desenvolver com uns e outros diferem em forma e conteúdo. Igualmente consideram-se aqueles grupos sociais que não têm uma definição política, nem com o Governo nem com a oposição.

Os meios massivos de difusão (MMD) ocidentais têm um papel fundamental na realização das ações psicológico-informativas que estão sendo desenvolvidas na Síria, não somente por sua influência na opinião pública interna e internacional, mas porque servem de padrão para conhecer as linhas de desenvolvimento das operações psicológicas em curso e permitem medir seus resultados e corrigir o curso.

Se observarmos o emprego dos MMD, perceberemos como estes têm tratado de definir grupos que respondem a interesses comuns (suposta democratização da sociedade, aparição de líderes informais que "ajudam" a aglutinar e dirigir a "explosão" espontânea de inconformidade dos cidadãos) dentro da sociedade Síria.

Esses grupos foram estruturados a partir dos feitos provocados na cidade de Deraa no sul da Síria, zona onde existem as premissas necessárias para ativar a ação dos opositores ao Governo Sírio.

Por outro lado, começou a conformar-se uma "oposição" externa, composta por intelectuais que vivem fora da Síria, com o objetivo de dar-lhe uma imagem aceitável e canalizar dessa forma a "revolução democrática".

Paralelamente, desenvolve-se uma ampla e certeira campanha de manipulação psicológico-informativa da opinião pública internacional, que inclui meios, métodos e procedimentos diplomáticos, políticos, informativos, econômicos, políticos, informativos, econômicos, políticos, informativos, econômicos, políticos e militares.

CP2.017.23D

Todas essas ações levam à polarização dos grupos em conflito. Por um lado, os grupos internos criados assumem a inclinação política que lhes induz desde os centros de poder ocidental, gerando um enfrentamento que em determinado momento passou a ser violento. Por outro, o Governo se vê obrigado a "reprimir" os grupos armados, o que permite criar uma matriz informativa que justifique a intervenção.

Dessa forma temos que primeiro se estimulou a criação de estratos que se foram formando com o objetivo de empregá-los na desestabilização do país e posteriormente se ativaram para radicalizar o processo.

De forma simultânea se organizou uma campanha de satanização do Presidente Sírio Bashar al Asad empregando para isso os meios diplomáticos (Liga Árabe, Comissão de Direitos Humanos da ONU, Organizações não Governamentais) e a sua vez no plano econômico-financeiro se bloqueiam contas e se fecham mercados com o objetivo de limitar os acessos a recursos básicos de sobrevivência do país e com isso tratar de provocar malestar e desespero em determinados estratos da população que apóiam ao governo e que culpariam supostamente a este das penúrias pelas quais passam.

A utilização da violência nas ações dos grupos opositores e sua posterior manipulação e dimensionamento exagerado por parte dos MMD e representantes de organizações afins ao ocidente, permitem ademais influenciar a opinião pública internacional com o interesse de criar um consenso que permita justificar ações militares para "salvaguardar" a população civil e deter o conflito.

É de esperar que dentro das operações psicológicas que se desenvolveram na Síria incluíam-se aquelas dirigidas aos membros das forças armadas e seus familiares. Em outros casos recentes, - Iraque, Líbia - as potências ocidentais penetraram nos altos comandos e comandos intermédios dos corpos armados, alcançando um eficiente nível de comprometimento e deserção, o que facilitou as ações dos agressores para o alcance de seu objetivo com uma menor resistência.

Sincronicamente são realizadas diversas operações psicológicas contra os membros das FF.AA, com o objetivo de gerar confusão e temor. Por um lado, pretende-se fazer crer que os grupos armados pelo ocidente dentro da Síria representam o povo e as forças armadas não deverão combatê-los sob pena

de violar os Direitos Humanos. Igualmente se deseja instalar uma sensação de temor e medo a represálias e posteriores ajustes de conta.

II – Situação atual do conflito.

As operações psicológico-informativas que se desenvolvem contra Síria se encontram no seguinte ponto de ação:

Fair p (1 f 3 9 6

- Realização de ações violentas por grupos ativos que são preparados combinados desde o exterior para gerar caos, confusão e dessa forma servir de pretexto para sanções e ações punitivas.
- O Governo está mobilizando seus simpatizantes para enfrentar a Guerra imposta ao país, empregando os meios ao seu alcance e preparar a população para enfrentar ações mais violentas em um futuro próximo.
- Está em pleno desenvolvimento uma operação informativa empregando meios diplomáticos e políticos (chantagens e pressões) com o objetivo de alcançar o consenso necessário na arena internacional que permita a realização de uma operação militar contra a Síria com o emprego de meios aéreos, navais e terrestres.
- O Governo está tratando de fortalecer sua posição com países que não têm uma atitude hostil (Rússia, China, Argélia, Irã, Líbano, América Latina) em relação à Síria, com o objetivo de criar uma frente que se oponha no plano diplomático, político, financeiro, econômico e militar ao bloco ocidental.
- A OTAN com os EUA à frente, está dando os primeiros passos para a realização de uma operação militar em grande escala contra a Síria. A presença de porta-aviões George Washington e sua escolta nas águas próximas à zona, o deslocamento e reforço de tropas no Qatar e na Arábia Saudita e os preparativos na Turquia são sintomas inequívocos de que estão em marcha os preparativos para a invasão.
- Diferente do conflito contra a Líbia e o Iraque, a oposição russa marca a diferença. As experiências desses dois conflitos demonstram que as concessões que China e Rússia fizeram ao ocidente não conduziram a nada bom. O Governo russo por fim compreendeu que as apetências hegemônicas dos EUA não serão saciadas com nada e o cerco que se tece ao redor dessas duas potências cada vez se fecha mais. Pela primeira vez Rússia declara que a real causa do conflito são os grupos irregulares que o ocidente armou para desestabilizar a Síria.

III - Ações a desenvolver pelo "Eixo da Guerra".

Seguindo o esquema das operações psicológico-informativas, o ocidente deverá começar a executar a última parte do Plano que levaria aos seus objetivos. Se as estratégias não tenham sido homogêneas nos conflitos anteriores (lugoslávia, Afeganistão, Iraque e Líbia), determinado pelas diferenças de todo tipo que surgiram em cada caso, parece haver um consenso de que o esquema Líbio é o mais próximo a seguir nesse caso. Nele se resumem de algum modo as experiências adquiridas anteriormente e a intenção de minimizar o componente militar ou violento por razões óbvias (seu

CPADIACID

custo político, seu risco psicológico, seu custo financeiro e sua ação corrosiva sobre a imagem). Claro que a Síria não é a Líbia e tem suas especificidades.

- Não há uma oposição interna estruturada.
- Não há uma liderança nem institucional nem pessoal de oposição.
- O Governo sírio está mais centrado em atuar e tem um respaldo realesa superior que não se pode subestimar.
- A Rússia assumiu uma posição firme e tem abastecido à Síria com meios que podem ser decisivos caso se utilizem corretamente.
- As forças armadas sírias parecem ter maior coesão combativa.

Ao ocidente resta apenas aumentar a espiral de violência e se lançar-se em uma invasão ou utilizar a variante de desgaste caso não esteja seguro de que pode triunfar.

As ações a serem realizadas nestes casos poderiam agrupar-se da seguinte forma:

a) Informativas: O emprego dos MMD tem uma papel importante nessa etapa de desenvolvimento da Guerra. Por um lado é necessário "justificar"ante a opinião pública internacional e muito especialmente ante a opinião pública dos países membros do "Eixo da Guerra" (EUA, Grã-Bretanha, França, Alemanha, Itália e Canadá), a possível realização de "bombardeios humanitários" e posterior invasão terrestre, considerando os custos financeiros, em vidas humanas e imagem política que esta operação leva.

Por outro lado, necessita-se provocar mudanças na psique dos sírios que gerem um mal-estar que e conduzam a sublevação e a queda do atual Governo.

No campo da computação e das novas tecnologias de comunicação é indispensável difundir um ambiente de insegurança, mal-estar e desassossego, que permita influenciar desfavoravelmente no estado de ânimo da população. Para isso se empregarão métodos clássicos como os rumores, as mistificações, as ilusões e fundamentalmente o emprego de recursos psicológicos que permitam abrandar a ideologia predominante. Já é conhecida a captura, por parte das forças governamentais sírias, de modernos equipamentos de comunicação entregues pelo ocidente aos "rebeldes".

Igualmente já devem estar operando nas proximidades da Síria múltiplas estações de rádio que sob os apelativos de "Liberdade", "Democracia", "Unidade", transmitem as mensagens para a subversão informativa. Isso se incrementará segundo se aproxime o momento de começar a operação em grande escala. Devemos considerar também o emprego da TV num país onde seu uso está difundido de forma massiva. Para isso entraram em operação os "Comando Só", aviões equipados especialmente para a guerra eletrônica e que possuem entre suas características o poder de operar desde fora do território nacional, além de gerar múltiplas transmissões de forma uníssona, tanto de rádio como de TV. Igualmente possui equipamentos para detectar as

freqüências de trabalho dos meios inimigos e para bloquear sua saída ao ar, substituindo-la por suas próprias.

É de esperar que as forças do Comando de Operações Especiais radicado em Fort Bregg tenham já um levantamento de todas as emissoras de rádio e televisivas da Síria, sua freqüência de trabalho, localizações e regime de transmissões, e em algum momento se procederá silenciá-las, seja por meios eletrônicos — empregando o "Comando Só" — ou por meios militares, para 100 03 9 8 posteriormente substituí-las por transmissões subversivas desde os cransmissões desde territórios limítrofes do país, ou o próprio "Comando Só".

Ainda que o uso de materiais impressos de propaganda já deve estar sendo massivamente empregado, estes se incrementarão de forma substancial em momentos prévios aos bombardeios e à invasão, já que se demonstrou sua eficácia para a influência psicológica, fundamentalmente entre os membros das FF.AA. As mensagens estarão dirigidas a suplantar a decisão de defender seu país por parte dos sírios mediante o medo, os falsos rumores, a criação do mito da superioridade da OTAN, os ganhos econômicos e os supostos objetivos "humanitários" que os soldados invasores possuem.

Os EUA e a OTAN manterão sua pressão sobre a Liga Árabe, organização composta fundamentalmente por Monarquias e Governos corruptos a serviço do ocidente, para alcançar uma condenação definitiva e um passaporte para a realização da invasão que começará com um período de amortecimento e desgaste sistemático com o emprego de mísseis de longo alcance e aviação tripulada e estratégica.

Não faltarão as pressões sobre a ONU e suas instituições para que sancione à Síria de uma forma ou de outra. Ainda que os EUA saiba que a Rússia vetará qualquer tentativa de resolução condenatória no "Conselho de Guerra" da ONU, o objetivo da pressão é criar uma "imagem informativa" da Rússia, colocando-la num dilema de ter que apoiar a um "regime cruel e totalitário".

Por último, não podemos deixar de assinalar alguns exemplos de determinadas leis da influência normativa:

- A mentira deverá ser em certa forma dosada e manter a aparência de veracidade;
- A necessidade de ter uma idéia clara do que espera o público, o que permitirá criar uma ilusão elaborada especificamente para esse público;
- Utilizar a "lógica de ação coletiva" da responsabilidade mutua;
- Utilizar a informação obtida e não divulgada, que seja contrária à linha oficial;
- Referir-se aos "princípios sagrados" da nação;
- Utilizar os símbolos e as simbologias de acordo com a tecnologia da imitação, utilizando como meios mais efetivos as metáforas, mitos e rituais.

b) **Psicológicas**: Na realidade, todas as medidas e ações que realiza o "Eixo da Guerra" estão encaminhadas para que a influência psicológica atue na população síria, assim como na comunidade internacional.

Há ações específicas que estão marcadas dentro do que é puramente psicológico.

Entre estas se encontram:

- Criação de terror e pânico entre a população e os membros das forças armadas para desmoralizá-los e diminuir sua fé na defesa e na capacidade de alcançar o êxito.
- Ações para gerar um sentimento de confusão nas forças de defesa do país e fazer acreditar que é inferior e não tem possibilidades de enfrentar a força do agressor.
- Tratar de mostrar uma superioridade da técnica militar e de armamento, que levaria não somente a uma derrota "inevitável", mas a grandes perdas humanas e materiais.
- Impulsionar os militares à deserção, prometendo-lhes grandes somas de dinheiro e um tratamento "digno" e indulgente, o que os "salvaria" de uma inevitável derrota. Em alguns casos se mostram alguns desertores que supostamente estão desfrutando da "liberdade" e "generosidade" dos agressores.
- c) **Militares:** A realização de ações militares representa o elemento mais controvertido dos enfrentamentos que atualmente o "Eixo da Guerra" está levando. Os casos da lugoslávia, Afeganistão, Iraque e Líbia, mencionando somente alguns, demonstram quão complicadas e contraditórias podem ser as ações militares.

O problema fundamental radica nos aspectos negativos que trazem consigo estas ações e que nem sempre podem ser assumidas com facilidade, inclusive se os objetivos traçados são alcançados, que quase sempre incluem a derrota do Governo existente e a instauração de uma administração dócil aos interesses do ocidente.

Diante de tudo é necessário ter em conta que para derrotar um Governo é necessário roubar o poder daqueles que lhe ostentam, destruir seus órgãos de segurança e convencer a população que isso é o correto e mais conveniente para o país.

Na maioria dos casos é inevitável utilizar a força, o que por sua vez traz consigo: grandes gastos financeiros; enorme custo político; criação de um sentimento de antipatia da população agredida contra os agressores; grande destruição de instalações militares, industriais e civis; enormes perdas humanas por ambos os lados e uma prolongada contaminação ambiental.

Na Síria o "Eixo da Guerra" não pode obter esses objetivos sem este custo. Para isso desenvolve-se a Guerra psicológico-informativa, tratando de minimizar a campanha bélica e com isso alcançar com menos traumas os

CEADI/S ID

objetivos traçados. Só que a Síria não é a Líbia e dificilmente a OTAN poderá estruturar o "passeio" que constituiu a campanha Líbia.

Para isso estão organizando um ataque fulminante que provoque uma quebra da resistência em menor tempo possível. Nesse caso é necessária a participação de aliados do Oriente Médio (Turquia, Jordânia, Arábia Saudita, Qatar e os Emirados Árabes), com apoio, fundamentalmente logístico e de inteligência, de Israel.

Alguns se perguntaram: e por que não Israel? O tema israelita é multo-complexo, antes de tudo sua participação tornaria inviável a participação de outros países árabes que não confiam neles e geraria uma verdadeira revolução contra essa guerra, a favor da Síria, no Oriente Médio. Por outro lado, esta conjuntura não seria conveniente para o Líbano, pois o Hezbolah lançaria uma ofensiva e geraria uma situação insustentável ao frágil governo libanês.

A situação na Turquia não é menos problemática, pois, para lançar uma invasão terrestre é indispensável utilizar território turco e isso produziria um eventual levante dos curdos na Turquia que seria difícil de controlar.

È necessário considerar que a Síria está demasiadamente perto de Israel e com os novos meios que a Rússia pôs a sua disposição, incluindo Sistemas Antiaéreos S-300 e os complexos de foguetes costeiros, podem golpear com facilidade os meios aéreos e navais israelenses.

Por último, a OTAN tem uma grande desconfiança dos dirigentes israelenses, que caso se veja em uma situação embaraçosa e pressionado pelos extremistas de direita que ditam as regras em Israel, empregue seu arsenal nuclear e gerem uma catástrofe de incalculáveis proporções.

Em síntese Israel apoiaria nas sombras.

Não se pode deixar de ter em conta a recente renuncia, oficializada pelos EUA, do Tratado sobre Forças Armadas Regulares na Europa (AFARE), assinado com a Rússia em 1990 e que Moscou havia prorrogado em 2007, buscando mantê-lo vivo até chegarem a um novo acordo. È sintomático que, apesar de que desde 2007 este acordo estava praticamente morto, somente agora os EUA o denunciem a Moscou, o que faz com que muitos analistas pensem que isso está relacionado com os movimentos de forças que esse país necessita realizar na Turquia e que seria interpretado pela Rússia como uma violação do tratado.

Nesses momentos as Forças De Operações Especiais (FOE) dos países integrantes do "Eixo da Guerra" devem estar operando em solo Sírio e incrementarão suas operações na medida em que se aproxime o momento da operação de invasão.

As missões fundamentais a cumprir pela FOE serão:

- Determinar os objetivos e dirigir posteriormente os ataques da aviação e os mísseis de longo alcance durante os bombardeios de desgaste contra a Síria.
- Preparar o terreno para as ações de invasão terrestre que incluem trabalhos de inteligência e reconhecimento do terreno.
- Dar apoio aos grupos "rebeldes", prepará-los e melhorar sua ação tática Organizar atos terroristas para infundir pânico, caos e confusão entre a população síria e as forças de Segurança. Além do mais, debilitar a infra: 1116 4 0 1 estrutura econômica do país.
- Realização de ações diversificadas contra as redes de comunicação Le transmissão de dados, com o objetivo de limitar o mando da defesa e desorganizar a economia.
- Captura ou eliminação de personalidades sírias que apóiem o governo.
- Desenvolver ações violentas contra determinados grupos étnicos, com o objetivo de culpar a outro grupo existente no país e dessa forma confrontá-los em uma luta que debilitaria a unidade nacional em uma nação onde as relações inter-étnicas são um modelo para a região.

IV - Contramedidas

Com anterioridade dissemos que a Síria não é o Iraque, nem o Afeganistão, nem a Líbia. Os dirigentes sírios compreenderam o perigo que se aproxima e devem atuar de acordo às circunstâncias.

A agressão militar é eminente e o "Eixo da Guerra" não se deterá caso acredite ter êxito em sua campanha, sendo a única opção que resta a Síria a tomada de todas as contra-medidas pertinentes para demonstrar ao ocidente que o custo de uma intervenção militar é impagável.

Considerando as experiências acumuladas em outros conflitos como o do Vietnã, lugoslávia, Afeganistão, Iraque, Sudão e Líbia, além dos êxitos que nesta matéria tiveram países submetidos a planos e operações psicológicasinformativas como são os casos de Cuba, Coréia do Norte, Irã, Venezuela, Nicarágua, Bolívia, Equador e outros, os dirigentes sírios deverão implementar um conjunto de contra-medidas indispensáveis para salvar a soberania e integridade do território.

Estas ações se podem agrupar da seguinte forma:

Contramedidas Diplomáticas - Neste campo a Síria deve desenvolver uma forte campanha de esclarecimento do caráter soberano de suas ações, dando ênfase nos países que apóiam seu Governo e naqueles que tem uma posição aparentemente neutra. Devem ser impetuosos nos organismos internacionais para mostrar sua verdade e fundamentalmente utilizar com muita criatividade suas razões, mostrando as provas que tem em seu poder da ingerência estrangeira em seu território e utilizando todas as possibilidades que os MMD oferecem neste sentido.

Igualmente importante para os sírios será colocar em ilegitimidade a Liga Árabe, apoiando-se fundamentalmente na relação de subordinação que tem as monarquias árabes com os EUA. Seria igualmente significativo se a Síria

conseguisse convencer aos países que a apóiam, de uma forma ou outra, de sair da Liga Árabe, com o argumento de que num futuro próximo serão eles possivelmente os acusados e demonstrando a eles que a Liga já não responde aos interesses dos povos da região.

Por outro lado fortalecer o papel da Russia e outros países que apóiam a Síria: para seria fundamental para criar um coral de vozes que chame atenção da opinião pública internacional de que não existe um estado de opinião majoritário que favoreça a atitude do ocidente de derrotar ao Governo sírio.

2. Contramedidas Psicológico-Informativas — O governo sírio deve estar consciente de que o ocidente utilizará todo seu arsenal tecnológico para impor o controle informativo, fundamentalmente dentro do território da nação árabe, utilizando para isso todo o tipo de métodos entre os quais as falsificações, a mentira, a distração, a intimidação, o rumor, a desestabilização, etc.

Alguns deste métodos já se utilizam. Por exemplo, recentemente se demonstrou qual a campanha para culpar o governo sírio de cerca de 3.500 mortos entre a população civil, era falsa, inclusive se conheceu que esta maquiagem era sustentada por uma suposta organização muçulmana que tinha suas bases em...Londres?! Muitos dos nomes desta organização estão vivos e foram obtidos numa lista telefônica. Isto é um clássico exemplo de falsificação.

É importante que os sírios conheçam ao detalhe como se orquestram estas ações de Guerra informativa, para o qual deverão utilizar intensamente os MMD que possuem. Igualmente deverão apoiar-se nos meios de países amigos, com o fim de divulgar pelo mundo as ações que se desenvolvem pelos EUA e seus aliados ocidentais e do oriente médio.

De fato já está a caminho uma intensa campanha de descrédito com relação às medidas tomadas pelos governantes sírios para satisfazer as inquietudes da população. Faz-se necessário igualmente organizar uma contra-campanha no interior da Síria e na arena internacional para divulgar o verdadeiro conteúdo das medidas aplicadas pelo governo, seu alcance e benefícios. Para eles se devem utilizar os MMD, folhetos e outros meios que resumam as idéias colocadas. Um papel importante deverão jogar as ONGs que dentro do país apóiam sinceramente o processo de reestruturação.

Capítulo aparte merece a tentativa de desviar a atenção do conflito sírio com o conflito iraniano. Se bem é certo que para o "Eixo da Guerra" os dois países estão no alvo, o custo de uma agressão ao Irã seria, nas circunstancias atuais, impagável. A possibilidade de uma derrota deixaria muito debilitado os EUA, produzindo a Síndrome do Irã, igual que ocorreu com o Vietnã.

Neste momento o objetivo imediato é a Síria.

È igualmente relevante a preparação psicológica que se deve levar com a população e as FF.AA, para fortalecer o espírito de resistência e convicção na vitória. O inimigo tratará de intimidá-los por todos os meios, criar pânico e terror, ao princípio utilizando os MMD e a rádio (podem haver distribuído já

COADI/ SID

milhares de rádio-receptores sintonizados a uma freqüência que transmitem as emissoras "dissidentes"), que divulgariam as conseqüências dos conflitos no Afeganistão, Iraque e Líbia. Posteriormente utilizarão meios mais agressivos como os bombardeios indiscriminados e as novas tecnologias psicotrópicas desconhecidas. Contra isso se deverá preparar a população nas formas mais processor desconhecidas defesa civil que permitam minimizar os efeitos destas ações.

No caso das Forças Armadas é necessário elaborar um plano de contramedidas que devem incluir três etapas:

- a. Predição onde avaliarão as possíveis ações a desenvolver pelo inimigo, tendo em conta que esta é talvez a esfera em que mais encape se faz na atualidade dentro do Exército dos EUA e a que mais importância e recursos direcionam. Deve-se assumir que a influência psicológico-informativa sobre os membros das FF.AA será intensa e constante e incluirão todos os meios disponíveis panfletos, receptores de rádio sintonizados com as estações provocadoras, notas, mensagens televisivas, emissões de alto falantes. Nesta etapa deve-se prognosticar e identificar os possíveis temas e símbolos de operações psicológico-informativas que utilizará o inimigo com o objetivo de reduzir a sua eficácia e possibilitar sua neutralização.
- b. Prevenção nesta etapa deverão desenvolver ações que permitam a familiarização com as técnicas, métodos, meios e procedimentos que utilizará o inimigo contra eles, mostrando exemplos concretos de outros conflitos (ex. Afeganistão, Iraque e Líbia). Devem-se direcionar militares responsáveis de destruir toda a informação, panfletos, notas que o inimigo lance contra as tropas. Igualmente se deve desenvolver uma rede de emissoras de interferência que bloqueiem os sinais das emissoras subversivas.

Como meios eficazes de prevenção dos efeitos adversos nas tropas se deverá definir aqueles combatentes mais estáveis desde o ponto de vista psicológico e que estão com melhor capacidade de resistir a influência psicológico-informativa a que serão expostos e que "apadrinharão" os combatentes mais suscetíveis a estas ações. Igualmente quando se organizam missões de pequenos grupos, sempre se incluirá a algum combatente com estas características. Finalmente se deverá organizar por parte dos Chefes correspondentes o trabalho individual com cada combatente para desenvolver a auto-regulação psicológica.

Um princípio muito importante neste processo é informar os combatentes da realidade da situação. Somente se os explica a verdade os combatentes estarão em condições de assumi-la. Nada afeta mais a moral do combatente que as mentiras e as meias verdade que logo se desmoronam ante os feitos. É necessário inculcar que a vitória ou a derrota dependem deles, não dos de cima.

c. **Enfrentamento** – O enfrentamento à influência psicológico-informativa do inimigo sobre as tropas pode-se conseguir com diferentes métodos, o mais eficaz é a destruição dos meios que utiliza o inimigo nas operações, mas isto nem sempre é possível. É necessário que todos

estejam em alerta sobre as ações que realiza o inimigo, não se produza relaxamente, nem contatos sem controle com civis. Todos os materiais de propaganda devem ser recolhidos, e destruídos depois de terem sido estudados.

Tudo isso deve concluir-se com um trabalho de esclarecimento le 10 4 0 4 convencimento dos verdadeiros valores que defendem e do negativo e convencimento dos verdadeiros valores que defendem e do negativo e convencimento dos verdadeiros valores que defendem e do negativo e convencimento dos verdadeiros valores que defendem e do negativo e convencimento dos verdadeiros valores que defendem e do negativo e convencimento dos verdadeiros valores que defendem e do negativo e convencimento dos verdadeiros valores que defendem e do negativo e convencimento dos verdadeiros valores que defendem e do negativo e convencimento dos verdadeiros valores que defendem e do negativo e convencimento dos verdadeiros valores que defendem e do negativo e convencimento dos verdadeiros valores que defendem e do negativo e convencimento dos verdadeiros valores que defendem e do negativo e convencimento dos verdadeiros valores que as ações inimigas. Ante isso não podem esquecer os sírios que as ações de propaganda do inimigo não podem ser avaliadas mecanicamente como algo "ruim" por si, senão que além disso podem ser utilizadas como contra-propaganda e uma parte dela não merece atenção, somente se ignora.

De outra maneira o Governo sírio deverá implementar um sistema de recopilação de informação entre a população que os permita conhecer o que se diz e quais são as possíveis campanhas ou rumores que o inimigo faz girar entre a população e os membros das FF.AA. Desmascarar e depois esclarecer qualquer rumor é um aspecto que não se deve subestimar, sua minimização pode custar caro.

3. Contramedidas Militares – É neste campo onde o trabalho pode ser mais intenso por parte dos sírios. Devem compreender que existe um princípio que se confirmou pela história e diz que a guerra se ganha evitando-la. É necessário demonstrar o alto custo que traria a guerra ao agressor.

A experiência dos conflitos recentes nos indica que se desarmar, fazer concessões ou violar princípios, conduzem inevitavelmente à derrota e ao que é pior, a perda de uma inumerável quantidade de vítimas humanas, destruição do patrimônio nacional e a ignomínia de se converter num país sem liberdade nem independência.

Ante tudo, as FF.AA devem estar nestes momentos em sua máxima disposição combativa e trabalhando fortemente para um enfrentamento que parece inevitável.

É necessário trabalhar os mandos sírios nos seguintes aspectos:

- Elevar a disposição dos combatentes com o objetivo de conseguir uma alta capacidade de voluntarismo e de coesão combativa, fazendo encape na cooperação entre as forças e a estrutura de defesa territorial.
- Desenvolver aceleradamente um Plano para construir ou restabelecer as instalações de engenharia que os permita proteger e esconder as forças, os meios militares e civis, das ações do inimigo.
- Desconcentrar as forças e os meios para combater o agressor, com o objetivo de minimizar os efeitos dos bombardeios massivos ou ataques surpresa.
- Ante a eminência de um ataque, dirigir um primeiro golpe contra as instalações inimigas ao seu alcance.
- Deslocar adequadamente os sistemas de defesa antiaéreo disponíveis incluindo os novos S-300 recebidos da Rússia e que devem fazer a diferença em caso de utilizar-se corretamente. Não se deve repetir o erro do Iraque e da

Líbia onde os meios de defesa antiaéreo estavam praticamente desguarnecidos e desprevenidos ante os ataques "avisados" do inimigo. Os S-300 podem seguir até 12 objetivos e abater 6 de uma vez, incluindo os mais avançados "hipersônicos" (velocidades superiores a 5 mach).

- A utilização massiva de interferências eletrônicas, falsos objetivos e outros elementos que permitam confundir o inimigo, deverá ser uma missão a cumprir para a defesa ante a agressão.

- A forças de segurança na Síria devem levar a cabo durante este período e no futuro, um intenso trabalho de localização, infiltração e eliminação dos grupos irregulares e forças especiais que já devem estar operando no território. É muito provável que ante a impossibilidade de começar uma agressão em grande escala, estes grupos passem a ser a variante fundamental para quebrar o governo sírio e desorganizar o país. Contrapor com eficácia estes grupos pode deixar sem argumentos os agressores. A experiência demonstra, como no caso da Líbia, que por muito pequena que seja a atividade destes grupos, os MMD a serviço do "Eixo da guerra" se encarregarão de convertê-los em "massivas" expressões de "liberdade" pelo povo "oprimido", o que ao final se converte em pretexto para "salvar vidas inocentes".

V – O papel da Rússia e da China no conflito.

Há muito se fala nos círculos de analistas e jornalistas, meios massivos, grupos políticos, centros de estudo, e outros, do papel que deverão jogar a Rússia e a China no âmbito internacional. Devemos compreender que a China não é nem será uma potência mundial que tenha peso decisivo na política internacional. As razões desta afirmação são:

- Os chineses não tem mentalidade de grande potência. Sua filosofia se contradiz com a filosofia das grandes potências. Para eles 2+2=4, mas na política internacional isto quase nunca é verdade. Suas constantes concessões às grandes potências a deixam mais vulnerável e fácil de manipular.
- Não basta ter uma economia forte e uma força armada potente para ser grande potência. É necessário antes de tudo ter aliados e saber mantê-los. A China faz muito boas contas "econômicas", mas está desaprovada nas contas de geopolítica.
- O nível de penetração que tem o capital ocidental na economia da China tem muito peso para que eles possam decidir sem consequências.

Infelizmente isto se confirma neste caso. As últimas declarações do porta-voz chinês reconhecendo a Liga Árabe como organização capaz de conduzir o caso sírio e a petição a Damasco para que acate suas decisões, são uma demonstração de falta de peso e ambigüidade do gigante asiático. Não imaginam o quanto desejo que isto não fosse assim.

A Rússia é outra coisa. Os russos sim tem mentalidade de grande potência. É certo que as "imprecisões" da época de Gorbachov na extinta URSS e o posterior período anarquista de Yeltsin, converteram o Urso Russo em um mascote de pelúcia e perderam uma parte importante do seu protagonismo.

Os últimos passos da Rússia demonstram o enorme peso que este país tem na arena internacional e a necessidade que recupere seu valor como contrapeso à atitude hegemônica e unipolar do EUA. Bastou que se opuseram a intenção de demonizar a Síria; enviaram um destacamento de Tanques de Guerra ao porto de Tartu comandado pelo porta-aviões "Kuznetsov" que possui entre seus recurs argumentos" 15 caças SU-33, Sistema de mísseis P-700 (incluindo 12 Foguetes hipersônicos), Sistema de mísseis anti-aéreos com 192 foguetes; Complementos de neviaram os S-300 e as baterias de foguetes costeiros, para que os EUA e seus aliados se "congelassem".

Aparentemente a ação russa provocou uma desaceleração do plano de invasão à Síria.

È de se esperar que o ocidente mude o Plano e trate de jogar a carta do aumento da desestabilização interna, introduzindo armas e grupos subversivos, onde participariam mercenários, pelas porosas e extensas fronteiras sírias. Para isso contará com seus "aliados monárquicos" e, como é de se esperar, de Israel.

Trata-se de criar vários focos de violência para dar a impressão de uma "rebelião" generalizada que permita justificar sua nova afinidade pelas "revoluções".

Tudo isto será acompanhado com as pressões nos organismos internacionais (ONU, ou o que sobra dela; Comissão de DD.HH; Liga Árabe; Tribunal Internacional, etc), para pressionar a Rússia e colocá-la em uma situação embaraçosa.

Para a Síria sobra somente um caminho caso não queira sofrer o desastre do Afeganistão, Iraque ou Líbia: não titubear, continuar com suas mudanças que devem implementar sem fazer concessões e derrotar os mercenários que arma o "Eixo da Guerra", sejam internos ou externos.

O tempo corre contra eles. O titubeio custa caro. O jogo é duro e sem luvas, e a bola é de ferro e fogo.

Fontes:

- Centro de Estudos Estratégicos da Rússia.
- Psyfactor.
- Rusia Today

Tradução: Coletivo Paulo Petry – Núcleo da UJC/PCB formado por estudantes de medicina em Cuba.

O diretor da CIA busca nova equipe de assassinos seletivos

FREE D D C 4 D 7

El director de la CIÁ busca nuevo equipo para asesinatos selectivos

El secretario estadounidense de Defensa Robert Gates parece a punto de nombrar un nuevo asistente a cargo de las operaciones especiales, los conflictos de baja intensidad y los medios interdependientes: el coronel Michael A. Sheehan. El coronel Sheehan es un viejo especialista en asesinatos selectivos.

Estuvo en Panamá y en Salvador con las tropas terrestres estadounidenses, como uniformado estadounidense, y más tarde en Somalia, con los cascos azules de la ONU. Al pasar a la vida civil fue nombrado embajador itinerante para el contraterrorismo y, posteriormente, director adjunto de las fuerzas de paz de la ONU.

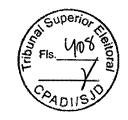
El segundo de Sheehan en sus nuevas funciones pudiera ser Mark Lippert, quien fue consejero militar de Barack Obama cuando este último era senador. Lippert fungió después como adjunto del consejero de seguridad nacional del presidente Obama y acaba de terminar un año de formación que lo alejó de las esferas del poder.

En el equipo figuraría también el coronel John Nagl, uno de los intelectuales cercanos al general David Petraeus. Nagl preside actualmente el Center for a New American Security.

La función del asistente del secretario de Defensa para las operaciones especiales, los conflictos de baja intensidad y los medios interdependientes consiste principalmente en planificar las operaciones secretas de comandos y los ataques con aviones no tripulados que tienen como objetivo el asesinato de «blancos militares» en cualquier lugar del mundo.

Desde su llegada a la Casa Blanca, el presidente Barack Obama ha aumentado los medios y el número de «black ops» [Término utilizado en inglés para designar las operaciones encubiertas o clandestinas. Nota del Traductor.] en relación con las ordenadas por sus antecesores. Obama extendió a 75 países diferentes, contra 60 bajo el mandato de Bush Jr., la realización de asesinatos destinados a la eliminación de quienes se oponen al imperialismo.





TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL SECRETARIA JUDICIÁRIA

PRESTAÇÃO DE CONTAS Nº 257-02.2012.6.00.0000

TERMO DE REMESSA

Aos 13 de janeiro de 2015, faço remessa destes autos à Assessoria de Exame de Contas Eleitorais e Partidárias (Asepa), no0s termos do despacho de fl. 273.

José Wilton Alves Freire Chefe da SEDAP/CPADI

P/ Continudade de Análise de respeito aus flus de análise respeito aus flus de análise produdo ma Anusonia (7. 29/01/2015